DONS ESPIRITUAIS

Uma perspectiva cessacionista



THOMAS R. SCHREINER

VIDA NOVA

DONS
ESPIRITUAIS





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Schreiner, Thomas R.

Dons espirituais : uma perspectiva cessacionista / Thomas R. Schreiner; tradução de Marcelo Siqueira Gonçalves. -- São Paulo : Vida Nova, 2019.

ISBN 978-85-275-0929-9

Título original: Spiritual gifts: what they are and why they matter

1. Dons espirituais 2. Glossolalia 3. Profecia I. Título II. Gonçalves, Marcelo Siqueira

19-1039 CDD 233.70882842

Índices para catálogo sistemático:

1. Dons espirituais

DONS ESPIRITUAIS

Uma perspectiva cessacionista



THOMAS R. SCHREINER

Tradução
Marcelo Siqueira Gonçalves

VIDA NOVA

©2018, de Thomas R. Schreiner
Título do original: *Spiritual gifts: what they are and why they matter*, edição publicada pelo B&H Publishing Group (Nashville, Tennessee, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2019
Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da Christian Standard Bible. As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV), da New International Version (NIV) e da New American Standard Bible (NASB).

Direção executiva
Kenneth Lee Davis

Gerência editorial
Fabiano Silveira Medeiros

Edição de texto
Norma Braga
Danny Charão

Preparação de texto
Tatiane Souza
Marcia B. Medeiros

Revisão de provas
Ubevaldo G. Sampaio

Gerência de produção
Sérgio Siqueira Moura

Diagramação
Sandra Reis Oliveira

Capa original e ilustração
Ligia Teodosiu

Adaptação da capa
Vania Carvalho

Produção do Ebook
Schäffer Editorial

Para

Wayne Grudem,
John Piper e
Sam Storms,

queridos amigos e companheiros
de ministério no evangelho de Cristo.

Sumário

Agradecimentos

Introdução

Um	Pontos fortes e pontos fracos do movimento carismático
Dois	Definição de dons espirituais
Três	Cinco verdades sobre os dons espirituais
Quatro	Outras cinco verdades sobre os dons espirituais
Cinco	Perguntas e respostas
Seis	O que é o dom de profecia?
Sete	Será que a profecia do Novo Testamento tem elementos de erro?
Oito	A natureza do dom de línguas
Nove	Como compreender o significado do dom de línguas
Dez	Argumentos não convincentes a favor da cessação dos dons

Onze Um argumento a favor do cessacionismo

Epílogo

Agradecimentos

Jamais teria escrito este livro se John Kimbell, pastor da igreja Clifton Baptist Church, não tivesse me pedido para falar sobre dons espirituais no retiro de homens da igreja. Mesmo depois de falar sobre o assunto, creio que não teria escrito este livro sem o incentivo de meu querido amigo, colega e vizinho de porta Oren Martin. Ele insistiu para que eu escrevesse este livro, e não o culparei caso o livro tenha uma recepção ruim! Testei também este material na Founders Baptist Church, em Spring, Texas, EUA. Richard Caldwell, que lidera essa igreja, tem sido um pastor e amigo maravilhoso a quem conheço há muitos anos. Sou grato ao B&H Publishing Group e a Devin Maddox e Taylor Combs pelo seu apoio magnífico e pelo incentivo para que eu escrevesse este livro.

Outro querido amigo, Chris Bruno, que é continuacionista, leu o manuscrito e fez algumas observações úteis. Um dos meus alunos de doutorado, Jarrett Ford, que também é continuacionista, leu o manuscrito, desafiando-me em vários pontos. Eu não o convenci, e ele não me convenceu, mas sou grato pela leitura cuidadosa de Jarrett, que me ajudou a aprimorar meu argumento. Jarrett também foi atrás de alguns detalhes nas notas de rodapé, pelo que lhe sou grato. Também sou grato a outro aluno do doutorado, Richard Blaylock, que leu o manuscrito cuidadosamente, poupando-me de alguns erros e teceu vários comentários que me ajudaram a

aprimorar o argumento. Também me beneficiei da dissertação de Richard sobre profecia, que espero ser aceita para publicação em breve. Richard também me ajudou a verificar algumas notas de rodapé.

Introdução

Meu desejo era escrever um livro curto sobre os dons espirituais com o intuito de apoiar uma posição chamada "cessacionismo" — pelo menos, uma forma específica de cessacionismo.[1] Este livro, porém, não trata apenas de cessacionismo, mas também esboça uma teologia dos dons espirituais. Espero que essa parte do livro não seja ignorada, pois todos temos a tendência de nos concentrar nas controvérsias. Em outras palavras, espero que os leitores não pulem os demais capítulos para ler apenas o que escrevi sobre cessacionismo. Penso que alguns farão isso, mas creio que, ao assim fazerem, acabarão perdendo um pouco da perspectiva do livro como um todo, e poderão, portanto, fazer uma leitura distorcida do que eu disse.

Antes de embarcar nesta jornada, quero expressar algumas observações de caráter pessoal. A primeira é: "Eu posso estar enganado ao defender o cessacionismo". A questão não é simples de resolver. Se fosse completamente clara, cristãos fiéis não teriam pontos de vista diferentes. Felizmente, a teologia dos dons espirituais, com seus variados pontos de vista, não é assunto de primeira ordem. Não estamos discutindo a Trindade, a pessoa de Cristo, nem a justificação pela fé.

Ao mesmo tempo, nossa compreensão sobre os dons espirituais é importante porque as igrejas têm de decidir se os dons serão exercitados na congregação. Nos círculos por onde ando, as pessoas quase sempre dizem

estar abertas em relação aos dons espirituais, todavia com cautela. O problema é que a maioria que mantém essa posição não pratica, na verdade, os dons espirituais. O que vejo, com menos frequência, é a defesa da ideia de que vários dons espirituais já cessaram. Muitas vezes igrejas cessacionistas não falam sobre os dons, e muitas pessoas nessas igrejas não têm certeza do que pensar nesse sentido.

Devemos ser instruídos sobre os dons porque Paulo disse em 1Coríntios 12.1: "Agora, quanto aos dons espirituais: irmãos e irmãs, não quero que sejam ignorantes". Alguns dizem que estão cansados dos dons espirituais porque já houve muita controvérsia sobre eles. Não querem mais ouvir falar do assunto. Já ouviram falar tanto disso ou discutiram tanto sobre isso, que não se importam mais. Paulo, porém, diz que é importante conhecer a verdade sobre os dons espirituais. Ele não quer que sejamos ignorantes em relação ao assunto. Então, nosso estudo importa, sim. É parte da Palavra revelada de Deus que devemos conhecer.

Hesitei em escrever este livrete porque não queria ser polêmico ou causar divisão. Como é enfadonho e cansativo envolver-se em discussões, especialmente com aqueles a quem amamos e prezamos! O clima pesado de algumas discussões afastou muitos desse tema. Por vezes, cristãos fiéis que creem na Bíblia têm uma maneira especial de calar a voz daqueles que discordam deles, mesmo sobre assuntos de segunda e terceira ordem. É mais confortável andar junto aos que concordam conosco. Às vezes criticamos duramente aqueles que discordam de nós, mas o que precisamos, na verdade, é de debates cuidadosos e amorosos. Debates respeitosos sobre assuntos em que divergimos são úteis. Nossa cultura está cada dia mais polarizada, e parece que muitos não conseguem tolerar aqueles que discordam em qualquer assunto. Querem viver em um espaço livre de qualquer voz divergente. Como cristãos, não devemos seguir o mesmo padrão. É bom termos convicções fortes, mas precisamos de discernimento criterioso para não cairmos no erro de pensar que todos os assuntos têm igual importância. Como evangélicos,

temos de estar atentos à falsa doutrina, mas também temos de estar alertas contra o fundamentalismo rígido que não tolera discordância. A incapacidade de tolerar certo nível de discordância não é encontrada apenas em círculos políticos; podemos cair no mesmo erro como evangélicos.

Alguns dos meus amados amigos e mestres discordam de mim nessa questão, dentre os quais estão John Piper, Wayne Grudem e Sam Storms. Tenho enorme respeito e amor por cada um desses homens, e lhes dediquei este livro para registrar o respeito e a admiração que nutro por eles. Todos me influenciaram de maneira significativa, especialmente John Piper, que foi meu pastor por onze anos. Mesmo discordando deles na questão que apresento, eu estaria contente em ser membro das igrejas onde congregam e que pastoreiam.

Um dos livros que me convenceram a permanecer continuacionista por alguns anos foi escrito por D. A. Carson,[2] autor de obras que me moldaram de maneira significativa em muitas outras áreas ao longo dos anos. Admito desde já que aqueles que divergem de mim podem ter compreendido as coisas de forma mais clara do que eu.

Minha intenção não é escrever um tratado profundo e acadêmico sobre a questão dos dons espirituais. Este é só um livro breve destinado a qualquer pessoa que queira obter mais conhecimento sobre o tema. Não pretendo interagir em detalhes com os diferentes pontos de vista, tampouco busquei resumir o que escreveram outros estudiosos. Aqueles que conhecem os escritos de Grudem, Storms e Carson reconhecerão que, aqui e ali, estarei interagindo com as suas visões, todavia meu propósito não é narrar outros pontos de vista. Ao contrário, meu objetivo é apresentar uma breve defesa de meu argumento. Desejo que este pequeno livro, que não é muito técnico, possa ser presenteado a pessoas que almejam ter acesso a uma breve análise dos dons espirituais. Por isso, os capítulos são relativamente curtos e poderão ser lidos rapidamente.

Perguntas para debate

1. Qual é sua história pessoal com os dons espirituais?
2. Na sua mente, que palavra está mais associada aos dons espirituais: *caos* ou *ordem*? *Pessoal* ou *comunitário*?
3. Por que é importante lembrar que a teologia dos dons espirituais não é um assunto de primeira ordem?

1 A definição mais concisa de cessacionismo é a crença de que certos dons espirituais no Novo Testamento — a saber, os dons mais miraculosos — já cessaram. Apresentarei essa ideia com mais detalhes ao longo do livro.

2 D. A. Carson, *Showing the Spirit*: *a theological exposition of 1Corinthians 12—14* (Grand Rapids: Baker, 1987) [edição em português: *A manifestação do Espírito*: *a contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios 12—14* (São Paulo: Vida Nova, 2013)].

Um



Pontos fortes e pontos fracos do movimento carismático

J. I. Packer observa vários pontos fortes e fracos no movimento carismático.[1] Creio que as palavras de Packer são teologicamente úteis e pastoralmente sábias, ajudando-nos a estabelecer um contexto para o nosso estudo dos dons, que não existiria se não fosse o movimento carismático. Desenvolvo brevemente as observações de Packer.

Pontos fortes: o que podemos aprender com os carismáticos

1. "*Vida cheia do poder do Espírito*. A ênfase é colocada na necessidade de ser cheio do Espírito e viver uma vida que, de uma forma ou de outra, demonstre o poder do Espírito".[2] Às vezes nós, evangélicos, tendemos a deixar de lado o Espírito Santo, e os carismáticos nos lembram da terceira pessoa da Trindade e da necessidade de sermos cheios do Espírito.

2. "*A emoção encontra expressão*. Há um elemento emocional na composição de cada indivíduo, que clama por ser expressado em qualquer apreciação genuína e acolhimento de amor ao próximo, seja o amor de um amigo, cônjuge, ou o amor de Deus em Cristo. Os carismáticos compreendem isso, e a sua disposição na exuberância visual, sonora e de movimento da adoração comunitária atende a essas necessidades".[3] A doutrina correta é importante, mas a nossa experiência com Deus também é.

Às vezes enfatizamos o pensamento correto, mas negligenciamos outras dimensões do que significa ser humano.

3. "*Espírito de oração*. Os carismáticos enfatizam a necessidade de cultivar o hábito da oração fervorosa, constante e de todo coração".[4] É muito importante que os cristãos estejam em comunhão com Deus, e os carismáticos nos lembram de nosso relacionamento pessoal com Deus.

4. "*Envolvimento de todo coração na adoração a Deus*. Os carismáticos [...] insistem que todos os cristãos devem estar pessoalmente ativos na adoração da igreja".[5] A adoração não é uma esfera exclusiva dos líderes, e os carismáticos enfatizam corretamente a adoração de todos os membros. O corpo, como um todo, ministra uns aos outros e os carismáticos captam essa verdade bíblica.

5."*Zelo missionário*".[6] Os carismáticos anseiam em ver mais pessoas convertidas e salvas, até os confins da terra. O movimento pentecostal/carismático é, em todo o mundo, o maior movimento cristão.

6. "*Ministério de pequenos grupos*. Como John Wesley, que organizou as Sociedades Metodistas em torno das reuniões semanais de doze membros sob os cuidados do seu líder, os carismáticos conhecem o potencial dos grupos".[7] A utilidade das reuniões de grupos menores foi reconhecida pelos cristãos à medida que o ministério de pequenos grupos se expandiu.

7. "*Vida comum*".[8] Os carismáticos ampliam o sentido de família nas igrejas.

8. "*Alegria*. Correndo o risco de parecerem ingênuos, estilo Poliana, e arrogantes, eles insistem que os cristãos devem se regozijar e louvar a Deus em todo tempo e em todo lugar, e o seu compromisso com a alegria está muitas vezes estampado em seu rosto, assim como brilhando em seu comportamento".[9] Há uma abertura ao Espírito e à confiança infantil, alegria e humildade, o que é alentador nesse mundo cínico.

9. *Crença real em Satanás e no demoníaco.*[10] Muitos cristãos dizem que acreditam em Satanás, mas os carismáticos levam o demoníaco a sério.

10. *Crença real nos milagres.* Ainda acreditamos que Deus pode realizar milagres, mas, às vezes, vivemos como deístas, como se Deus não estivesse atuante no mundo. Os carismáticos não cometem esse erro.

Pontos fracos: pontos fracos do movimento carismático

1. "*Elitismo*. Em qualquer movimento no qual acontecem coisas aparentemente significativas, o sentimento de ser uma aristocracia espiritual, de que 'somos o povo que realmente importa,' sempre ameaça de maneira profunda, e as advertências verbais contra essa síndrome nem sempre são suficientes para neutralizá-la".[11] É interessante observar que esse é o mesmo problema visto em 1Coríntios, onde aqueles que falavam em línguas se viam como espiritualmente superiores.

2. "*Sectarismo*. A intensidade fascinante da comunhão carismática, no país e no mundo todo, pode produzir um isolamento nocivo em que os carismáticos se limitam a ler livros carismáticos, ouvir palestrantes carismáticos, comungar com outros carismáticos e apoiar causas carismáticas".[12] Os carismáticos são, às vezes, incrivelmente restritos, e há pouca disposição em aprender com os outros ramos do cristianismo.

3. "*Anti-intelectualismo*. A preocupação carismática com a experiência inibe de forma inquestionável a longa e árdua reflexão teológica e ética para a qual as cartas do Novo Testamento chamam com tanta clareza".[13] A ênfase nas emoções pode desprezar e denegrir a importância do pensamento meticuloso. A interpretação cuidadosa das Escrituras e a teologia ortodoxa são muitas vezes ignoradas. Nos círculos acadêmicos carismáticos, a inerrância das Escrituras é negada com frequência, e nos círculos populares pode-se recorrer às revelações de Deus na vida diária, negando-se, de fato, a suficiência das Escrituras.

4. "*Iluminismo*. Tem-se feito clamores sinceros, mas iludidos de revelação divina direta na igreja desde os dias dos colossenses hereges e dos gnósticos cuja apostasia suscitou a carta de 1João, e como Satanás acompanha os passos de Deus, com certeza eles se repetirão até a volta do Senhor. Nesse ponto o movimento carismático, com a sua ênfase na orientação pessoal do Espírito e no reavivamento das revelações via profecia, é claramente vulnerável".[14] Alguns afirmam que Deus lhes fala diretamente e não estão abertos a qualquer correção ou questionamento dessas afirmações. A ênfase na revelação contemporânea pode comprometer ou até mesmo contradizer o ensino das Escrituras.

5. "*Carismania*. Essa é a palavra de Edward D. O'Connor para o hábito da mente que mede a saúde, crescimento e maturidade espiritual pelo número e imponência dos dons de alguém, e o poder espiritual por meio da manifestação carismática pública".[15] Na prática, 1Coríntios 13 — em que a nossa vida espiritual é medida por nosso amor pelos outros — pode ser ignorado.

6. "*Supersobrenatural*. O pensamento carismático tende a tratar a glossolalia, em que mente e língua estão deliberada e sistematicamente dissociadas, como o paradigma para a atividade espiritual, e a esperar que toda a obra de Deus em e entre seus filhos envolva a mesma descontinuidade com as regularidades normais do mundo criado."[16] A maior parte da vida é vivida de modo comum. Não vivemos um milagre por minuto. Os momentos mais importantes da nossa vida são, muitas vezes, invisíveis às pessoas e até mesmo a nós.

7. "*Eudemonismo*. Utilizo essa palavra para designar a crença segundo a qual Deus quer que passemos todo o nosso tempo nesse mundo decaído nos sentindo bem e em um estado de euforia baseado nesse fato. Os carismáticos podem desaprovar uma afirmação tão veemente, mas a projeção regular e esperada de euforia em suas plataformas e púlpitos, além de sua teologia padrão de cura, mostram que a hipótese está lá".[17] Muitos carismáticos

(embora não todos!) em todo o mundo abraçam o evangelho da saúde e prosperidade, e esse é claramente o falso evangelho mais popular no mundo. Quando lemos o Novo Testamento, fica claro que Deus, muitas vezes, chama o seu povo para sofrer, e o papel do sofrimento na vida cristã é muitas vezes negligenciado entre os carismáticos.

8. "*Obsessão demoníaca*".[18] Alguns veem demônios em todo lugar e identificam cada pecado com um demônio. Da mesma forma, a ênfase nos "espíritos territoriais" em alguns círculos é fora do normal e, muitas vezes, bem especulativa.

9. "*Conformismo*. A pressão para adequação a modos grupais (como as mãos levantadas, mãos estendidas, glossolalia, profecia) é forte nos círculos carismáticos".[19] As pessoas podem se sentir forçadas a ter as mesmas experiências espirituais, e podemos medir o nível de espiritualidade de alguém pelas emoções expressas ou por seus movimentos físicos.

10. *Centrados na experiência*.[20] Um perigo do movimento carismático e do evangelicalismo geralmente é a ênfase na experiência, de forma que a experiência prevalece e triunfa sobre as Escrituras. Experiências poderosas de Deus são dom de Deus, mas a Bíblia deve ter um papel fundamental para que a experiência não seja aceita como tendo autenticidade própria. A experiência é subordinada à Bíblia para não tornar-se árbitro do que é permitido. Ao contrário, a Bíblia é a autoridade final, e as experiências só devem ser aceitas se estiverem de acordo com a Bíblia.

O movimento carismático tem tanto pontos fortes quanto pontos fracos, áreas que desafiam as igrejas não carismáticas e áreas onde poderiam aprender das igrejas tradicionais. Para uma compreensão genuína dos dons, devemos nos voltar para a Bíblia, e essa é a nossa próxima tarefa.

Perguntas para debate

1. Quais pontos fortes do movimento carismático se destacaram para você? E quais pontos fracos?
2. Se você não vem de um contexto carismático, o que pode aprender com os seus irmãos e irmãs que vêm?
3. Se você vem de um contexto carismático, o que pode aprender com os seus irmãos e irmãs que não vêm?

1 J. I. Packer, *Keep in step with the Spirit: finding fullness in our walk with God*, rev. e ampl. (Grand Rapids: Baker, 2005) [edição em português: *Caminhando no poder do Espírito,* 2. ed. (São Paulo: Vida Nova, 2018)].

2 Ibidem, p. 151. Todos os itálicos nas citações são de Packer.

3 Ibidem.

4Ibidem.

5Ibidem, p. 152.

6 Ibidem, p. 153.

7 Ibidem.

8 Ibidem, p. 154.

9 Ibidem, p. 152.

10 Essas duas últimas características não estão incluídas na obra de Packer.

11 Ibidem, p. 155.

12 Ibidem.

13 Ibidem, p. 156.

14 Ibidem.

15 Ibidem, p. 156.

16 Ibidem, p. 157.

17 Ibidem.

18 Ibidem, p. 158.

19 Ibidem, p. 157.

20 Esse último ponto fraco não está incluído na obra de Packer.

Dois



Definição de dons espirituais

Terminologia

Quando pensamos em dons espirituais, é útil refletirmos sobre o que são os dons espirituais. Neste capítulo, apresentarei definições para os dons espirituais encontrados na Bíblia.

Paulo utiliza várias palavras para designar dons espirituais. Por exemplo, encontramos a palavra *pneumatika* (1Co 12.1; 14.1), e no último versículo ela é traduzida como "dons espirituais". A palavra *pneuma* no plural também designa dons espirituais.Os fiéis de Corinto eram "zelosos pelos dons espirituais (*pneumatōn*)" (1Co 14.12). E "os dons espirituais" (*pneumata*) dos profetas estão sujeitos aos profetas" (1Co 14.32, TA). Os dons espirituais também são identificados como uma "manifestação do Espírito" (*phanerōsis tou pneumatos*, 1Co 12.7). Todos esses termos enfatizam a *espiritualidade* dos dons, mostrando que eles vêm do Espírito Santo e, justamente por virem do Espírito Santo, eles são, então, sobrenaturais.

Outros termos enfatizam que recebemos *dons*.Por exemplo,Paulo utiliza o termo *charismata* (1Co 12.4; 12.31; Rm 12.6) para designar os dons. Em Efésios 4.7 a palavra "graça"(*charis*) é utilizada para fazer referência aos dons espirituais dados aos fiéis. No versículo seguinte (Ef 4.8) encontramos a palavra "dons" (*domata*). Com esses termos, aprendemos que as atividades ou habilidades espirituais (identificadas como "atividades" [*energēmata*] em 1Co 12.6) são concedidas por Deus. Não testificam o potencial humano nativo ou inerente, mas são *dons* de Deus. Além disso, a palavra "ministérios" (*diakonai*, 1Co 12.5) mostra que os dons não são concebidos para o auxílio próprio, mas

são dados para servir e fortalecer os irmãos. Eu definiria dons espirituais como dons da graça concedidos pelo Espírito Santo com o objetivo de edificar a igreja.

Dons espirituais são dons da graça concedidos pelo Espírito Santo com o objetivo de edificar a igreja.

Ken Berding defende que, ao referir-se aos dons espirituais, Paulo não tem em mente capacidades especiais de uma pessoa. Em vez disso, os dons designam funções e papéis ministeriais que as pessoas devem desempenhar.[1] Resolver essa questão não é o propósito principal deste livro, mas devo fazer alguns comentários. Berding enfatiza corretamente que os dons são dados aos cristãos para que sirvam e ministrem uns aos outros; eles não se concentram em nossas próprias habilidades. Parece-me, entretanto, que os papéis e capacidades ministeriais não são inimigos, mas amigos. Dons como profecia, ensino, línguas etc., parecem ser habilidades especiais concedidas aos fiéis, mas os dons são dados para a edificação da igreja. Se os transformamos em plataformas para admiração própria, estamos os utilizando da maneira errada.

Definições

A tabela a seguir lista os vários dons espirituais. A maioria concorda que a lista não é exaustiva, embora seja difícil saber o que se poderia acrescentar a ela. Por exemplo, a habilidade musical é um dom espiritual? Pode muito bem ser, e ainda assim é surpreendente que Paulo não a mencione. Em qualquer caso, não vou especular sobre outros dons espirituais que não estão listados, mas restringirei a análise àqueles citados no Novo Testamento. Apresentarei breves definições dos dons espirituais, com exceção do dom de línguas e de profecia, que serão analisados mais tarde.

Tabela de dons espirituais no Novo Testamento[2]

Romanos 12.6-8	**1Coríntios 12.7-10**	**1Coríntios 12.28**	**Efésios 4.11**
Tendo diferentes dons de acordo com a graça dada a nós	*A cada um é dada a manifestação do Espírito para o bem comum*	*Deus estabeleceu para a igreja*	*Ele designou alguns para*
		Apóstolos	Apóstolos
Profecia	Profecia	Profetas	Profetas
			Evangelistas
	Capacidade de discernir espíritos		
Ensino	Palavra de sabedoria e palavra de conhecimento	Mestres	Pastores e mestres
Exortação			
	Realização de milagres	Milagres	
	Dons de cura	Dons de cura	
Serviço		Ajuda	
Liderança		Administração	
	Diferentes línguas	Diferentes línguas	
	Interpretação de línguas		
Contribuição			
	Fé		
Misericórdia			

Ensino

Os primeiros dons mencionados em 1Coríntios 12.8 estão entre os mais difíceis de definir com precisão. São eles: "mensagem de sabedoria" e "mensagem de conhecimento" ("palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento," literalmente). Em círculos populares, alguns têm dito que conhecimento é compreensão acadêmica, enquanto sabedoria representa a capacidade de aplicar o conhecimento. Contra isso, não há justificativa bíblica para dizer que conhecimento seja apenas acadêmico, como se o conhecimento nas Escrituras não se aplicasse à vida diária. Outros têm sustentado que a "palavra de conhecimento" é a compreensão sobrenatural de um pecado do outro, um problema, uma doença etc., de forma que se pode discernir se alguém tem câncer ou está lutando contra algum pecado particular. Essa última definição, entretanto, parece se encaixar com a profecia, que já está mencionada nessa lista, e não com o conhecimento.

Eu tendo a crer que tanto "mensagem de sabedoria" quanto "mensagem de conhecimento" se referem ao dom de ensino.[3] Paulo não menciona o ensino na lista de dons de 1Coríntios 12.8-10, e o dom é tão importante em Paulo que está incluso em todas as outras listas de dons espirituais (1Co 12.28-30; Rm 12.6-8; Ef 4.11). Parece improvável que ele o deixasse de fora aqui, e outra evidência ainda aponta para uma referência ao ensino. Por exemplo, em 1Coríntios 1.18—2.16, a sabedoria está ligada à proclamação de Jesus Cristo como o crucificado. O uso que Paulo faz de "palavra" (*logos*), que encontramos em "mensagem de sabedoria" (*logos sophias*) e "mensagem de conhecimento" (*logos gnōseōs*), também aponta para o ensino. Paulo, muitas vezes, refere-se à mensagem que ele pregava como "palavra de Deus" (Rm 9.6; 1Co 14.36; 2Co 2.17; 4.2; Fp 1.14; Cl 1.25; 1Ts 2.13; 1Tm 4.5; 2Tm 2.9; Tt 2.5), "palavra da fé" (Rm 10.8), "palavra da verdade" (2Co 6.7; Cl 1.5; 2Tm 2.15; Ef 1.13), "palavra do Senhor" (1Ts 1.8; 2Ts 3.1) e "palavra da vida"(Fp 2.16).[4] "Conhecimento"em Paulo também está ligado à compreensão, o que se encaixa bem com o papel do ensino (cf. Rm 15.14; Ef

1.17; 4.13; Fp 1.9,10; Cl 1.9,10; 2.2-4; 3.9,10; 1Tm 2.4; 2Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1). Tudo isso sugere que a *palavra* de sabedoria e a *palavra* de conhecimento se relacionam ao ensino. Não é surpreendente que as expressões se refiram a um dom, já que as distinções entre os vários dons nem sempre são rigorosas.

Também sugiro que 1Coríntios 14.6 apoia a ideia de que "conhecimento" se refere ao ensino. "Agora, irmãos e irmãs, se eu for visitá-los e falar em línguas, em que serei útil a vocês, a não ser que leve alguma palavra de revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou ensino?" Se olharmos o versículo com cuidado, ele parece ter um padrão ABAB.

A Revelação	B Conhecimento
A^1 Profecia	B^1 Ensino

Os que profetizam entregam uma revelação, e os que ensinam fornecem conhecimento, então nos dois casos a consequência, ou resultado, ou produto do dom é apresentado em primeiro lugar. Se esse for o caso, quando Paulo fala do conhecimento chegando ao fim em 1Coríntios 13.8, ele está se referindo ao dom do ensino. Ele reconhece que quem tem o dom do ensino apenas "conhece em parte" (1Co 13.9), e o conhecimento completo só nos será dado na segunda vinda (1Co 13.12).

O dom do ensino também é observado em todas as demais listas de dons espirituais (Rm 12.7; 1Co 12.28,29; Ef 4.11). A importância do ensino é especialmente enfatizada nas Epístolas Pastorais (1Tm 1.10; 2.7,12; 4.1,6,11,13,16; 5.17; 6.1-3; 2Tm 1.11; 3.10,16; 4.3; Tt 1.9,11; 2.1,7,10). Os mestres expõem, explicam e revelam a Palavra de Deus, transmitindo instrução com base na verdade já revelada. Isto é diferente da profecia no sentido de que não se baseia em uma nova revelação, e todos os presbíteros deveriam ter esse dom, ao menos em parte (1Tm 3.2; Tt 1.9).

Fé

O dom da fé (1Co 12.8) não pode ser o mesmo que a fé salvadora, já que todos os cristãos a tem. Assim, o dom da fé deve se referir a uma fé e visão de futuro extraordinárias. Parece que Paulo tem esse dom em mente quando fala da fé que "pode mover montanhas"(1Co 13.2). Talvez a "oração da fé" exercida pelos presbíteros quando alguém está doente (Tg 5.15) também possa ser um exemplo do dom da fé.

Curas e milagres

Os dons de cura e milagres estão naturalmente interligados (1Co 12.9,10). Alguns intérpretes veem significado no plural: "dons de cura" (*charismata iamatōn*), como se o dom não estivesse sempre disponível, mas apenas às vezes presente. Isso pode ser verdade, embora seja difícil ter certeza já que o plural representa uma base muito tênue para tirar qualquer conclusão. De qualquer maneira, parece difícil falar em qualquer sentido significativo de um *dom* de cura a menos que alguém tenha a habilidade de curar com pelo menos alguma regularidade. Curas e milagres podem se sobrepor assim como sabedoria e conhecimento. Talvez cura tenha relação com a cura da cegueira, do câncer, da surdez etc., ao passo que "milagres" talvez façam referência ao exorcismo e ao poder sobre acontecimentos da natureza.

Discernimento de espí ritos

"Discernir espíritos" (1Co 12.10) reflete a habilidade de discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso. Talvez vejamos esse dom em ação quando Paulo se irrita com a escrava "que tinha um espírito pelo qual predizia o futuro" (At 16.16). Ela elogiou Paulo e Silas com as palavras: "Estes homens que estão proclamando a vocês o caminho da salvação são servos do Deus Altíssimo" (At 16.17). Podemos achar que Paulo se agradaria dessas palavras, por serem

verdade, e até mesmo uma boa propaganda! Só que Paulo discerniu o espírito maligno dentro dela e expulsou o demônio, compreendendo a verdadeira fonte do seu poder (At 16.18). Quem tem o dom do discernimento conhece bem as Escrituras e, dessa forma, está particularmente equipado para "provar os espíritos e julgar se eles procedem de Deus" (1Jo 4.1).

Ajuda

Paulo também menciona o dom de "ajudar" (1Co 12.28), que é um dos dons mais práticos por designar as várias maneiras com que essa ajuda pode ser oferecida. O dom de ajudar é provavelmente o mesmo que o dom de "serviço" (*diakonia*, Rm 12.7). Talvez muitos que servem como diáconos nas igrejas tenham o dom de ajudar (cf. Fp 1.1; 1Tm 3.8-11). Com certeza, o dom não é limitado aos diáconos. Na história da igreja, não existiu nenhum movimento dramático de pessoas buscando ardentemente o dom de ajudar! Mesmo assim, este é um dos dons mais úteis e importantes da igreja, e nenhuma igreja consegue funcionar com efetividade sem ele. Talvez esse seja também o momento para dizer que ninguém pode se recusar a oferecer ajuda prática com a desculpa de que não tem o dom de ajudar!

Administração

Também encontramos o dom de "administração" (*kybernēseis*, 1Co 12.28). A palavra em Provérbios está relacionada à orientação, à direção que devemos tomar na vida (Pv 1.5; 11.14; 24.6). A palavra relacionada *kybernētēs* se refere a pilotos ou comandantes de uma embarcação (Ez 27.8,27,28; At 27.11; Ap 18.17). O dom de "liderança" (*ho proistamenos*, Rm 12.8) provavelmente designa o mesmo dom. Em Romanos, alguns o entendem como o ato de prestar auxílio ou cuidar dos outros, mas em 1Tessalonicenses 5.12 e em 1Timóteo 3.4,5; 5.17 o mesmo termo denota liderança. Uma das maiores necessidades das igrejas é a liderança piedosa e visionária. Assim, esse dom

tem um papel significativo em cada igreja, pois sem direção as igrejas se tornam estagnadas e ficam à deriva.

Exortação

O dom da exortação (*paraklēsis*) é visto em Romanos 12.7. Esse dom, provavelmente, é mais amplo e inclui o incentivo a uma vida com integridade e a demonstração de cuidado pastoral aos aflitos e angustiados. O aconselhamento pastoral se encontra sob o dom da exortação, que, como já vimos, é um dos ministérios centrais nas igrejas onde os membros se preocupam uns com os outros de maneira concreta. A pregação, provavelmente, representa uma combinação dos dons de ensino e exortação. Alguns pregadores se sobressaem no lado do ensino, enquanto outros se sobressaem na exortação. Os melhores pregadores mesclam bem esses dons.

Contribuição

Outro dom é a "contribuição," que significa dar de sua riqueza e bens para auxiliar os outros (Rm 12.8). Todos os cristãos são chamados a serem generosos e a contribuir, mas alguns contribuem de maneira notável e incomum.

Misericórdia

Outros têm o dom da misericórdia (Rm 12.8). Quem tem o dom da misericórdia tem uma capacidade especial de ministrar aos que sofrem. Todos os cristãos, é claro, devem demonstrar compaixão, mas quem tem o dom da misericórdia tem um jeito especial de atender aos que sofrem.

Evangelismo

Alguns têm o dom do evangelismo (Ef 4.11).Timóteo é exortado a "fazer a obra de um evangelista" (2Tm 4.5), que significa proclamar as boas novas de Jesus Cristo aos pagãos. Todo cristão deveria estar preparado para compartilhar da esperança que há nele (1Pe 3.15), mas alguns têm o dom especial para tal. Plantadores de igreja e missionários, em particular, exercem esse dom, mas o dom também pode estar presente em comunidades onde já existem igrejas.

Apóstolo

Paulo também fala daqueles que têm o dom de apóstolo (1Co 12.28,29; Ef 4.11). No sentido mais estrito do termo, o dom do apostolado se refere especificamente àqueles que viram o Senhor ressurreto e foram comissionados por ele (Mc 3.14; Lc 6.13; At 1.15-26). Claramente, os doze apóstolos se encaixam nessa qualificação, e Paulo foi chamado por Jesus Cristo para ser apóstolo no caminho de Damasco (At 9.1-19). Paulo também viu o Senhor ressurreto em sua conversão, como deixa claro o texto de 1Coríntios 9.1,2: "Não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Não são vocês resultado do meu trabalho no Senhor? Se não sou apóstolo para outros, pelo menos o sou para vocês, pois vocês são o selo do meu apostolado no Senhor".

O círculo apostólico não está limitado aos Doze, como deixa claro o chamado de Paulo para ser apóstolo. Além do mais, é bem nítido que Tiago, o irmão de Jesus, também era apóstolo (Gl 1.19). O papel de autoridade de Tiago em Jerusalém confirma o seu ministério apostólico, pois ele, junto com Pedro e João, teve um papel central na confirmação do evangelho de Paulo (Gl 2.1-10). Tiago também deu a última e decisiva palavra no Concílio de Jerusalém, declarando que a circuncisão não era uma exigência para que os gentios pertencessem ao povo de Deus (At 15.13-21). Alguns outros podem ter também agido como apóstolos nesse sentido técnico, incluindo Silas (At 15.21; 16.25) e Barnabé (At 4.36; 9.27; 14.4,14). A palavra, em um sentido menos técnico, pode representar missionários pioneiros, em que os enviados

não têm a mesma autoridade que os apóstolos mencionados acima. Andrônico e Júnia são chamados apóstolos (Rm 16.7), e provavelmente eram um casal missionário bem conhecido por sua obra em espalhar o evangelho.

Conclusão

Neste capítulo me empenhei em fornecer definições breves dos vários dons, exceto os dons de línguas e de profecia. Vimos que existe uma grande variedade de dons, que podemos dividir, em linhas gerais, em duas categorias: dons de oratória e dons de serviço (1Pe 4.11). Mesmo essa divisão não é perfeita, porque quem fala também serve àqueles a quem se dirige, e quem serve também fala enquanto ministra. Os dons de oratória incluem apostolado, profecia, ensino, evangelismo, exortação, discernimento de espíritos, o falar em línguas e a interpretação de línguas. Os dons de serviço incluem liderança, ajuda, misericórdia, contribuição, fé, cura e milagres. O nosso Deus é criativo e infinitamente sábio, e a sua criatividade e sabedoria estão refletidos nos dons que deu à igreja de Jesus Cristo.

Perguntas para debate

1. Como este capítulo define os dons espirituais?
2. Você aprendeu algo novo com as definições dos vários dons espirituais analisados neste capítulo?

1 Veja Kenneth Berding, *What are spiritual gifts? Rethinking the conventional view* (Grand Rapids: Kregel, 2006).

2 Os dons não estão, necessariamente, na ordem em que estão listados no texto bíblico.

3 Veja Graham Houston, *Prophecy: a gift for today* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1989), p. 103-6.

4 Todas as traduções aqui são minhas, já que as versões em inglês alternam entre *palavra* e *mensagem*, e eu traduzi todas como *palavra* para ficar mais claro.

Três



Cinco verdades sobre os dons espirituais

Neste capítulo, e no próximo, investigaremos algumas verdades pastorais importantes sobre os dons espirituais. Analisaremos cinco verdades neste capítulo e outras cinco no próximo.

O senhorio de Cristo

Começamos pelo começo — observando que os dons devem ser exercidos sob o senhorio de Cristo. Paulo apresenta o tópico dos dons espirituais com a verdade fundamental do senhorio de Jesus. "Agora, quanto aos dons espirituais: irmãos e irmãs, não quero que sejam ignorantes. Vocês sabem que, quando eram pagãos, costumavam ser fortemente atraídos e levados pelos ídolos mudos. Por isso quero que saibam que ninguém, ao falar pelo Espírito de Deus, diz: 'Jesus seja amaldiçoado'; e ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor' a não ser pelo Espírito Santo" (1Co 12.1-3). O senhorio de Cristo é o critério pelo qual os dons são avaliados. Em outras palavras, os nossos dons não são manifestações de nós mesmos ou de nossas próprias habilidades, mas devem comunicar a verdade de que Jesus é Senhor.

Experiências espirituais extáticas não são o centro da nossa fé. Quando Deus nos concede experiências poderosas de sua presença, louvamos a ele por se aproximar de nós de maneira tão graciosa. Não deveríamos e não devemos desconsiderar essas experiências com Deus. Ao mesmo tempo, reconhecer Jesus como Senhor em nosso coração e em nossa vida é muito mais importante do que qualquer experiência maravilhosa com o Senhor.

O senhorio de Cristo é o critério pelo qual os dons são avaliados.

Alguns afirmam ter tido experiências maravilhosas, mas não vivem sob o senhorio de Cristo em sua vida diária. Uma pessoa pode afirmar ter dons incríveis, mas se não está vivendo em submissão ao Senhor Jesus Cristo, está fracassando na área mais importante. Jesus nos alertou: "Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?' Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!" (Mt 7.21-23). Alguns (é claro que há muitas exceções significativas!) no mundo carismático têm a reputação de ter dons extraordinários, até que ficamos sabendo que estas pessoas estão vivendo de forma contrária ao evangelho há anos. Devemos questionar se alguém está exercendo os dons espirituais de maneira realmente útil quando há um padrão de pecado oculto ou evidente em sua vida. Em um mundo onde as experiências subjetivas são muitas vezes utilizadas como medida para a nossa vida espiritual, Paulo nos traz de volta ao padrão objetivo da experiência cristã — o senhorio de Jesus.

Como Jesus é o Senhor, ele pode dar os dons conforme a sua vontade. A Bíblia não diz em lugar nenhum que os cristãos têm apenas um dom. Como Jesus é o Senhor, ele pode dar a alguém um dom, dois ou muitos. A Bíblia não diz que cada pessoa tem *apenas* um dom, portanto devemos deixar essa questão aberta, reconhecendo que Deus nos concede os dons de forma soberana, de acordo com a sua vontade. Ele dá o que deseja para cumprir os seus propósitos. Também é possível que Deus conceda dons de milagres, curas, sinais e maravilhas em uma situação missionária pioneira. Defenderei mais tarde que essa situação não é comum, e mesmo no campo missionário

não podemos esperar que isso aconteça, pois é a exceção, não a regra. Não obstante, Deus pode agir conforme lhe aprouver.

Vemos outra dimensão da vida sob o senhorio de Cristo em 1Pedro 4.10,11: "Assim como cada um recebeu um dom, que o use para servir os outros, como administrador fiel da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus. Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo. A ele seja a glória e o poder, para todo o sempre. Amém". Se estamos usando os nossos dons para a glória de Deus, e estamos vivendo sob o senhorio de Cristo, usamos os nossos dons para *servir* os outros. Sentimos uma responsabilidade enorme diante de Deus de exercer os nossos dons conforme ele deseja. Servimos sob o senhorio de Deus quando somos fiéis ao falar, para comunicar os oráculos de Deus. É maravilhoso que Deus nos tenha dado o privilégio de proclamar a sua palavra, que traz graça aos outros. Pedro não está falando aqui apenas sobre pregar sermões, porque todos compartilhamos a palavra de Deus, seja em grupos pequenos, seja um a um.

Por fim, por nós mesmos, não temos a força, nem a habilidade de servir de forma que agrade a Deus. A eficácia dos nossos dons espirituais não reside em nós. Temos consciência da nossa fraqueza e da grande força de Deus. Deus, em sua misericórdia, não deixa que conheçamos a plenitude da efetividade dos nossos dons, para não nos sentirmos orgulhosos. Ele nos deixa sentir fraqueza, para que a sua força brilhe por meio de nós. Reconhecemos que somos servos inúteis, mas, ao mesmo tempo, somos servos gratos — pois Deus nos escolheu para sermos usados no auxílio aos outros em graça. E, assim, enquanto servimos sob o senhorio de Cristo, damos glória e louvor a Deus em tudo o que fazemos.

Tenha uma visão equilibrada sobre seus dons

A segunda verdade é que não devemos superestimar a nossa piedade ou eficácia. Paulo abre a sua análise sobre os dons espirituais em Romanos com essas palavras de Romanos 12.3: "Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu". É apropriado citar aqui as palavras do grande comentarista alemão, Adolf Schlatter, sobre esse versículo. Se você acha as suas palavras difíceis de entender, recomendo que as leia de novo, devagar e de maneira minuciosa, porque o que Schlatter diz aqui é cheio de percepção:

> Paulo resiste ao perigo que surge do poder tentador presente na ideia de igualdade. Todos querem ser e fazer como os outros; ninguém quer ser menos piedoso do que o outro. O perigo que se segue ao esforço igualitário[1] não é a paralisação da fé, nem o naufrágio de seus esforços sob o que poderia ser feito pela fé, mas o exagero de seu pensamento na direção de desejos impossíveis e a inflamação de sua vontade na direção de esforços além da sua força. A fé protege contra isso porque liberta da luta egoísta por poder e excelência, deseja a vontade divina e obedece a liderança de Deus. Se agimos pela fé, purificamo-nos de nossas pretensões e independência orgulhosas, e nos esforçamos para utilizar o que nos foi atribuído em nossa vida interior e em nossa associação com os outros. Isso dissipa as fantasias e abre os nossos olhos para a realidade.[2]

As instruções de Paulo aqui são muito práticas. Devemos reconhecer quem Deus nos fez para ser e evitar nos tornar quem não somos. É tentador tentar imitar os outros e viver baseado na fé que Deus deu a eles. Quando consideramos alguém que admiramos, ou que nos influenciou, podemos começar a pensar se devemos nos tornar o que eles são. Precisamos considerar, entretanto, o que Deus nos chamou para ser. Se Deus não nos chamou para servir na missão, não devemos tentar ser missionários. Tenho visto alguns alunos chegarem ao seminário para estudar porque tiveram um encontro profundo com Deus, e concluíram que foram chamados ao

ministério. Bom, eles podem ter sido chamados para o ministério, mas alguns claramente não foram chamados para certas posições ministeriais. Sentem-se decepcionados e, talvez, até mesmo desiludidos quando não conseguem uma posição ministerial particular. Deveríamos reconhecer, além disso, que a alegria no Senhor não significa, necessariamente, que devemos estar no ministério. Precisamos de cristãos entusiasmados nos escritórios de advocacia, bancos, indústria, assim como de cristãos encanadores, eletricistas e construtores.

Precisamos de cristãos entusiasmados nos escritórios de advocacia, bancos, indústria, assim como de cristãos encanadores, eletricistas e construtores.

O Senhor nos chama a avaliarmos nossos dons de maneira realista, e é aqui que os irmãos podem nos ajudar, pois nossos dons não refletem apenas o que pensamos de nós mesmos. Outros membros do corpo de Cristo podem e devem nos ajudar a discernir e confirmar os dons na nossa vida. Às vezes, eles nos ajudam a perceber que o dom que pensamos ter não é a área em que devemos concentrar as nossas energias, afinal de contas. A necessidade de discernir o nosso chamado é muito prática e se aplica a diversas áreas da vida. Você pode não ter o dom da música, nem ser um pregador eloquente, mas observa os que sofrem e estende a mão para eles (este é o dom de misericórdia!), ou tem a disposição de servir nos bastidores (dom de ajuda!). Devemos florescer onde Deus nos plantou e encontrar o nicho onde Deus nos colocou para, então, viver com toda a nossa força para a glória de Deus.

Uma avaliação realista da vida, de nossos dons e talentos, traz grande contentamento sobre o nosso lugar se descansamos em Deus. Quantos vivem infelizes porque não estão contentes com o que Deus lhes deu? Anseiam e se agarram a uma grandeza que Deus não idealizou para eles. Tive um aluno que me disse certa vez que seria o próximo Francis Schaeffer! Ele era jovem, e tenho certeza de que logo percebeu que esse desejo era uma fantasia e um

sonho fora da realidade. Não devemos ansiar por uma grandeza que Deus não idealizou para nós. Devemos pensar de maneira sensível sobre nós mesmos, e não devemos ter um conceito demasiadamente elevado sobre nós mesmos. Devemos ser como João Batista, satisfeito de que Jesus estava crescendo e ele, diminuindo (Jo 3.30). O desejo de João quanto a diminuir é notável, porque os seus discípulos estavam o instigando, preocupados com a sua reputação (Jo 3.26). João reconheceu, entretanto, que o seu lugar na vida era designado por Deus, que "ninguém pode receber nada, a não ser que lhe seja dado dos céus" (Jo 3.27). Não devemos, portanto, ansiar por uma grandeza que Deus não idealizou para nós, mas encontrar contentamento em nossa vida, sem superestimar os nossos dons ou desejar dons que não nos foram dados.

A diversidade e os resultados dos dons vêm de Deus

Em terceiro lugar, a variedade dos dons espirituais e os resultados desses dons vêm do próprio Deus. O que vemos aqui é similar à exortação de Romanos 12.3, onde Paulo fala contra o desejo de igualdade, o desejo de que todos sejam o mesmo. Esse desejo vai contra um dos propósitos fundamentais de Deus ao conceder os dons. "Há tipos diferentes de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem produz cada dom em cada um" (1Co 12.4-6). Nesses maravilhosos versículos trinitários, observamos o alerta para evitar o erro de pensar que Deus quer que todos tenham os mesmos dons, os mesmos ministérios, e os mesmos resultados. É impressionante como o Espírito, o Filho e o Pai são incluídos nesses versículos, o que reforça em nós a origem divina dos dons. Vemos aqui que todos os membros da Trindade trabalham juntos para nos conceder os dons. Os nossos dons vêm do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mostrando que a fonte de nossos dons é o Deus Triúno.

Paulo nunca pensou que todas as pessoas na igreja teriam o mesmo dom, nem que deveriam ter o mesmo dom. “Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo. Assim, na igreja, Deus estabeleceu primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois os que realizam milagres, os que têm dons de curar, os que têm dom de prestar ajuda, os que têm dons de administração e os que falam diversas línguas. São todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Têm todos o dom de realizar milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos em línguas? Todos interpretam? Entretanto, busquem com dedicação os melhores dons” (1Co 12.27-31). As palavras de Paulo, aqui, não poderiam ser mais claras. A intenção de Deus nunca foi que uma pessoa tivesse ou exercesse todos os dons. Ele quer remover de sua mente qualquer conceito de que todos os dons estão igualmente acessíveis a todos os fiéis.

Nossos dons não nos tornam inferiores ou superiores

Em quarto lugar, ter um dom espiritual diferente não significa ser inferior ou superior. Como nos sentimos em relação aos nossos dons é parte central do ensino de Paulo. Assim, ele ensina com mais detalhes as implicações da unidade e da diversidade do corpo de Cristo. Em 1Coríntios 12.14 ele diz: “O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos” (NIV). O corpo de Cristo é caracterizado pela unidade e pela diversidade. Somos um corpo em Cristo, mas, ao mesmo tempo, o corpo consiste em muitos membros diferentes. Alguns membros do corpo são tentados, em vários momentos, a se sentirem inferiores. “Se o pé disser: ‘Porque não sou mão, não pertenço ao corpo’, nem por isso deixa de fazer parte do corpo” (1Co 12.15). Você pode pensar: “Sou apenas um humilde e desajeitado pé, não uma mão útil e produtiva”. De outra perspectiva, você pode pensar que é apenas uma orelha

feia e disforme, e não um belo olho. “E se a orelha disser: ‘Porque não sou olho, não pertenço ao corpo’, nem por isso deixa de fazer parte do corpo” (1Co 12.16).

Ter um dom espiritual diferente não significa ser inferior ou superior.

O corpo de Cristo é composto por muitos membros. Não há nenhum tipo de mesmice entediante.É tentador nos compararmos com outros e nos sentirmos inferiores. Costumamos nos perguntar se estamos atendendo às expectativas e se estamos vivendo à altura dos outros. Ao fazer isso, perdemos a perspectiva que Deus tem do corpo e do nosso ministério. Um *pé* pode pensar: “Não sou tão atraente e valioso como uma mão” e, assim, pensar que não tem um papel vital dentro do corpo, contudo ele é uma parte vital e crucial do corpo. Sem o nosso pé, ou com o pé machucado, ficamos gravemente limitados. Da mesma forma, uma orelha pode não ser tão atraente quanto um olho, mas é vital ao corpo. Se nosso ouvido começa a dar problemas, notamos rapidamente.

Às vezes confundimos os nossos sentimentos de inferioridade com humildade, só que os sentimentos de inferioridade também pode ser uma forma de orgulho às avessas. Não queremos que vejam as nossas deficiências. Contudo, é importante observarmos que Paulo não exorta os coríntios no seu sentimento de inferioridade, antes ele os estimula. Não devemos pensar que o orgulho sempre deve ser reprovado ou exposto. Muitas vezes, quando nos sentimos fracos, precisamos de estímulo. Paulo nos lembra que fomos criados à imagem de Deus, que todos temos um papel valioso. Não devemos, simplesmente, dizer a uma pessoa que sofre com sentimentos de inutilidade: “Você também é orgulhoso e arrogante!”. Ao contrário, Paulo estabelece como exemplo que devemos lembrá-los de sua importância para o corpo. Ele anima o coração deles.

Se você pensa: “Não tenho nenhum dom. Não tenho valor para ninguém”, o seu pensamento sobre si mesmo está incorreto. Deus lhe deu fé,

ele o fez e o criou para ser um auxílio significativo para outros. Não rejeite o que Deus fez em sua vida rebaixando-se. Podemos sentir que os nossos dons são insignificantes ou sem importância, mas estamos errados. A contribuição de cada membro do corpo é valiosa. Todas as suas contribuições para sua igreja são fundamentais, e isso é verdade para cada membro do corpo. Se você está se sentindo inferior em relação ao seu papel no corpo, então os seus sentimentos, assim como os nossos sentimentos, estão desajustados.

A contribuição de cada membro do corpo é valiosa.

Embora nenhum membro do corpo seja inferior, vemos também que nenhum membro do corpo é completo em si mesmo. Isto fica muito claro em 1Coríntios 12.17-20. "Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, há muitos membros, mas um só corpo." Imagine se seu corpo fosse apenas um olho, e um olho gigante rolasse na sala, em vez de seu corpo inteiro. Ou imagine que, em vez de um corpo humano inteiro, fôssemos todos grandes orelhas. Isso não seria extremamente grotesco? Paulo nos lembra de verdades elementares, mas fundamentais aqui. Olhos sem orelhas não são corpos completos. Orelhas sem nariz não são corpos completos. Nenhum membro do corpo é abrangente; corpos, por definição, são formados de muitos membros, e não funcionam como corpo de outra forma.

Enquanto escrevo isso, está acontecendo o Mundial de Beisebol. Na noite passada, Clayton Kershaw, do Los Angeles Dodgers, fez um lance que foi uma verdadeira obra de arte, e os Dodgers venceram o Houston Astros no primeiro jogo da série. Todavia, tente imaginar Kershaw, por maior que seja, dizendo que não precisava do resto do time para vencer. Ele não poderia vencer o jogo sozinho, porque o beisebol é um jogo de *equipe*. O arremessador precisa do receptor, do jogador da segunda-base e de todos os demais

jogadores no campo. Mesmo que seja um grande arremessador (e Kershaw é um arremessador inigualável!), o lançador não pode vencer o jogo sem outros arremessadores. Nenhum negócio, ou time, estará funcionando efetivamente se alguém tenta fazer todos os trabalhos sozinho; o trabalho em equipe abrange, necessariamente, todas as áreas da nossa vida.

Observe também o que o versículo não diz. Ele não diz que pertencemos uns aos outros porque nos *sentimos* particularmente próximos uns aos outros. O nosso pertencimento mútuo não se baseia em nossos sentimentos ou em amizades. A nossa cabeça e as nossas mãos não estão unidas porque se sentem próximas uma à outra. A nossa unidade como corpo é um fato, quer sintamos isso ou não, quer gostemos naturalmente um do outro ou não. O maravilhoso em relação à igreja é que Deus nos chamou juntos, com todas as nossas diferenças. Somos chamados a amar uns aos outros, mesmo que não gostemos naturalmente uns dos outros. A igreja não é um clube onde se reúnem pessoas com os mesmos interesses ou as mesmas personalidades. A igreja consiste naqueles que são chamados em conjunto, pela graça de Deus, para serem corpo de Cristo: rico e pobre, negro e branco, homem e mulher, trabalhadores de escritório ou de chão de fábrica. O cotovelo e a orelha podem parecer não ter nada em comum, mas são ambos parte do corpo. Da mesma forma, até mesmo os membros mais diferentes da igreja têm o mais importante em comum, porque estamos todos conectados ao mesmo corpo.

Nosso pertencimento mútuo não se baseia em nossos sentimentos ou em amizades.

Vemos aqui, também, que nenhum membro do corpo é superior. Paulo volta ao que vimos em Romanos 12.3, mas observa de outro ângulo. "O olho não pode dizer à mão: 'Não preciso de você!'. Nem a cabeça pode dizer aos pés: 'Não preciso de vocês!'. Ao contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são indispensáveis, e os membros que pensamos serem menos honrosos, tratamos com especial honra. E os membros que em nós são indecorosos são tratados com decoro especial,

enquanto os que em nós são decorosos não precisam ser tratados de maneira especial" (1Co 12.21-24). Aqui Paulo ataca a arrogância, o sentimento de que somos partes indispensáveis do corpo. O olho pode ser belo e começar a pensar que outros membros do corpo são desnecessários, e a orelha pode começar a achar que os pés são inúteis. Esse orgulho é irracional e autodestrutivo. Mesmo quando não percebemos, precisamos desesperadamente de todos os membros do corpo. Mesmo os membros do corpo que não mostramos ao mundo continuam sendo necessários para o bom funcionamento do corpo.

Enquanto escrevo, estou lendo a biografia de Pedro, o Grande, que teve ideias magníficas, como Czar da Rússia, de como o país poderia progredir. Só que as ideias em sua mente nem sempre eram fáceis de implementar, já que ele precisava da ajuda de seus cidadãos para torná-las realidade. Da mesma forma, se algum membro do corpo acha que pode dispensar os membros mais fracos, logo descobrirá estar radicalmente enganado. Essas partes do corpo que parecem mais fracas e menos necessárias são vitais para o funcionamento tranquilo do corpo. Cada membro é necessário para realizar o que o corpo precisa fazer, e nenhum membro deveria pensar que é mais importante. O orgulho introduz uma grande fraqueza ao corpo, e essa presunção deveria ser identificada em nós e mortificada todos os dias.

Os dons são concedidos soberanamente

Em quinto lugar, os nossos dons não são atribuídos por nossa própria espiritualidade, mas pela soberania do Espírito. Como seres humanos, somos levados (por causa do pecado original) a reclamar o mérito das nossas realizações. Sabemos o que a Bíblia diz: tudo o que temos é dom de Deus, não temos nada por nós mesmos (1Co 4.7). Mesmo assim, estamos curvados em nós mesmos e começamos a nos congratular pelos dons que temos ou pelos efeitos do nosso ministério. Ou, por outro lado, podemos lamentar por

não termos o dom que deveríamos ter ou que acreditamos merecer. Podemos cair em desânimo ou até mesmo em depressão por ser quem somos.

Paulo nos lembra da soberania de Deus, ensinando que o dom que temos é resultado da vontade de Deus, e não da nossa. Vemos isso em 1Coríntios 12.7-11. "A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum. Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de curar, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui a cada um conforme sua vontade." Paulo insiste nesses versículos que os diversos dons derivam todos do Espírito Santo. Eles são *dons*, afinal de contas!

Podemos descansar e nos regozijar nos dons que Deus nos deu, porque o Espírito os deu a nós "conforme a sua vontade" (1Co 12.11). A propósito, esse é um versículo importante sobre a pessoalidade e a personalidade do Espírito Santo, já que apenas uma pessoa pode escolher ou desejar algo. Vemos a mesma ênfase na soberania de Deus e na concessão dos nossos dons em outros lugares do capítulo 12. Lemos em 1Coríntios 12.18: "De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade". E, em 1Coríntios 12.28, Paulo lista diversos dons e pessoas dotadas, acrescentando: "Deus estabeleceu estes na igreja". A propósito, temos um bom exemplo aqui do Pai e do Filho fazendo o mesmo trabalho, o que nos aponta para a doutrina da Trindade. Paulo enfatiza que o Espírito nos concede os dons, mas também diz que o Pai é quem determina os nossos dons. O seu dom não reflete o que *você* realizou. Significa que Deus, para os seus próprios propósitos de sabedoria, deu esse dom a você para o bem da igreja. Vamos dar louvores e graças a Deus pelos dons que ele nos deu, e vamos confiar a nossa vida a ele, sabendo que ele cumprirá o propósito designado quando nos criou.

Como está escrito em Salmos 138.8: “O Senhor cumprirá o seu propósito para comigo!”.

Não precisamos nos afligir e nos preocupar por nossa vida ter passado em vão se estamos trabalhando para agradar ao Senhor. Ele nos deu os dons e o ministério idealizados para nós, e está trabalhando sua vontade tanto no mundo quanto em nossa própria vida.

Conclusão

Estabeleci cinco verdades sobre os dons espirituais neste capítulo. Em primeiro lugar, todos os dons devem ser exercidos sob o senhorio de Cristo. Os dons não foram concebidos para a nossa própria felicidade (embora nos tragam alegria!), mas para servir ao nosso Senhor Jesus Cristo. Em segundo lugar, devemos ter um conceito equilibrado sobre os nossos dons. Temos a tendência de superestimar a importância dos nossos dons e de nos exaltar, em vez de nos humilharmos. Em terceiro lugar, os dons dados por Deus são muito diversos, e essa diversidade deve ser celebrada. Reconhecemos que Deus não quer que todos sejam iguais, nem operem da mesma maneira. Em quarto lugar, os nossos dons não nos tornam inferiores, nem superiores aos outros. Os dons não refletem nossa força espiritual, mas são dados para fortalecer a igreja. Em quinto lugar, devemos lembrar que nossos dons são concedidos soberanamente pelo Espírito Santo, pelo próprio Deus. Os dons que temos refletem a graça e a bondade de Deus em nossa vida, e não podemos tomar o mérito pelos dons que temos ou nos preocupar com os dons que não temos. Deus, em sua sabedoria, deu-nos os dons que temos para o bem da igreja e para o bem do seu grande nome.

Perguntas para debate

1. O que significa dizer que o senhorio de Cristo é o critério pelo qual os dons são avaliados (p. 36)? Por que isso é importante?
2. Por que é tão importante ser quem Deus o chamou para ser, em vez de tentar imitar os dons de outros?
3. Você já viu alguma igreja atribuir inferioridade ou superioridade às pessoas com dons espirituais específicos? Como podemos impedir que isso aconteça?
4. Por que devemos nos lembrar da soberania de Deus sobre os dons?

1 Schlatter não está falando sobre o papel de homem e mulher ao usar a palavra *igualitário*. Ele se refere ao desejo de suplantar a hierarquia e tornar todos iguais da perspectiva dos dons, das responsabilidades e da autoridade.

2 Adolf Schlatter, *Romans*: *the righteousness of God*, tradução de S. S. Schatzmann (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 231.

Quatro



Outras cinco verdades sobre os dons espirituais

Dons concedidos para a edificação da igreja

Continuaremos a considerar verdades pastorais práticas neste capítulo, e nos voltaremos a outras cinco verdades importantes para a nossa vida. Em primeiro lugar, precisamos considerar o propósito dos dons.

Deus nos deu dons para edificar o corpo (Ef 4.12-16), trazer unidade à igreja (1Co 12.25,26) e edificar a igreja (cf. tb. 1Co 14.1-40). Como não podemos fazer uma exegese completa dos textos relevantes aqui, reservaremos 1Coríntios 14.1-40 para uma análise posterior, mas vamos olhar rapidamente dois textos para estabelecermos o tema a ser tratado. Lemos em Efésios 4.11-16:

> E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o objetivo de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, ao atingir a medida da plenitude de Cristo. O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, falando a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, à medida que cada parte realiza a sua função.

Paulo fala de pessoas dotadas aqui, e não de dons, mas também sabemos que as pessoas são chamadas de profetas porque têm o dom da profecia, e são chamadas de mestres porque têm o dom do ensino. Reconhecemos que Paulo se refere a pessoas dotadas, mas também é legítimo falar dos próprios dons com base nesse texto.

Os dons são dados para preparar os santos para o ministério. Vemos no versículo 16 que "todas as juntas" e "cada parte" têm o seu papel. O propósito dos dons é "que o corpo de Cristo seja edificado" (Ef 4.12). A edificação do corpo leva à sua unidade, estabilidade e maturidade. Essa maturidade significa que a igreja se torna mais como Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, a igreja terá solidez doutrinária. Igrejas imaturas também são igrejas com ensino pobre. Assim, elas têm doutrina instável, jogadas para cá e para lá por falsos ensinamentos. Vemos aqui que a maturidade da igreja é tanto comportamental quanto doutrinária. A igreja representa o caráter de Cristo e o pensamento de Cristo, por isso é piedosa e vigilante com a verdade do evangelho.

Também vemos, em Efésios, que os dons não são dados para nos maravilharmos com as nossas habilidades ou cobiçarmos as habilidades de outros. Nem são dados para experimentarmos satisfação e realização em nossa vida. E ainda, os dons não são dados para percebermos nosso próprio potencial. Os dons são dados para prepararmos e fortalecermos outros cristãos e, portanto, os dons são centrados no outro, e não em nós mesmos.

Um texto central sobre dons espirituais é 1Coríntios 12.24-26: "Mas Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele". Esse texto é muito impressionante. Deus nos deu dons não para nos dividir, mas para nos unir. Conforme exercemos os nossos dons, demonstramos que nos importamos com o que está acontecendo na vida do

outro, que amamos verdadeiramente uns aos outros. E isso é expresso de maneira muito prática. Se um dos membros da igreja está sofrendo, sofremos com ele. E se um dos nossos membros está alegre, alegramo-nos com ele. Os dons são cruciformes, pois, quando exercitamos os dons, damos de nós pelo bem de outros, assim como Jesus fez na cruz.

Os dons são cruciformes pois, quando exercitamos os dons, damos de nós pelo bem de outros, assim como Jesus fez na cruz.

Quando pastores preparam sermões, expressam o seu amor pelo rebanho. A pessoa que trabalha no som da igreja também o faz para demonstrar amor pelo rebanho. Quando nos encontramos com os irmãos e os animamos ou exortamos, demonstramos o nosso amor por eles. Nenhum de nós pode fazer sozinho o que o corpo de Cristo pode fazer unido. Precisamos de todo o corpo para demonstrar esse tipo de preocupação pelo próximo. Isso não é tarefa apenas de pastores ou presbíteros, mas a descrição do ministério de cada um de nós. As necessidades são grandes demais para serem supridas por um grupo pequeno.

Se os membros de nossas igrejas demonstrarem esse tipo de amor e preocupação uns pelos outros, essas igrejas serão edificadas e maduras. Ao mesmo tempo, teremos influência sobre os não cristãos. As pessoas estão sedentas por esse tipo de amor, por esse tipo de cuidado. Quando nos reunimos como comunidade, não devemos ficar pensando: "Será que as pessoas aqui me amam dessa maneira? Será que as minhas necessidades estão sendo satisfeitas?". Devemos, ao contrário, pensar: "Estou amando as pessoas dessa maneira? Estou estendendo as mãos para os que sofrem? Estou me alegrando com os que se alegram?". Os dons espirituais são exercidos quando nos sacrificamos pelo bem do outro, quando amamos o próximo pelo bem de Cristo.

O batismo do Espírito na conversão

Em segundo lugar, o batismo do Espírito acontece na conversão. O texto central para os nossos propósitos é 1Coríntios 12.13."Pois por um único Espírito todos nós fomos batizados em um só corpo: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito". Os pentecostais, e alguns carismáticos, muitas vezes defendem que o batismo do Espírito acontece depois da conversão, e que envolve um revestimento especial de poder para o serviço. Em alguns casos, chegam a defender que isso é um marco da maturidade espiritual. Até mesmo Martin Lloyd-Jones, o grande pregador do século 20, sustentou que nem todos os cristãos eram batizados com o Espírito, e via o batismo do Espírito como uma experiência apenas para alguns. Portanto, ele acreditava que o batismo do Espírito era uma realidade pós-conversão.

As palavras de Paulo sobre o batismo do Espírito trazem à mente outros textos do Novo Testamento que se referem ao mesmo tema.[1] Cinco textos, além de 1Coríntios 12.13, referem-se ao batismo do Espírito (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; At 1.5; e 11.16). É impressionante que todos os cinco textos contenham profecias sobre Jesus batizando os seus seguidores com o Espírito Santo. Em outras palavras, esses cinco textos são, de certa forma, um só texto, pois são ou evangelhos paralelos ou reafirmam a promessa de que Jesus batizaria com o Espírito. Então, quando citamos um desses versículos, citamos todos eles, pois dizem essencialmente a mesma coisa.

Em outras palavras, na verdade, há apenas dois textos distintos que falam do batismo do Espírito no Novo Testamento. O primeiro é o batismo do Espírito predito por João Batista e cumprido no Dia de Pentecostes, assim como em Cornélio e os seus amigos; o Novo Testamento se refere a essa fala cinco vezes. O segundo e único outro texto que fala do batismo do Espírito é o encontrado em 1Coríntios 12.13.

Precisamos considerar de maneira breve as palavras de João Batista em Mateus 3.11: "Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de

levar as suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo". Vemos aqui que João Batista e Jesus Cristo são quem batiza, mas eles usam elementos diferentes. João batiza com água e Jesus batiza com o Espírito Santo. Já vimos que a promessa de que Jesus batizaria com o Espírito é cumprida no Dia de Pentecostes (At 1.5; 11.16). As grandes promessas no Antigo Testamento são cumpridas no batismo do Espírito, pois os profetas do Antigo Testamento olhavam para o futuro, para o dia quando o Espírito seria derramado e as promessas de uma nova criação, nova aliança e novo êxodo seriam cumpridas (cf. Is 32.15; 44.3; Ez 36.26,27; 37.14; 39.29; Jl 2.28,29). Certamente essa promessa foi cumprida entre todos os fiéis em Jesus Cristo no Dia de Pentecostes. Se alguém não foi batizado com o Espírito naquele dia, não pertencia a Jesus Cristo; não era um verdadeiro cristão.

Encontramos algo semelhante em Atos 10.44-48,onde Cornélio e os seus amigos receberam o Espírito. Certamente o que aconteceu com eles pode ser descrito como batismo do Espírito (At 11.16), mas não há sugestão de que alguns daqueles reunidos ali não foram batizados pelo Espírito nessa ocasião. Na verdade, aqueles que receberam o Espírito e que foram batizados com o Espírito também foram batizados com água (At 10.47). Vemos uma associação próxima entre batismo na água e batismo com o Espírito. Esse não é um argumento a favor da regeneração batismal. Estou querendo dizer que o batismo com o Espírito e o batismo com água eram *eventos de iniciação*. O fato de que Cornélio e os seus amigos foram batizados com o Espírito significa que estavam qualificados para serem batizados com água! Não há nenhuma pista de que alguns que foram batizados com água (i.e., que deram toda evidência de serem cristãos) não foram, de alguma maneira, batizados com o Espírito.

Alguns, nesse ponto, citam a experiência dos samaritanos em Atos. Na verdade, a expressão "batismo do Espírito" não é usada para os samaritanos. Mesmo se quisermos defender uma conexão teológica, a experiência

samaritana dificilmente pode ser utilizada como paradigma hoje. Os samaritanos acreditavam no evangelho pregado por Filipe, o evangelista, mas não receberam o Espírito Santo quando acreditaram (At 8.4-24). Essa situação é estranha demais, já que é inédito o fato de que alguém pudesse acreditar em Jesus Cristo e não receber o Espírito! Observamos que a linguagem usada é "receber o Espírito" (At 8.15), não "batismo do Espírito".

Se alguém não tem o Espírito Santo, então não é um fiel, como Paulo deixa muito claro em Romanos 8.9: "Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo". Sabemos, com base nos textos de Gálatas 3.1-5 e Atos 15.7-11, que o recebimento do Espírito Santo é a evidência indiscutível de que alguém é cristão. Paulo assegura aos gálatas que eles não precisam ser circuncidados para se tornarem cristãos, e como prova ele os lembra de que receberam o Espírito Santo pela fé, e não porque praticavam a lei (Gl 3.2,5). Pedro diz o mesmo no Concílio Apostólico em Atos 15. Os novos convertidos gentios não precisavam receber a circuncisão para a salvação, porque Deus concedeu o Espírito aos gentios sem a observância da lei. Como eles receberam o Espírito, claramente eram cristãos!

Isso, porém, nos leva novamente para o mundo estranho dos samaritanos em Atos 8. Como é que eles tinham colocado a sua fé em Jesus Cristo e ainda não tinham recebido o Espírito? Que coisa nunca vista! Além do mais, por que o dom do Espírito não foi dado aos samaritanos por meio da obra de Filipe, o evangelista? O Filipe em questão aqui não é Filipe, o apóstolo, pois todos os apóstolos permaneceram em Jerusalém (At 8.1). Não, esse Filipe é um dos sete apontados para cuidar das viúvas gregas (At 6.5). Como Filipe não pôde dar o Espírito, Pedro e João tiveram que vir de Jerusalém e impor as mãos sobre os samaritanos para que eles recebessem o Espírito (At 8.14-17).

O ponto da história não é que existe um padrão normativo em que as mãos dos apóstolos têm de ser impostas sobre alguém para este receber o

Espírito. Sabemos disso porque Cornélio e os seus amigos receberam o Espírito sem a necessidade de ninguém impor as mãos sobre eles (At 10.44-48). Devemos reconhecer que o acontecido com os samaritanos foi singular na história da redenção. Ninguém que acredita em Jesus Cristo deixa de receber o Espírito. Não há outro exemplo disso.

Então, como explicar o que está acontecendo? A melhor resposta é que o Espírito não foi dado imediatamente aos samaritanos por causa da ruptura cultural entre judeus e samaritanos. A divisão entre judeus e samaritanos é mencionada várias vezes no Novo Testamento, remontando provavelmente ao exílio do Reino do Norte, na Assíria (722 a.C.) e, quem sabe, a um período histórico ainda mais antigo. Há indicações de tensões entre os judeus de Jerusalém e os samaritanos já em Esdras 4 e Neemias 4. Os samaritanos acreditavam que apenas o Pentateuco tinha autoridade, e construíram um templo rival no monte Gerizim, talvez no quinto século a.C. O rei hasmoneu João Hircano queimou o templo do monte Gerizim por volta de 110 a.C., o que inflamou mais tarde a ira entre judeus e samaritanos.

A divisão entre judeus e samaritanos aparece com frequência no Novo Testamento. Os doze são comissionados para pregar "às ovelhas perdidas de Israel" e para evitar os samaritanos (Mt 10.5,6). Vemos aqui que os samaritanos não são considerados parte de Israel. No mesmo sentido, os samaritanos não receberam Jesus e os seus discípulos quando estes cogitaram passar pelo seu território (Lc 9.52-56). Os discípulos queriam fazer cair fogo do céu para destruir os samaritanos, mas Jesus os repreendeu. Na famosa parábola do Bom Samaritano, as ações do samaritano se destacaram precisamente porque ele não era parte de Israel. Da mesma forma, foi surpreendente que o único leproso curado por Jesus que retornou e agradeceu foi um samaritano (Lc 17.11-19). A conversa de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4.4-42) foi surpreendente em vários níveis, em particular porque "os judeus não se envolvem com os samaritanos" (Jo 4.9).

Aqui entendemos por que, então, o Espírito não foi derramado quando os samaritanos creram em Jesus, mas quando os apóstolos Pedro e João impuseram as suas mãos sobre eles. O propósito para a demora na concessão do Espírito foi o desejo do Senhor de acabar com o rompimento cultural e teológico entre judeus e samaritanos. Os samaritanos não poderiam e não deveriam começar o seu próprio movimento cristão separado da igreja em Jerusalém. Na união de judeus e samaritanos na igreja de Jesus Cristo, vemos o cumprimento de Ezequiel 37, que profetizou a reunião dos reinos do norte e do sul. Essa reintegração dos samaritanos ao povo de Deus colocou os samaritanos sob a autoridade dos apóstolos em Jerusalém.

O intervalo temporal na experiência dos samaritanos entre o crer em Jesus e o receber do Espírito foi um evento singular na história da redenção, determinado por Deus para revelar o rompimento da barreira entre judeus e samaritanos. Isso nunca mais voltou a acontecer e nunca mais acontecerá. Não há base nessa história para concluir que o batismo do Espírito é posterior à conversão.

Outro texto que é sugerido, às vezes, para indicar a posterioridade do batismo do Espírito é a história dos doze discípulos de Éfeso em Atos 19. Só que, a bem da verdade, a história não apoia esse tipo de leitura. Os doze efésios foram batizados apenas no batismo apresentado por João Batista (At 19.3). Na história da redenção, eles estavam vivendo no passado, pois ainda não tinham ouvido falar que o Espírito Santo prometido havia sido derramado (At 19.2). Quando Paulo pregou, eles *creram* em Jesus e foram batizados em seu nome (At 19.4,5). Ao crerem em Jesus, o Espírito veio sobre eles,que passaram a falar em línguas e a profetizar (At 19.6). A história não indica que o batismo do Espírito seja posterior à conversão, porque os doze efésios receberam o Espírito imediatamente depois de crerem em Jesus e serem batizados em seu nome.

Vimos em Atos que não há base para dizer que o batismo do Espírito seja posterior à conversão, e devemos tirar a mesma conclusão de 1Coríntios

12.13. Sugiro que 1Coríntios 12.13 deve ser traduzido para estar de acordo com Mateus 3.11 e seus paralelos. O verbo "batizar" é, na verdade, passivo, e, portanto, deveria ser traduzido assim: "fomos todos batizados com [ou no] Espírito Santo por Jesus Cristo". A NASB traduz o versículo para dizer que fomos batizados "pelo" Espírito Santo, mas o verbo passivo sugere que Jesus Cristo é quem batiza, e o Espírito Santo é a pessoa na qual somos mergulhados no batismo. É improvável que o batismo no Espírito signifique outra coisa nos evangelhos do que aquilo que descobrimos em Paulo. Mais especificamente, Lucas e Paulo viajaram juntos, e parece provável que a sua compreensão sobre o batismo do Espírito, que era claramente um tema importante em Lucas, fosse a mesma.

O que fica muito claro em 1Coríntios 12.13 é que o batismo com o Espírito acontece na conversão; assim, não pode ser uma segunda experiência depois da conversão. Paulo enfatiza no versículo que *todos* os cristãos são batizados com o Espírito, não apenas alguns, ao passo que na "teologia da segunda experiência" apenas alguns receberam o dom posterior à conversão. De fato, Paulo dá uma ênfase especial ao dom sendo dado a todos, pois ele especifica que *todos* foram batizados com o Espírito, como fica demonstrado em suas palavras: "quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres". Paulo então acrescenta, de novo, a palavra *todos*, dizendo: "... a todos nós foi dado beber de um único Espírito" (12.13).

Devemos observar, novamente, que a própria palavra *batizados* sugere que essa experiência aconteceu na conversão. Pois, na mente de Paulo, o batismo com o Espírito está ligado inevitavelmente ao batismo na água. Lembre-se que, nos dias de Paulo, quase todos os cristãos eram batizados imediatamente após a sua conversão, portanto, a própria linguagem do batismo sugere uma experiência de iniciação, o início da vida cristã. Alguns pentecostais admitiram que a primeira parte de 1Coríntios 12.13 se relaciona com a conversão, mas entendem a segunda parte do versículo como uma segunda bênção do Espírito depois da conversão, onde Paulo diz: "E a todos nós foi

dado beber de um único Espírito". Só que essa leitura é muito improvável. As duas afirmações no versículo são paralelas. Na conversão, Jesus Cristo mergulha os fiéis no Espírito Santo; logo, estamos imersos no Espírito quando somos salvos. Da mesma forma, em nossa conversão, dá-nos de beber do Espírito, e vivemos porque bebemos da água da vida. Aquele em quem estamos imersos é aquele de quem bebemos.

Quando somos batizados ou mergulhados no Espírito e dele recebemos para beber, tornamo-nos parte do corpo de Cristo, a igreja.

Imagine que você esteja imerso em uma piscina de água, e essa água é também a melhor água do mundo para beber. É a água da vida para você. É isso que, conforme Paulo, acontece conosco quando somos salvos. Somos mergulhados no Espírito e bebemos dele. A mensagem principal de Paulo é esta: quando somos batizados ou mergulhados no Espírito e dele recebemos para beber, tornamo-nos parte do corpo de Cristo, a igreja. Compartilhamos um laço comum no corpo de Cristo porque cada um de nós bebeu profundamente do Espírito Santo e foi mergulhado no Espírito. Ler Paulo dizendo que alguns cristãos não compartilham dessa experiência é interpretar erroneamente as suas palavras e dizer que alguns cristãos não são partes da igreja. Só que isso é impossível, pois se alguém não é parte da igreja de Jesus Cristo, esta pessoa não é salva.

Edificação pelo entendimento

Em terceiro lugar, a edificação vem especialmente pela mente, por meio do ensino compreensível. A ênfase no entendimento é óbvia em 1Coríntios 14.1-19, pois Paulo trabalha para dizer que os cristãos são edificados quando entendem e percebem o que está acontecendo. A passagem é longa, mas devemos ler 1Coríntios 14.1-19 por completo:

Sigam o amor e desejem os dons espirituais, principalmente o dom de profecia. Pois quem fala em uma língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; fala mistérios no Espírito. Entretanto, quem profetiza o faz para fortalecimento, encorajamento e consolação dos homens. Quem fala em línguas a si mesmo se edifica, mas quem profetiza edifica a igreja. Gostaria que todos vocês falassem em línguas, mas prefiro que profetizem. Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que as interprete, para que a igreja possa ser edificada.

Agora, irmãos e irmãs, se eu for visitá-los e falar em línguas, em que serei útil a vocês, a não ser que leve alguma palavra de revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou ensino? Até no caso de coisas inanimadas que produzem sons, tais como a flauta ou a cítara, como alguém reconhecerá o que está sendo tocado, se os sons não forem distintos? Além disso, se a trombeta não emitir um som claro, quem se preparará para a batalha? Assim acontece com vocês. Se não proferirem palavras compreensíveis com a língua, como alguém saberá o que está sendo dito? Vocês estarão simplesmente falando ao ar. Sem dúvida, há diversos idiomas no mundo; todavia, nenhum deles é sem sentido. Portanto, se eu não entender o significado do que alguém está falando, serei estrangeiro para quem fala, e ele, estrangeiro para mim.

Assim acontece com vocês. Uma vez que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja. Por isso, quem fala em uma língua, ore para que a possa interpretar. Pois, se oro em uma língua, o meu espírito ora, mas a minha mente fica infrutífera. Então, que farei? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. Se você estiver louvando a Deus em espírito, como poderá aquele que está entre os não instruídos dizer o "Amém" à sua ação de graças, visto que não sabe o que você está dizendo? Pode ser que você esteja dando graças muito bem, mas o outro não é edificado. Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês. Todavia, na igreja prefiro falar cinco palavras compreensíveis para instruir os outros a falar dez mil palavras em uma língua.

Poderíamos tratar de muitas características nesses versículos, e voltaremos a algumas delas mais tarde. Agora, queremos reiterar que Paulo se concentra no entendimento, na compreensão daquilo que é dito. Algumas observações sobre o texto reforçarão em nós a importância do entendimento.

Paulo faz uso de ilustrações para que os coríntios vejam a importância da compreensão. Paulo nos diz que, se alguém toca flauta ou cítara, mas não expressa uma melodia distinta — apenas anarquia sem sentido —, as pessoas acabarão não reconhecendo aquilo como música (14.7). Não saberão nem se é uma flauta ou cítara que está sendo tocada. Da mesma forma, se um corneteiro não tocar com força e clareza, não ficará evidente que está fazendo soar o alarme para a batalha (14.8). Da mesma forma, Paulo considera que o falar em línguas sem interpretação é inútil. É como falar para o ar (14.9). É muito barulho sem significado. Só seremos edificados ou fortalecidos se compreendermos o que está sendo dito.

Em 14.10,11, Paulo usa como exemplo idiomas desconhecidos. Todos os idiomas têm estrutura e significado, mas, se não entendermos o idioma, não seremos ajudados quando estivermos com pessoas que o falam. As palavras podem ter um significado tremendo, mesmo para a nossa vida, mas como não entendemos o que está sendo dito, ficamos sem saber. Quem já viajou para outro país sem conhecer o idioma local sabe exatamente o que estou dizendo. Ficamos de fora.

Trabalhei no viveiro de plantas de meu pai com trabalhadores de fala hispânica por muitos anos. Muitas vezes, eles pareciam estar se divertindo muito, rindo e conversando. Parecia tudo muito interessante, mas eu não tinha ideia do que eles estavam falando! Eu ficava de fora, já que não falava espanhol.

Paulo tira a aplicação para os seus leitores em 14.12: "Assim acontece com vocês. Uma vez que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja". A *maneira* que a igreja é edificada é por meio de palavras *compreensíveis*. Então, aquele que fala em línguas deveria também orar para conseguir interpretar o que diz. Porque a edificação, diz o versículo 14, vem quando a mente está envolvida de forma frutífera no que está sendo dito. Vemos a ênfase na mente também no versículo 15: "Então, que farei? Orarei com o espírito, mas também orarei

com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento". O papel fundamental do entendimento fica claro no versículo 16: "Se você estiver louvando a Deus em espírito, como poderá aquele que está entre os não instruídos dizer o 'Amém' à sua ação de graças, visto que não sabe o que você está dizendo?". A edificação vem quando compreendemos o que o outro está dizendo, quando entendemos. Seria um erro sério dizer "amém" se não entendemos e concordamos com o que está sendo dito.

Se você já conversou com alguém difícil de compreender, sabe bem do que estou falando. Infelizmente, a minha tia precisou de uma cirurgia radical na boca. Ela às vezes me ligava, e era muito difícil discernir o que ela estava tentando articular ao telefone. Ao mesmo tempo, era constrangedor ficar sempre pedindo para ela repetir as frases. Quando a minha tia e eu não nos entendíamos, as nossas conversas não eram úteis ou edificantes.

Paulo é grato (14.18) por falar em línguas mais do que todos eles, mas na igreja ele quer envolver a mente, para que as pessoas possam ser instruídas (14.19), pois isso é muito melhor do que falar dez mil palavras em uma língua que elas não compreendem. É fácil captar o ponto principal em 14.6-19, pois Paulo o repete várias vezes. Entendimento e edificação vêm pela mente.

Nós protestantes sempre acreditamos na educação e na importância da leitura, pois cremos que as pessoas são fortalecidas em seu relacionamento com Deus quando ganham entendimento. Essa ideia é comunicada de forma implícita em Efésios 3.4, onde Paulo diz: "Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo". Paulo conecta o entendimento com a habilidade de ler e compreender.

O maior motivo para a educação é a oportunidade de ler e compreender a Palavra de Deus. Deus poderia ter utilizado vários meios para nos fortalecer. Poderia, simplesmente, ter nos "acertado com um raio" quando nos tornamos cristãos, e dessa maneira seríamos transformados imediatamente. Deus poderia ter nos colocado em uma salinha com um campo energético e então, *shazaam*!, sairíamos de lá espirituais. Só que ele deseja que o nosso

relacionamento com ele evolua gradualmente, à medida que vamos ganhando entendimento. Há quem pense que nos tornamos mais parecidos com Deus quando sentamos em uma postura de meditação e repetimos um mantra como "Saki um", mas esse texto nos diz que essa não é a maneira para crescer espiritualmente, pois a mente não está envolvida. Outros podem pensar que um êxtase como o falar em línguas seja a chave para a vida espiritual, mas Paulo exalta o entendimento acima das experiências extáticas. Nosso relacionamento com Deus se estabelece quando o entendemos.

Mark Dever, pastor da igreja Capitol Hill Baptist Church, explica que até podemos sentir que temos um bom relacionamento com o nosso cão, mas se chegássemos em casa, vindos da igreja, e o nosso cão começasse a falar conosco, o relacionamento mudaria de forma dramática porque, agora, passaríamos a ter um relacionamento dialogal com ele. Não diríamos apenas para o nosso cão o que fazer; às vezes o nosso cão nos diria o que fazer! O caminho primário para o crescimento espiritual não é nem mesmo a oração, por mais importante que ela seja. A oração se alimenta da Palavra de Deus, do entendimento que vem das Escrituras. Sem isso, a nossa oração ficará muito fora do eixo. Os famosos versículos de Romanos 12.1,2 nos alertam sobre o perigo de nos conformarmos a esse mundo. Como podemos resistir às pressões desse mundo? Sendo transformados pela renovação da nossa mente!

Concentre-se em seu dom

Em quarto lugar, somos também instruídos a nos concentrarmos em nossos dons. Lemos em Romanos 12.6-8: "Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria". Vemos aqui que os dons são sinais da graça e do amor de Deus

em nossa vida, e os vários dons testificam sobre a diversidade do corpo de Cristo. Como cristãos, não somos todos iguais, e as diferenças entre nós são devidas à graça de Deus.

Devemos fazer algumas observações sobre esse texto. Nos versículos 7 e 8 Paulo lista três dons e diz que os fiéis deveriam se concentrar no dom que eles têm. Por exemplo, quem tem o dom de serviço deveria se concentrar em servir. Quem tem o dom de ensino deveria concentrar o seu ministério no ensino, já quem tem o dom de exortação e encorajamento deveria se dedicar a encorajar os irmãos.

O que Paulo diz aqui se aplica a todos os dons e é imensamente prático. Devemos concentrar a nossa energia nos dons que temos. É claro que precisamos ser cuidadosos e evitar uma reação exagerada. Não devemos dizer: "Não servirei porque não tenho o dom do ensino", nem "Não faço evangelismo porque não tenho o dom de compartilhar o evangelho". Em contrapartida, a vida é curta, e Deus projetou o corpo para que funcione melhor quando nos concentramos nos dons que temos. Devemos gastar o nosso tempo maximizando o dom particular que Deus nos deu. Isso não é falta de espiritualidade ou egoísmo, mas sabedoria.

Lembro quando um estudante veio a mim dizendo que estava muito desanimado, porque passava todo o seu tempo estudando grego e hebraico e ainda assim ia muito mal nas aulas. Como ele poderia ser um ótimo aluno desses idiomas conforme deveria ser? Todos nós, claro, temos de trabalhar muito e sermos disciplinados em áreas nas quais não temos habilidades, mas eu lhe disse:

"Se você está tentando tanto e ainda não vai bem, Deus não quer que você se concentre nos idiomas. Esse não é o seu dom. Deus deu outros dons a você, e deveria se concentrar nesses dons". Ele ficou visivelmente aliviado e animado quando ouviu isso. E se encaixa com o que Paulo diz aqui. Não ignore as áreas em que é fraco, mas concentre a sua energia onde é forte e se alegre nos dons que Deus lhe deu. Podemos desperdiçar tempo tentando nos

tornar especialistas em uma área para a qual não temos o dom, e normalmente esses esforços são devidos a falsas expectativas que colocamos sobre nós mesmos, ou que outros colocam sobre nós. Dê de si mesmo, de maneira completa e alegre, à obra que Deus deu a você.

Paulo também oferece três exortações específicas nesses versículos, lembrando-nos de nossas responsabilidades ao exercer os dons que Deus nos deu. Em primeiro lugar, quem faz doações em dinheiro deveria fazê-lo com generosidade. Lemos em 2Coríntios 9.7 que "Deus ama quem dá com alegria". Se você tem o dom de contribuir, tome cuidado com o espírito ranzinza e sovina que o segura. Peça a Deus para lhe dar um espírito de opulência e deleite para que o contribuir não seja motivado pelo louvor das pessoas, mas seja para a glória de Deus. Temos uma grande promessa em Filipenses 4.19: "O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus". Exercemos o dom de contribuir da maneira que Deus idealizou quando contribuímos com alegria. Os macedônios citados em 2Coríntios 8 eram pobres, mas a contribuição não era um fardo pesado para eles. Eles não doavam com um suspiro, como uma obrigação necessária mas dolorosa. Ao contrário, eles sentiam grande alegria em fazer doações, chegando a suplicar a Paulo pelo privilégio de contribuir.

Em segundo lugar, aqueles que lideram devem fazê-lo com zelo e diligência. Como carregam grande responsabilidade, limites claros devem ser traçados. Além disso, muitos líderes não prestam contas, já que seus liderados têm medo ou hesitam em falar deles. Afinal de contas, alguns líderes têm sido conhecidos por dispensar aqueles que, sob sua liderança, apontam suas deficiências.

Os líderes podem se acostumar a fazer o que desejam fazer com o seu tempo, e, muitas vezes, desfrutam de grande liberdade de agenda. Paulo os exorta a serem diligentes e a trabalharem arduamente. Os líderes devem lembrar que Deus os observa e avalia seu trabalho. Eles não devem utilizar a sua posição de autoridade para impor desejos egoístas. Vejamos como

exemplo disso Diótrefes, um caso clássico de líder autocrático. Ele "gosta[va] muito de ser o mais importante", observou João (3Jo 9). Chegou a caluniar o apóstolo João e sempre insistia em sua própria vontade na igreja, a ponto de expulsar os que discordavam dele (3Jo 10)!

Os líderes devem evitar o exemplo de Diótrefes, continuando a ouvir seus liderados, para contrabalançar a tendência de confiar em si mesmos e pensar que sabem todas as respostas. Quantos líderes se colocaram em apuros dessa maneira!

Fui surpreendido recentemente com a quantidade de pastores importantes de igrejas importantes que tiveram de renunciar seus ministérios. Por quê? Eles exerciam a liderança de modo abusivo, ímpio e inadequado. Não havia controle sobre a liderança deles. Sim, líderes devem liderar, e precisamos desesperadamente de líderes. Só que eles precisam continuar a crucificar a carne todos os dias para liderar de uma forma que glorifica Deus e ajude a igreja.

Em terceiro e último lugar, quem tem o dom da misericórdia deveria exercer o seu dom com contentamento. Todos devemos demonstrar misericórdia uns para com os outros, mas alguns têm o dom específico da misericórdia. Se esse é o seu dom, você deveria estar sempre ajudando os outros, mas, se o faz continuamente, há o perigo de ficar cansado demais e começar a murmurar sobre o esforço excessivo. Às vezes, quem tem esse dom precisa repensar sua agenda para evitar o esgotamento por não ter períodos de descanso e refrigério.

Em contrapartida, as motivações erradas podem começar a poluir o dom da misericórdia. Podemos querer que os outros notem o quanto estamos nos doando, e o elogio das pessoas não dará a alegria e a força necessárias para demonstrarmos misericórdia. Só demonstraremos verdadeira misericórdia se formos dependentes da graça de Deus. Se você demonstra misericórdia porque está ciente que Deus está sendo misericordioso como você, o seu espírito de misericórdia será renovado dia a dia.

Devemos exercer os nossos dons com a atitude e o espírito corretos.

O que Paulo diz aqui se aplica a todos nós. Devemos exercer os nossos dons com a atitude e o espírito corretos. Precisamos de um novo derramamento da graça de Deus em Cristo Jesus todos os dias. Devemos encontrar o nosso lugar no corpo de Cristo, doando-nos com alegria, pois Jesus diz: "Há maior felicidade em dar do que em receber" (At 20.35).

Os dons não têm valor sem o amor

Em quinto lugar, Paulo deixa claro em 1Coríntios 13 que, sem amor, os dons não têm utilidade ou valor. O meu propósito aqui não é analisar em detalhes o texto de 1Coríntios 13.1-7, mas vale a pena fazer algumas observações. Vemos nos versículos 1-3 que os dons carismáticos não valem nada sem o amor. Paulo diz: "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine" (1Co 13.1). Os coríntios prezavam o falar em línguas como o ponto alto da experiência espiritual. Paulo não era contra o falar em línguas em si, mas nos lembra que a experiência carismática sem amor é apenas um barulho irritante. É como um sino ou prato soando alto na hora errada. As experiências espirituais não são a medida da nossa piedade. Podemos pensar que estamos muito próximos de Deus quando nos sentimos próximos de Deus, quando emoções poderosas de amor tomam conta de nós. Emoções assim não são ruins. Deus usa essas experiências de maneira poderosa em nossa vida. Só que não devemos pensar que estamos verdadeiramente próximos de Deus se apreciamos as experiências emocionais com ele, mas no dia a dia somos irritados, ranzinzas, e em casa temos "pavio curto" nos nossos relacionamentos pessoais.

O versículo 2 reforça esta ênfase: "Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de

mover montanhas, se não tiver amor, nada serei". Se Deus nos deu um dom profético pelo qual podemos saber todos os segredos de Deus e todas as verdades teológicas mais profundas, sem amor continuaremos a ser nada.

O que impressiona as pessoas no dom de profecia é o conhecimento transmitido pelo profeta. Às vezes pensamos que as pessoas têm maturidade espiritual se têm conhecimento intelectual e sabem muito de teologia e da Bíblia. Só que saber a verdade sem viver a verdade não vale nada diante de Deus. As pessoas podem se impressionar, mas Deus não. O Senhor nunca sacrifica a verdade às custas do amor; a verdade é importante. Só que Deus não considera a verdade que não está acompanhada de amor. Muitas pessoas fiéis em sua teologia são conhecidas por seu espírito crítico e sua falta de amor, e esse espírito afasta os outros da sua teologia. Conheço a história de um teólogo muito conhecido que era absolutamente brilhante — um dos homens mais brilhantes que já conheci —, mas que também era conhecido por ser crítico. Um de seus alunos lhe disse: "Mas e o amor de Cristo?". Ele respondeu: "Ah, não presto atenção a essas visões sentimentais e melosas de amor". Sim, existem visões sentimentais de amor por aí que não se encaixam com a vida real. Amor não é apenas ter sentimentos bonitinhos em relação aos outros. Porém, aqueles dotados com dons particulares são tentados a racionalizar a sua falta de amor.

Também aprendemos que o amor não pode ser medido apenas por atitudes exteriores. O versículo 3 diz: "Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para gloriar-me, se não tiver amor, nada disso me valerá" (1Co 13.3).[2] Algumas pessoas, até mesmo cristãos que creem na Bíblia, dizem que o amor não tem relação alguma com as emoções e se relaciona apenas à ação. Dizem que não podemos controlar as emoções, mas podemos comandar as ações, então o amor bíblico se relaciona apenas às ações. Entretanto, o que Paulo escreve aqui contradiz claramente essa ideia. Podemos pensar que qualquer pessoa que dê tudo o que possui para os pobres e sacrifique a sua vida está cheio de amor. E certamente não há nada errado

na aparência dessas ações. Elas são louváveis em si mesmas. Só que essas ações não são amor se a motivação estiver errada. Alguns podem dar aos pobres para serem honrados pelos outros. Alguns podem até sacrificar a sua vida para receber elogios. Essas ações não são amor, pois o amor envolve os afetos corretos e as motivações certas no coração.

Vemos claramente nos versículos seguintes (1Co 13.4-7) que amor envolve emoções, pois Paulo nos diz que não é ciumento, e ciúme é uma emoção. O amor não é irritável nem rancoroso, e rancor é uma emoção. De fato, Deus nos ordena para evitarmos a ira injusta, e a ira é uma emoção. Sim, Deus nos dá ordenanças que se relacionam às nossas emoções, e nos convoca a obedecermos ao que não podemos obedecer sem a sua graça.

Mandamentos como esse nos lembram que, sem Cristo, não podemos fazer nada. Mandamentos como esse nos levam a clamar pelo auxílio de Deus. Mandamentos como esse nos ensinam que precisamos do Espírito Santo. Não podemos amar como o Senhor nos chama a amar se não estivermos cheios do Espírito, se não andarmos pelo Espírito, se não formos guiados pelo Espírito, se não caminharmos lado a lado com o Espírito, se não semearmos o Espírito.

Nos versículos de 4 a 7, Paulo se refere ao *caráter* do amor, e mostra como é o amor. É surpreendente que Paulo use verbos, não encontrados nas traduções posteriores, para designar o amor de Deus. Uma leitura meditativa do livro de Jonathan Edwards, *Charity and its fruits*,[3] que é uma série de sermões sobre 1Coríntios 13, seria interessante para todos nós. Devo fazer alguns breves comentários aqui.

Paciência significa que nosso calendário e nossa agenda não são mais importantes do que uma pessoa, e demonstramos paciência quando amamos o suficiente para ouvir alguém mesmo quando não temos vontade de ouvir. Já participei de muitas reuniões ao longo dos anos, e às vezes fico impaciente. Acho que já conversamos o suficiente sobre um assunto e estou pronto para seguir em frente. Com o tempo, porém, percebi que preciso ser mais paciente

com os outros. Parte do que significa amar é ouvir o que os outros querem falar, e deixá-los processar e pensar bem sobre o que os preocupa.

Quando somos bondosos, tratamos os outros com dignidade, respeito e preocupação. É fácil, por exemplo, deixar de considerar os prestadores de serviço, quer seja em lojas, quando saímos para comer, em aeroportos etc. Só que eles também são feitos à imagem de Deus. Podemos vê-los como objetos e esquecer que também têm preocupações, ansiedades e inquietações em sua vida diária.

Não se fala muito de ciúme e inveja (1Co 13.4) hoje em dia, mas eles são responsáveis por muitos pecados. Somos mais tentados a invejar aqueles que fazem o mesmo trabalho que nós. Se você é pintor, será mais tentado a criticar outro pintor; se é pregador, outro pregador; se é advogado, outro advogado; se é recepcionista, outro recepcionista; e se é mãe, outra mãe. Somos inclinados a criticar quem está na mesma linha de trabalho precisamente porque somos ciumentos e invejosos do sucesso dos outros. A nossa crítica é uma tentativa de reduzir nossa concorrência. E, quando criticamos alguém, quase sempre nos sentimos melhores conosco mesmo.

Jônatas, filho de Saul, destaca-se como alguém que não era ciumento. Ele poderia facilmente ter odiado Davi, já que Davi estava prestes a receber o reino que era seu por herança, de acordo com o costume antigo e corrente. Só que, em vez de Jônatas ficar com ciúmes de Davi, alegrou-se pelo que Deus estava fazendo por meio dele e foi seu maior apoiador. Em contrapartida, os irmãos de José não conseguiram suportar a ideia de que ele seria maioral sobre eles, e vemos a consequência da inveja: mentira, traição e sofrimento.

Também vemos que o amor não procura os seus interesses (13.5). O orgulho leva à vanglória (13.4). A palavra que Paulo usa para se gloriar e vangloriar poderia ser traduzida como "falastrão" (*perperoumai*), e a palavra seguinte é traduzida literalmente como "inchado" (*physioō*). Em nossa sociedade, as pessoas sempre anunciam sua grandeza. Costumávamos acreditar no provérbio que declara ser mais importante o elogio dos outros do

que o que vem de nossos próprios lábios (Pv 27.2), mas hoje em dia é muito comum o autoelogio. Muitas vezes vemos as pessoas elogiando a si mesmas nas mídias sociais. Não é adequado citar a nós mesmos, ou anunciar como somos belos ou inteligentes. Pensamos em Moisés, e Números 12.3 nos diz que ele era o homem mais humilde da terra. Não queria a autopromoção, mas, sim, promover a Deus. Não seremos mansos e humildes se não nos colocarmos na presença de Deus, se não estivermos em comunhão constante com ele, se não dedicarmos nosso tempo com a sua Palavra e se negligenciarmos o nosso tempo de comunhão com outros cristãos. Sempre pensamos em nossa vida individual, mas um meio de crescer em humildade é indo à igreja com regularidade, onde ouvimos a pregação da Palavra e cantamos louvores a Deus com outros cristãos. Nem sempre essas atividades podem nos tocar muito. Nem todo domingo será uma experiência de epifania, só que, a bem da verdade, um pouco de rotina nos ajuda. Passo a passo, domingo após domingo, estaremos na verdade subindo a montanha. Quando nos reunimos com outros cristãos, crescemos no conhecimento de Deus. Quando você vai à igreja, o amor significa que você procura maneiras de edificar e animar outros que lá estão. Que você está disposto a cantar algumas músicas das quais não gosta se outros na igreja são auxiliados por elas. Está alerta para os solitários, negligenciados, ou conversa com a pessoa não tão interessante ou agradável.

Em vez de ser autocentrado, o amor é centrado nos outros. O amor "não maltrata" (1Co 13.5). O amor tem boas maneiras. As maneiras variam conforme a cultura, mas boas maneiras são parte inseparável do amor. A nossa sociedade está se tornando incrivelmente rude e grosseira, mas o amor considera o que é adequado nos contextos sociais. O que chamamos de autenticidade pode ser apenas falta de educação. O amor "não se irrita facilmente" (13.5). Há lares e igrejas onde Cristo é confessado, mas há constante irritação por coisas pequenas que incomodam. O nosso rugir e o nosso rosnar constante, uns para com os outros, contradiz a nossa profissão de

fé. Igrejas e lares que têm boa doutrina, mas demonstram regularmente irritação e falta de alegria no dia a dia, acabam por afastar as pessoas de Jesus Cristo.

Também lemos que o amor "não guarda rancor" (1Co 13.5). Davi era constantemente maltratado por Saul, mas continuou a tratá-lo bem, a desejar o seu bem, e não estenderia sua mão contra o ungido do Senhor. Lembramos de Estêvão (At 7.60) e, de forma especial, de nosso Senhor Jesus Cristo (Lc 23.34), que perdoou aqueles que o levaram à morte. Pedro queria contar quantas vezes devemos perdoar, perguntando ao Senhor se tinha de perdoar sete vezes (Mt 18.21,22), mas Jesus respondeu: "setenta vezes sete". Esse perdão nunca acaba.

O amor também exalta a verdade. "O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade" (1Co 13.6). Há quem ache que o amor é apenas algo sentimental, mas o amor nunca faz concessões à verdade. A nossa sociedade acha que está amando ao aceitar a homossexualidade e outras perversões da sexualidade humana, mas esse é um exemplo de se alegrar com a injustiça. O verdadeiro amor defende a verdade, mesmo quando é dolorosa. O verdadeiro amor, às vezes, diz coisas duras. O verdadeiro amor não abre mão de normas morais e declara "Não é certo ter relações sexuais com a sua namorada antes de se casar" e "Não é certo o casal morar junto antes do casamento".

O amor é um otimista irrepreensível.

Por fim, o amor é um otimista irrepreensível. Paulo diz, no versículo 7, que o amor "tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". Quando ele diz que o amor crê em todas as coisas e espera por todas as coisas, não quer dizer que o amor é crédulo ou ingênuo. Antes, ele quer dizer que o amor continua a esperar e crer que Deus pode intervir na vida das pessoas, pois Deus é capaz de inverter o rumo das coisas. Cremos em um Deus que traz vida à morte, em um Deus que ressuscitou Cristo dos mortos. Aqueles que creem em Deus deveriam ser

as pessoas mais otimistas do mundo. Não importa o quanto as coisas estejam ruins, no final triunfaremos. Talvez seja o primeiro tempo da prorrogação e estamos perdendo de oito a zero, mas, como cristãos, sabemos que venceremos no segundo tempo. Servimos ao Deus que ama trazer vida à morte. Servimos ao Deus que ama vitórias de virada, o maior exemplo disso é a cruz e a ressurreição!

Conclusão

Neste capítulo, consideramos mais cinco verdades sobre os dons espirituais. Em primeiro lugar, os dons não são dados para edificarmos a nós mesmos, mas para edificar e fortalecer a igreja. Os dons não são manifestações do eu, mas representam a graça de Deus em nossa vida para o bem de outros. Em segundo lugar, o batismo do Espírito não é um dom posterior à conversão, mas nos é dado na conversão. O batismo do Espírito indica que pertencemos à igreja, ao corpo de Cristo. Em terceiro lugar, o fortalecimento e a edificação da igreja vêm por meio do entendimento. Experiências extáticas sem nenhum conteúdo cognitivo não edificam a igreja, pois as pessoas são edificadas quando compreendem o que está sendo dito. Em quarto lugar, o caminho da sabedoria é nos concentrarmos nos dons que temos. Não devemos ignorar os dons que não temos, mas a igreja é mais auxiliada quando nos concentramos nos dons que Deus nos deu. E, em quinto lugar, mais importante do que todos os dons é o amor, pois o amor representa o caráter do próprio Deus, e o amor é superior a todos os dons. O verdadeiro teste da maturidade espiritual em nossa vida é se vivemos em amor.

Perguntas para debate

1. Você tende a pensar nos dons de uma perspectiva mais pessoal ou comunitária?

2. Este capítulo nos lembra que “devemos exercer os nossos dons com a atitude e o espírito corretos” (p. 70). O que isso significa na prática?
3. Por que o amor é mais importante do que todos os dons espirituais?

1 Devemos observar desde o início que a expressão "batismo do Espírito" nunca é utilizada no Novo Testamento. Embora eu tenha decidido continuar utilizando aqui a forma nominal, sempre encontramos no Novo Testamento a forma verbal.

2 Há uma variante textual aqui. Então Paulo pode estar se referindo ao corpo sendo queimado e não gloriando-se. A questão é difícil e não será resolvida aqui.

3 Edição em português: *Caridade e seus frutos*: *um estudo sobre o amor em 1Coríntios 13* (São Paulo: Editora Fiel, 2015).

Cinco



Perguntas e respostas

O tópico dos dons espirituais levanta muitas perguntas, e neste breve capítulo responderei sucintamente a seis perguntas normalmente feitas a respeito dos dons espirituais: (1) Todo cristão tem um dom espiritual? (2) Como descobrimos o(s) nosso(s) dom(ns)? (3) Por que Paulo fala para desejarmos os melhores dons, se os dons não significam inferioridade ou superioridade? (4) Por que devemos buscar algum dom, já que eles são dados por Deus de maneira soberana? (5) Os dons são sobrenaturais ou são apenas talentos naturais que temos? (6) Os dons são posse permanente ou podemos exercer um dom que, normalmente, não teríamos?

Todo cristão tem um dom espiritual?

Responderemos a essas perguntas, uma de cada vez. *Em primeiro lugar*, *será que todo cristão tem um dom espiritual?* A Bíblia é muito clara sobre essa questão, então podemos dizer com confiança que todos os cristãos têm pelo menos um dom espiritual. Paulo nos diz em Romanos 12.6: "temos diferentes dons", o que implica que todos têm um dom. Efésios 4.7 é ainda mais claro: "E a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida do dom de Cristo". As palavras "a cada um de nós" demonstram que cada cristão é dotado. É difícil imaginar um texto mais claro do que o de 1Pedro 4.10, onde Pedro diz: "Deus concedeu um dom a cada um". E vemos a mesma verdade em 1Coríntios 12.7, onde Paulo está claramente falando de dons espirituais: "A cada um de nós é concedida a manifestação do Espírito". Ou, como diz 1Coríntios 12.11, o Espírito distribui "individualmente, a cada um, como

quer". Todo o debate de 1Coríntios 12 faz pouco sentido se apenas alguns tiverem dons espirituais, não deixando dúvidas de que cada pessoa tem, pelo menos, um dom espiritual.

Como descobrimos nossos dons espirituais?

Em segundo lugar, como descobrimos os nossos dons espirituais? Quando eu era jovem, descobrir o dom espiritual de alguém era tema de considerável controvérsia, e muitas igrejas e organizações distribuíam testes e pesquisas para que os membros pudessem discernir os seus dons. Esses instrumentos caíram em desuso, e por um bom motivo. Um modo assim tão abstrato de descobrir os nossos dons é, na verdade, contrário ao espírito do Novo Testamento, onde somos convocados a dar de nós mesmos aos outros irmãos na comunidade. Em outras palavras, descobriremos o nosso dom quando nos derramarmos na vida dos irmãos, quando nos envolvermos na vida do corpo.

Devemos ser zelosos pelos dons espirituais, mas a questão para Paulo aqui não é que devemos fazer uma lista de nossos próprios dons. Os dons não são concedidos para o nosso próprio crescimento espiritual, mas para o crescimento dos outros, para o fortalecimento dos irmãos. Algumas das listas de dons dão a impressão de que você pode descobrir o seu dom espiritual na privacidade do seu quarto, longe do envolvimento vital no corpo de Cristo.

Também podemos dizer que, de certo modo, não é fundamental que você reconheça e saiba qual é o seu dom. Alguns se preocupam demais sobre qual seja o seu dom, e por isso se distraem de seu ministério real. Se você está envolvido na igreja, se está servindo aos irmãos, está exercendo os seus dons mesmo que não saiba quais são eles, e isso é o mais importante.

Por que Paulo orienta que desejemos os melhores dons?

Em terceiro lugar, por que Paulo fala para desejarmos os melhores dons, se os dons que temos não significam inferioridade ou superioridade (1Co 12.31; 14.1)? Devemos parar e observar que Paulo exorta os cristãos, como observamos na frase anterior, a buscar os melhores dons. Isso parece bem estranho, já que, anteriormente, no mesmo capítulo, ele enfatizou que o dom de alguém não o torna inferior ou superior. Só que, se alguns dons são melhores do que outros, então quem tem os melhores dons não é melhor do que quem tem os dons menores? Ou, dito de outra forma: se alguns dons são melhores, então quem tem dons menores é inferior?

Devemos prestar muita atenção no que Paulo tem em mente ao dizer que devemos desejar os melhores dons. Vemos em 1Coríntios 14.1-5 que alguns dons são melhores do que outros porque alguns dons edificam mais a igreja. Paulo não está contradizendo o que disse antes sobre as pessoas serem inferiores ou superiores, pois está falando de duas coisas diferentes. Quando ele diz que "quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas" (1Co 14.5), não está dizendo que quem profetiza é uma pessoa melhor, ou mais espiritual, ou mais piedosa do que quem fala em línguas. Está apenas dizendo que o dom de profecia é mais útil na igreja porque as pessoas são mais edificadas por meio desse dom. De maneira funcional, o dom de profecia é mais útil na igreja do que as línguas porque as pessoas são edificadas por meio de palavras que são compreendidas. Mesmo assim, todos os dons são necessários no corpo. Dessa forma, uma pessoa com dom de profecia não é *em essência* melhor do que outra sem esse dom, nem a pessoa com dom profético é mais espiritual do que a pessoa com dom de línguas. O seu valor como pessoa não é maior. Se alguém tem um dom que não edifica tanto os irmãos como, digamos, o dom de profecia, isso não significa que esta pessoa seja inferior. Paulo não acreditava que tinha necessariamente mais maturidade espiritual ou piedade do que alguém com o dom de ajudar. Alguns dons são *funcionalmente* melhores, porque edificam e fortalecem o corpo, mas não é

verdade que a pessoa com esses dons tem mais valor ou dignidade do que quem não tem o mesmo dom. Nem que os outros dons sejam desnecessários.

Por que buscar os dons se são dados soberanamente?

Em quarto lugar, por que devemos buscar algum dom, já que eles são dados por Deus de maneira soberana? Vimos, anteriormente, que os dons que temos são dados pelo próprio Deus de maneira soberana. Em 1Coríntios 12.8,9, os dons dos cristãos se originam do Espírito Santo. Paulo nos diz que o Espírito distribui os dons "individualmente, a cada um, como quer" (1Co 12.11), e que "Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade" (1Co 12.18). Ele declara em 1Coríntios 12.28 que "Deus estabeleceu" se alguém é apóstolo, profeta, mestre etc. Não há dúvida, portanto, que Deus designa de maneira soberana os dons que temos.

Entretanto, se esse for o caso, por que os cristãos são exortados a "desejar os melhores dons" (1Co 12.31) e a "desejar os dons espirituais, principalmente o dom de profecia" (1Co 14.1)? Se Deus decide de forma soberana o que nos dar, parece não haver sentido em termos que buscar dons específicos.

Uma resposta poderia ser que desejamos os melhores dons como comunidade, e não individualmente. Em outras palavras, não oramos necessariamente para que nós, como indivíduos, exerçamos os melhores dons, mas pedimos para que esses dons estejam presentes na comunidade. Essa leitura pode ser correta, embora eu mesmo seja um tanto hesitante em considerar uma dicotomia tão grande entre o indivíduo e a comunidade. Mesmo que esteja correta, entretanto, a pergunta permanece, pois Deus ainda determina de forma soberana quais pessoas da comunidade têm os melhores dons. Assim, a pergunta sobre o motivo de buscar os melhores dons continua pertinente.

A resposta a essa pergunta é um dos temas mais importantes nas Escrituras. Muitos se perdem por causa de um entendimento errado da relação entre soberania de Deus e responsabilidade humana. Somos lembrados de que os nossos dons espirituais são resultado da graça e da soberania de Deus. Não merecemos nenhum crédito ou glória pelos dons que temos. Eles, verdadeiramente, são dons (isto é, presentes), portanto, não existe espaço para vanglória. Ao mesmo tempo, a Bíblia nunca aplica a verdade sobre a soberania de Deus para cancelar a responsabilidade humana. A Bíblia nunca diz algo como: "Deus desejou que isso e aquilo acontecesse, portanto você não precisa fazer nada".

Deus concede os dons de forma soberana, mas, mesmo assim, continuamos tendo a necessidade de buscá-los.

Deus usa e ordena meios para alcançar determinados fins. Por exemplo, Deus elegeu quem seria salvo antes da criação do mundo (Ef 1.4), mas ao mesmo tempo os cristãos devem proclamar o evangelho a todas as pessoas (Mt 28.18-20) e orar pela salvação dos incrédulos (Rm 10.1; 1Tm 2.1,2). Em parte alguma dos seus sermões em Atos, Pedro e Paulo pedem que os eleitos se apresentem para a salvação! Em vez disso, pedem sempre que os seus ouvintes se arrependam e creiam no evangelho. Eles não consideravam que a soberania de Deus cancelasse a responsabilidade humana. Da mesma forma, estava predestinado que Jesus morreria na cruz para a salvação dos pecadores (At 2.23; 4.27,28), mas aqueles que mataram Jesus foram acusados por sua culpa. O fato de que um evento (a morte de Jesus) foi desejado por Deus não tira a autenticidade e a responsabilidade das decisões humanas. "O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada" (Sl 115.3), mas também oramos "Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10,11). A vontade de Deus será feita na terra, mas continuamos a orar para que os propósitos de Deus sejam completamente realizados. Essa explicação, é claro, não responde todas as nossas perguntas,

embora o ensino bíblico seja bem claro de que tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana são verdadeiras. O mesmo princípio está presente no mandamento de desejarmos os dons espirituais. Deus concede os dons de forma soberana, mas, mesmo assim, continuamos tendo a necessidade de buscá-los.

Os dons espirituais são sobrenaturais ou naturais?

Em quinto lugar, será que os dons são sobrenaturais, ou talentos naturais que temos? Poderíamos responder que a pergunta é mal formulada, porque todos os dons vêm de Deus e, nesse sentido, são sobrenaturais. "O que você tem que não tenha recebido?" (1Co 4.7). E nenhum dom é exercido sem a obra vivificadora do Espírito, como vimos em 1Coríntios 12.4,8,9. De acordo com Paulo, não há como considerar que o dom é efetivo por causa do talento nato ou da habilidade dos seres humanos, como se a honra pertencesse àqueles com tais habilidades notáveis. Qualquer bom efeito dos dons vem de Deus, "que efetua tudo em todos" (1Co 12.6, NASB).

Em contrapartida, é evidente que alguns dons são mais abertamente miraculosos do que outros. Os coríntios se encantaram com o dom de línguas, não com o dom de ajudar! Alguns dons, como línguas, interpretação de línguas, cura, milagres e profecia, são manifestações marcantes da presença de Deus em uma comunidade. Os coríntios se encantaram com o dom de línguas, e não nos surpreendemos, porque o dom era um indicativo maravilhoso e surpreendente da presença de Deus no meio do seu povo.

Dons como ensino, ajuda, liderança, contribuição, misericórdia e exortação não são tão notáveis ao olho humano, embora continuem sendo sobrenaturais no sentido de que são animados pelo Espírito Santo, e qualquer bom efeito também vem do Espírito. Parece provável que alguns desses últimos dons estejam ligados à personalidade de alguém de uma maneira que

dons como línguas e milagres não estão. Só que o caráter sobrenatural do dom não é, desse modo, negado, pois mesmo nesse caso o dom vem de Deus. E o bem que resulta do exercício do dom vem do Espírito Santo, não do nosso talento nato.

Será que os dons são posses permanentes?

Em sexto lugar, será que os dons são posses permanentes ou podemos exercer um dom que, normalmente, não é nosso? Paulo não responde essa pergunta de maneira específica, portanto devemos nos contentar em localizar pistas nos seus escritos. A ênfase parece recair nos dons como posses permanentes. Em 1Coríntios 12 o texto passa do dom manifesto (p. ex., profecia), para pessoas dotadas (profetas), sugerindo que aqueles que profetizam, ao menos normalmente, são profetas. Como Paulo se refere a profetas, evangelistas e pastores-mestres (Ef 4.11), parece justo inferir que os dons de profecia, evangelismo e ensino eram uma característica regular na vida de algumas pessoas.

Paulo, contudo, não se refere a ninguém como curandeiro, milagreiro, falante de línguas ou intérprete de línguas. Apenas se refere ao próprio dom. Não podemos inferir disso que ninguém exercia dons como o de línguas ou de cura de maneira regular, mas não podemos descartar a ideia de que alguém possa falar em línguas ou fazer um milagre apenas uma vez, ou em raras ocasiões. Porém, se esse for o caso, a pessoa, de fato, não tem o dom de línguas — apenas fala em línguas de maneira esporádica. Uma pessoa específica poderia apenas alegar ter um dom como o de cura ou de milagres se essas manifestações fossem um acontecimento regular em sua vida. Quase não se poderia reivindicar termos o dom de curas se raramente estamos envolvidos em curas.

Uma pergunta relacionada à anterior é se Paulo fala de ofícios ao usar termos como apóstolos, profetas, mestres etc. A palavra "ofício" sugere a

nomeação a determinado cargo ou posição. É duvidoso, entretanto, que essa fosse a intenção ao se listar várias pessoas com dons. Quando Paulo menciona alguém como profeta, ele não tem em mente a nomeação a um ofício profético definitivo, como um cargo oficial na igreja. Alguém é chamado de profeta porque serve como profeta de maneira regular. É claro, mestre ou profeta continua podendo ter um cargo na igreja, mas os termos "mestre" ou "profeta" não designam, por si mesmos, um ofício. Em vez disso, esses termos denotam uma função regular.

A questão é mais complicada no caso dos apóstolos. Parece difícil negar que Paulo via o apostolado como um ofício. Mesmo que os chamados apóstolos tenham isso como ofício, o que é provável, os apóstolos são a exceção, não a regra.

Conclusão

Neste capítulo, tentei responder a algumas perguntas comuns sobre os dons espirituais. Existem, claro, muitas outras perguntas que poderiam ser feitas. Muitos cristãos perguntam sobre o dom de profecia e o dom de línguas, e se esses dons ainda permanecem. Nos próximos capítulos examinaremos essas questões.

Perguntas para debate

1. Será que todo cristão tem um dom espiritual?
2. Cite algumas maneiras úteis e outras não tão úteis de descobrir os nossos dons espirituais.
3. Como resolvemos a questão de buscar os dons, mesmo sabendo que Deus é soberano os conceder?

Seis



O que é o dom de profecia?

Já definimos vários dons nos capítulos anteriores, porém ainda não definimos a profecia ou o dom de línguas. O motivo é que o significado desses dois dons é muito controvertido. Neste capítulo, analisaremos o dom da profecia e tentaremos determinar o que ele é.

Profecia não é exegese nem pregação carismática

Alguns dizem que a profecia é a exegese carismática,[1] definida como a interpretação dos textos bíblicos guiada pelo Espírito.[2] Essa visão deve ser rejeitada porque não está claro que os profetas estivessem envolvidos na *interpretação das Escrituras*. Eles pronunciavam oráculos, palavras do Senhor; não dependiam *de textos* para proclamar a palavra do Senhor. Não estou dizendo que a revelação entregue aos profetas seja, necessariamente, desconectada do texto das Escrituras. Às vezes, como em Daniel 9, a profecia dada ou a revelação falada ajudam os leitores a compreender uma profecia anterior. Mesmo assim, a função essencial dos profetas não é revelar e explicar textos bíblicos já escritos. A sua profecia pode ajudar a explicar revelações prévias, mas as suas palavras não são uma explicação e exposição contínua de textos bíblicos, mesmo quando eles se valem de textos anteriores em suas profecias.

Outra visão que tem sido popular na história da igreja é que profecia é pregação. Vemos essa interpretação em um livro sobre pregação escrito pelo

grande puritano William Perkins, intitulado *The art of prophesying*.[3] Vários estudiosos têm uma visão similar hoje em dia.[4]

Quem tem o dom da profecia declara a palavra de Deus, embora seja diferente do que chamamos de pregação, já que não parte de um texto preparado. Há lugares na Bíblia onde o verbo *profetizar* é usado para designar o falar a palavra de Deus, e quem está falando não é necessariamente um profeta. Por exemplo, Saul profetizou, mas ele com certeza não era profeta (1Sm 10.11; 19.23,24), pelo menos não no sentido comum. Da mesma forma, quando Lucas diz que os seus filhos e filhas profetizarão (At 2.17,18), é provável que esteja dizendo que tanto homens quanto mulheres declararão a palavra de Deus, mas não necessariamente que todos serão profetas, que todos terão o dom espiritual de profecia. Quem profetiza pode anunciar a palavra de Deus (e, nesse sentido, ela é similar à pregação), mas é diferente de pregar e do dom do ensino, já que quem fala não está trabalhando um texto escrito; não está expondo e explicando a Palavra de Deus.[5]

Concluo que a profecia não se encaixa no que chamamos de pregação hoje, já que os que pregam dependem de um texto bíblico, explicando e aplicando o que a Bíblia ensina. Os que profetizam, entretanto, não proclamam a palavra de Deus com base em um texto escrito, mas transmitem o que Deus lhes revelou. Profecia, portanto, não é o mesmo que pregação, embora possa se sobrepor em alguns aspectos com a função da pregação, já que aqueles que profetizam podem declarar e aplicar a vontade de Deus a pessoas em situações específicas.

Os profetas recebem revelação espontânea de Deus

A característica que separa a profecia do ensino é que quem profetiza comunica revelações de Deus. Recebemos ajuda de 1Coríntios 14.6: “Agora, irmãos e irmãs, se eu for visitá-los e falar em línguas, em que serei útil a vocês,

a não ser que leve alguma palavra de revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou ensino?". A palavra *conhecimento* é outra maneira de se referir ao "ensino", ou seja, conhecimento é fruto e consequência do ensino. Da mesma forma, a palavra "revelação" é outra maneira de se referir à "profecia", ou seja, o recebimento de uma revelação concedida por Deus. A revelação concedida é espontânea, ou seja, não é derivada do estudo do texto bíblico ou de qualquer material tradicional. Deus comunica a sua palavra diretamente ao intelecto do profeta. O profeta pode não comunicar imediatamente o que Deus lhe revelou, mas a revelação em si mesma é espontânea.

Vemos a natureza espontânea da profecia em 1Coríntios 14.29,30. Um profeta está falando à comunidade, mas, de repente, outro profeta recebe uma revelação. O primeiro profeta deveria, então, sentar-se e permitir que o profeta que acabou de receber a revelação fale.

Quem profetiza comunica revelações de Deus.

Vemos outras indicações do caráter espontâneo da profecia em Atos 11.27,28. Ágabo não estava estudando as Escrituras e tentando revelar o seu significado aos seus ouvintes. O Senhor revelou a ele que sobreviria fome ao mundo romano. Da mesma forma, Ágabo previu que os judeus prenderiam Paulo e o entregariam aos gentios (At 21.10,11). Aqui vemos a profecia em funcionamento: Ágabo recebeu uma revelação do que aconteceria com Paulo.

Não devemos concluir, com base nos relatos sobre Ágabo, que profecia é sempre preditiva, pois pode abordar circunstâncias também no presente. Em Atos 13.1-3, lemos sobre várias pessoas que se reuniram para jejuar e adorar ao Senhor. Enquanto estavam adorando, o Senhor falou, quase com certeza por meio de um oráculo profético: "Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado" (At 13.2). Deus revelou espontaneamente para aqueles ali reunidos que Paulo e Barnabé deveriam sair em uma viagem missionária. Assim, quem ensina explica um texto bíblico, mas a profecia

revela uma mensagem de Deus, e os profetas a recebem diretamente de Deus, de maneira espontânea.

O caráter de revelação da profecia também fica evidente em 1Coríntios 13.2, onde lemos: "Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento". O versículo é claramente uma hipérbole, porque nenhum profeta sabe *todos* os mistérios, ou tem *todo* o conhecimento. Ainda assim, a palavra *mistérios* nos ajuda a compreender a natureza da profecia, pois quem profetiza traz à luz o que está oculto e revela o que não está acessível aos seres humanos comuns.

Vemos algo similar em 1Coríntios 14.24,25, onde quem profetiza pode dizer algo que revele "os segredos do seu coração", mostrando novamente o caráter de revelação da profecia. Lemos também em 1Coríntios 14.3 que quem profetiza fala "para edificação, encorajamento e consolação dos homens". Não devemos usar apenas esse versículo para definir a natureza da profecia, pois certamente as pessoas são edificadas, encorajadas e consoladas também por outros dons. Entretanto, Paulo contrasta a profecia com línguas sem interpretação para nos mostrar que a profecia se destaca como uma declaração da revelação de Deus, e essa revelação é recebida de maneira espontânea.

Conclusão

Neste capítulo defendi que a profecia é o recebimento de revelações espontâneas que são comunicadas ao povo de Deus. Profecia não é o mesmo que pregação, pois quem prega expõe o texto bíblico, embora ela possa se sobrepor à pregação na medida que os profetas podem exortar e encorajar o povo de Deus com a palavra de Deus. Profecia também não é o mesmo que exegese carismática, mas isso não quer dizer que os profetas não levem em consideração textos bíblicos nas suas profecias. O que marca a profecia,

entretanto, é o recebimento de revelações espontâneas de Deus, e essas palavras instruem, animam e alertam o povo de Deus.

Perguntas para debate

1. Cite alguns conceitos comuns que você considera errados sobre profecia.
2. Como você definiria profecia depois de ler este capítulo?

1 E. Earle Ellis, "The role of the Christian prophet in Acts", in: W. Ward Gasque; Ralph P. Martin, orgs., *Apostolic history and the gospel: biblical and historical essays presented to F. F. Bruce. Exeter* (Milton Keynes: The Paternoster Press, 1970), p. 130-44.

2 Minha gratidão a Richard Blaylock, que escreveu um artigo excelente sobre profecia em um dos meus seminários de doutorado. Seu artigo é muito mais técnico e meticuloso do que os meus comentários aqui.

3 William Perkins, *The art of prophesying with the calling of the ministry*, edição de Sinclair B. Ferguson, ed. rev., Puritan Paperbacks (Edinburgh: Banner of Truth, 1996) [edição em português: *A arte de profetizar* (Brasília: Monergismo, 2018)].

4 David Hill, *New Testament prophecy* (Atlanta: John Knox, 1979), p. 128; Ralph P. Martin, *The Spirit and the congregation*: *studies in 1Corinthians 12-15* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), p. 14; David E. Garland, *1Corinthians* (Grand Rapids: Baker Academic, 2003), p. 632. A visão de Thomas Gilliespie (Thomas W. Gilliespie, *The first theologians*: *a study in early Christians prophecy* [Grand Rapids: Eerdmans, 1994], p. 28) de que, em Paulo, a profecia é a exposição do evangelho, é uma leitura bem similar.

5 Não é meu propósito desenvolver esse pensamento aqui. Veja o ensaio fascinante de Iain M. Duguid, "What kind of prophecy continues? Defining the difference between continuationism and cessationism", in: John M. Frame; Wayne Grudem; John J. Hughes, orgs., *Redeeming the life of the mind*: *essays in honor of Vern Poythress* (Wheaton: Crossway, 2017), p. 112-28. Duguid aponta vários exemplos em que há diferentes tipos de profetas, ele chama de profetas com *P* maiúsculo e com *p* minúsculo. Essa é uma área que demanda mais explicações, e há algumas distinções que precisam de mais análise do que é possível aqui. Não estou convencido, entretanto, que o profeta com *p* minúsculo errava em suas profecias.

Sete



Será que a profecia do Novo Testamento tem elementos de erro?

Um prelúdio comum às palavras dos profetas do Antigo Testamento era: "Assim diz o Senhor". Esses profetas serviam como porta-vozes de Deus ao seu povo, expressavam as palavras exatas que vinham diretamente da parte de Deus. De fato, o teste do verdadeiro profeta de Deus era simplesmente aguardar que suas palavras se cumprissem (Dt 18.21,22). Caso não se cumprissem, deveria ser considerado um falso profeta.

Uma visão muito comum hoje em dia garante que a profecia do Novo Testamento é diferente da profecia do Antigo nesse sentido. Enquanto a profecia do Antigo Testamento é infalível, muitos garantem que o dom de profecia ao qual se refere o Novo Testamento — analisado no último capítulo — é falível e se encontra em meio a erros. Neste capítulo, defenderei que essa ideia — de que as profecias do Novo Testamento são encontradas em meio a erros — é enganosa.

Argumentos que apoiam a falibilidade da profecia neotestamentária

Wayne Grudem é o defensor mais famoso e persuasivo dessa visão. Ele considera a profecia do Antigo Testamento infalível e inerrante, mas a do Novo Testamento, falível. Sob a antiga aliança, profetas genuínos eram identificados por sua precisão. Lemos, por exemplo, sobre o profeta Samuel, que "o Senhor era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra" (1Sm 3.19, ESV). Observe que *todas* as palavras de Samuel se

cumpriram, e não houve ocasião em que ele profetizasse algo falso. Aqueles que acham que a profecia do Novo Testamento está misturada a erros alegam que os sucessores dos profetas do Antigo Testamento são os apóstolos, e que os apóstolos não erravam no seu ensino, mas as palavras dos profetas do Novo Testamento teriam um misto de verdade e erro.

Por que alguns creem que a profecia do Novo Testamento é diferente da profecia do Antigo Testamento? Em outras palavras, por que alguns defendem que a profecia do Novo Testamento é um misto de verdade e erro?[1]

Em primeiro lugar, apontam que as *profecias* é que são julgadas, não os *profetas*. Lemos em 1Coríntios 14.29: "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem". Por que as profecias são avaliadas? Para separar a verdade do erro nas profecias dadas. Assim, as profecias — e não os profetas — são avaliadas.

Vemos o mesmo em 1Tessalonicenses 5.20,21, onde Paulo diz: "Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom". A igreja não deveria rejeitar o dom profético, mas ao mesmo tempo deveria testar as profecias, porque elas poderiam conter erros. Os cristãos deveriam testar e avaliar as profecias, ficando com o que é bom e rejeitando qualquer erro.

Um segundo argumento em apoio à ideia de que as profecias podem estar misturadas a erros é que algumas profecias do Novo Testamento são desobedecidas, e essa desobediência não é pecaminosa. Lemos em Atos 21.4: "Eles, pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém".

Paulo, entretanto, não ouviu essas palavras (At 21.13,14) e nem pensou que a profecia representasse a palavra de Deus para ele. Lucas não conclui que Ágabo era um falso profeta, nem deu qualquer indicação de que Paulo pecou não seguindo o seu conselho de não ir a Jerusalém. De fato, Paulo foi guiado pelo Espírito para ir a Jerusalém (At 19.21; 20.22). Parece, então, que a profecia pode estar misturada ao erro, mas a pessoa que diz algo errado não é

identificada como falso profeta. No Antigo Testamento, obviamente, erros na profecia confirmariam que alguém era um falso profeta.

Em terceiro lugar, também se defende que a profecia de Ágabo acerca de Paulo ser entregue aos romanos pelos judeus estava errada. Ágabo: "... vindo ao nosso encontro, tomou o cinto de Paulo e, amarrando as suas próprias mãos e pés, disse: 'Assim diz o Espírito Santo: "Desta maneira os judeus amarrarão o dono deste cinto em Jerusalém e o entregarão aos gentios"'". Se lemos a história do que aconteceu com Paulo em Atos 21, os judeus não amarraram Paulo de fato e o entregaram aos romanos. Em vez disso, capturaram Paulo no Templo, levaram-no para fora dos portões do Templo, começaram a bater nele e tentaram matá-lo. O comandante romano Cláudio Lísias, alertado quanto ao que estava acontecendo, enviou suas tropas para acabar com o tumulto, resgatando Paulo das mãos dos judeus. Os judeus não entregaram Paulo aos romanos; os romanos resgataram Paulo dos judeus! Ágabo, portanto, teria entendido errado os detalhes da sua profecia; ela teria sido um entrelace de verdade e erro. Mesmo assim, Ágabo não foi rejeitado como falso profeta.

O que os defensores dessa visão fazem com o texto de Efésios 2.20, segundo o qual a igreja está "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas"? O versículo é importante porque sugere que os profetas do Novo Testamento têm a mesma autoridade que os apóstolos. Grudem defende que os profetas aqui não devem ser compreendidos como separados dos apóstolos. Ao contrário, nesse caso os apóstolos e os profetas são a mesma entidade, já que os dois substantivos estão sob o mesmo artigo grego.[2] Paulo se refere, então, a apóstolos que também são profetas.

A profecia do Novo Testamento é infalível e portadora de autoridade

Apesar dos argumentos a favor da noção de que a profecia do Novo Testamento é diferente da profecia do Antigo porque está em meio a erros, os argumentos ao contrário são mais convincentes. Em outras palavras, a profecia do Novo Testamento não é diferente da profecia do Antigo Testamento, e, tal como a profecia do Antigo, também é infalível e sempre verdadeira. As profecias do Novo Testamento não estão em meio a erros. Vários argumentos apoiam essa posição.

Em primeiro lugar, esperamos que a profecia do Novo Testamento seja igual à profecia do Antigo Testamento, a não ser que haja motivos decisivos para dizer que são diferentes. Em outras palavras, o ônus da prova recai sobre aqueles para quem a profecia do Novo é diferente em natureza e caráter da profecia do Antigo. A nossa expectativa normal é que a profecia do Novo Testamento opere da mesma forma que a profecia do Antigo Testamento. A promessa de Joel — de que jovens e velhos profetizarão (Jl 2.28) — presume que a natureza é a mesma nos dois Testamentos. Devemos lembrar que a questão dos falsos profetas é um grande problema no Novo Testamento, assim como era no Antigo (cf. Ap 2.20). Jeremias denuncia repetidas vezes os profetas por preferirem falsas profecias e por dizerem coisas que não eram verdade (p. ex., Jr 20.6; 23.16,25,26,32; 27.10,15), e os coloca em contraste com os profetas genuínos que sempre falam a verdade (Jr 28.9). João nos alerta sobre "muitos falsos profetas" espalhados pelo mundo (1Jo 4.1; cf. tb. At 13.6; 2Pe 1.21; 2.1), o que refl a preocupação de Jesus com os "muitos falsos profetas" que surgirão (Mt 24.11; cf. Mt 24.24; Mc 13.22; Lc 6.22). Os cristãos são exortados a ficarem vigilantes "com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas" (Mt 7.15; cf. Ap 16.13; 19.20; 20.10). Porém, se a palavra de profetas verdadeiros está misturada a erros, identificar falsos profetas seria, de fato, muito difícil. Quem alega que a profecia do Novo Testamento é falível não leva em consideração a necessidade de discernir entre profetas verdadeiros e falsos, pois fazer esse tipo de juízo seria

difícil demais se as palavras dos verdadeiros profetas contivessem tanto verdades, quanto erros.

Às vezes os continuacionistas dizem que a profecia é como o ensino no sentido de que os mestres não são infalíveis. Porém, há uma diferença essencial entre profecia e ensino. Os mestres, como observamos antes, expõem e explicam o texto bíblico. Os profetas, entretanto, trazem uma palavra imediata de Deus. A credibilidade dos mestres pode ser examinada e testada com base no texto que estão ensinando. Quem ouve pode avaliar se o que é ensinado está de acordo com o texto portador de autoridade, segundo o argumento que o texto bíblico está propondo. Porém, quando os profetas falam, não estão explicando e expondo um texto. Antes, alegam ter uma palavra direta de Deus e, assim, as suas palavras não podem ser comparadas com um texto escrito. Vemos, então, que as diferenças entre profecia e ensino são significativas, e o problema dos erros na profecia não é resolvido quando se apela ao dom do ensino.

Quem defende a ideia de que a profecia do Novo Testamento está em meio a erros tende a restringir a profecia à orientação individual, todavia esse cenário é muito improvável. Os profetas do Novo Testamento exerciam um ministério amplo e influente. Não estavam apenas, ou mesmo primariamente, concentrados em transmitir orientação a indivíduos. Portanto, é muito mais provável que a maneira de avaliar os profetas seja a mesma, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento. Profetas que erravam eram falsos profetas.

Em segundo lugar, o significado do ministério dos profetas do Novo Testamento é evidente e não pode ser restrito a preocupações privadas e individuais. A igreja é "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). O papel fundamental dos apóstolos e profetas aponta para a autoridade de suas palavras, sugerindo que a profecia no Novo Testamento tem a mesma autoridade da profecia no Antigo Testamento. Se a profecia ainda existir hoje, fica difícil resistirmos à conclusão de que o fundamento estabelecido pelos apóstolos e profetas ainda não se completou, e que os

profetas do Novo Testamento ainda estão fazendo acréscimos ao fundamento do ensino apostólico.[3] Somos, portanto, confrontados com a situação em que pessoas ainda hoje estão falando palavras de revelação e, nesse cenário, a autoridade única e definitiva do Novo Testamento é ameaçada. Em Efésios 2.20, vemos que as palavras dos profetas têm papel decisivo no formato da doutrina e da vida da igreja. Elas não são apenas bons conselhos sobre a pessoa com quem devemos casar, ou sobre assuntos privados da vida individual de alguém. Elas têm papel fundamental no estabelecimento da igreja de Jesus Cristo!

Se a profecia ainda existir hoje, fica difícil resistirmos à conclusão de que o fundamento estabelecido pelos apóstolos e profetas ainda não se completou.

A propósito, não há dúvida de que o texto de Efésios 2.20 tem em mente os profetas do Novo Testamento, e isso é confirmado por Efésios 3.5, onde Paulo diz que o mistério "não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas *agora* foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus". O mistério é que judeus e gentios são, de igual modo, membros da igreja de Jesus Cristo (Ef 3.6), e é óbvio que essa verdade não foi revelada aos profetas do Antigo Testamento com a mesma clareza concedida aos apóstolos e profetas do Novo Testamento. De fato, a ordem das palavras (primeiro, apóstolos e, depois, profetas) confirma que se pensou nos profetas do Novo Testamento, já que esperaríamos que a ordem fosse profetas e apóstolos se a referência fosse aos profetas do Antigo Testamento.

Vimos, entretanto, que, segundo Grudem, Efésios 2.20 fala apenas de um grupo: os apóstolos *que são também* profetas. A interpretação proposta, entretanto, é bem improvável e deveria ser rejeitada. Vemos, por exemplo, tanto em Efésios 4.11 quanto em 1Coríntios 12.28, que apóstolos e profetas são duas coisas diferentes. Não temos nenhum outro exemplo em que apóstolos e profetas são vistos como a mesma coisa. A visão mais natural é de que apóstolos e profetas são diferentes também em Efésios 2.20.[4] E, como

apóstolos e profetas são coisas distintas, os profetas têm um papel fundamental, junto dos apóstolos, no estabelecimento da igreja de Jesus Cristo. Só que é difícil conceber o papel fundamental dos profetas se as suas profecias estiverem em meio a erros. É mais convincente concluirmos que os profetas do Novo Testamento têm a mesma autoridade e infalibilidade dos profetas do Antigo Testamento.

Em terceiro lugar, vimos em 1Coríntios 14.29 e em 1Tessalonicenses 5.20,21 que as profecias reveladas pelos profetas do Novo Testamento são avaliadas e julgadas. Quem acha que os profetas do Novo Testamento podem errar defende que as *profecias* são avaliadas, *não os profetas*. Só que essa distinção não é persuasiva, porque a única base pela qual os profetas do Antigo Testamento podiam ser avaliados eram as suas profecias. Vimos em Deuteronômio 18.21,22 que a autenticidade dos profetas do Antigo Testamento é determinada pelo fato de *as suas profecias* se cumprirem. Quando lemos 1Coríntios 14.29 e 1Tessalonicenses 5.20,21, o mesmo critério é aplicado. Não há outra maneira de determinar se um profeta é autêntico, a não ser pelas palavras que fala. Demonstra-se que são falsos profetas, assim como no Antigo Testamento, se as suas profecias falham.

Paulo não precisa se estender na exortação já que os leitores sabiam, com base no próprio Antigo Testamento, que os falsos profetas eram expostos por suas profecias erradas. Os leitores são avisados sobre os perigos dos falsos profetas em 1João 4.1: "Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo".

Às vezes as pessoas colocam em dúvida o fato de todas as palavras proféticas estarem mesmo escritas e incluídas nas Escrituras. Elas dizem que, se as profecias fossem inteiramente verdadeiras e portadoras de autoridade, precisariam estar escritas e preservadas nas Escrituras. Na verdade, essa objeção não tem base e não diz nada sobre a natureza da profecia do Novo Testamento. Até mesmo as profecias do Antigo Testamento não têm de estar

escritas e preservadas para serem verdadeiras e portarem autoridade. De fato, muitas profecias — a maioria delas — não fazem parte das Escrituras, mas tal situação não indica que as profecias não escritas contivessem erros. Tudo o que Elias e Eliseu disseram quando estavam falando no nome do Senhor foi verdade, mas a maioria de suas profecias não foi preservada nas Escrituras.[5] Não temos relato do que os cinquenta profetas escondidos por Obadias profetizaram (1Rs 18.4). Nem conhecemos as profecias dos filhos dos profetas que estavam associados especialmente a Eliseu (2Rs 2.3,5,7,15; 4.1,38; 5.22; 6.1; 9.1). Esses dois grupos devem ter profetizado, já que eram chamados de profetas. Só que *nada* do que os filhos dos profetas profetizaram está registrado na Bíblia. Mesmo assim, *tudo* o que profetizaram era verdade! Eles não cometeram erros em suas profecias, mesmo que suas palavras não tenham sido conservadas para sempre. Observe que temos as palavras de pelo menos sessenta profetas nesses dois exemplos que não foram escritas ou preservadas para a posteridade, mostrando que as profecias não precisam, necessariamente, ser incluídas na Bíblia para serem completamente verdade.

Não temos indicação, portanto, de que a profecia do Novo Testamento seja diferente da profecia do Antigo Testamento da perspectiva de sua exatidão completa apenas porque elas não foram escritas para a posteridade. Os profetas do Novo Testamento falavam com autoridade e com verdade total às situações de suas igrejas. O fato de que a maior parte das profecias não foi escrita e preservada é completamente irrelevante no que diz respeito à sua veracidade. É um erro categórico pensar que, se as profecias não contêm erro, devem ser escritas e incluídas nas Escrituras. E não há uma sequência lógica dizendo que, se não foram escritas e preservadas, devem conter erros. Deus falou com autoridade e verdade por meio dos profetas, mesmo quando as profecias deles não foram escritas e preservadas. Eles falaram a palavra infalível de Deus aos seus contemporâneos, que precisavam ouvir essas palavras de verdade e com a autoridade divina.

Em quarto lugar, a afirmação de Paulo de que a sua palavra é superior à dos profetas em 1Coríntios 14.37,38 não sugere que as profecias possam conter erros. Ele aborda a situação potencial em que alguém que *afirma* ou *pensa* (*dokei*) ser profeta ignora o que Paulo ordena. Se um profeta "ignora" o que Paulo diz, então ele é "ignorado" pelo próprio Deus (1Co 14.38)! A questão aqui não é se as palavras do profeta estão em meio a erros, mas se ele é ou não um falso profeta! Aqueles que afirmam ser profetas e, mesmo assim, ignoram as palavras de Paulo são ignorados por Deus, o que significa que não pertencem a Jesus Cristo e não são profetas verdadeiros. Paulo não está apenas dando puxão de orelha aqui, mas exortando aqueles que afirmam ser profetas de que as suas palavras não devem, e não podem, opor-se à sua autoridade apostólica. Se eles afirmavam ter uma mensagem de Deus que contradissesse a Paulo, eles não faziam parte da igreja de Cristo.

Em quinto lugar, a noção de que Ágabo estava enganado em Atos 21.11, quando disse que os judeus amarrariam Paulo e o entregariam aos romanos, não convence. Precisamos nos lembrar que a sua profecia sobre a fome foi completamente exata (At 11.28), e o mesmo é verdade na sua profecia sobre Paulo. À primeira vista podemos pensar que Ágabo estava enganado em relação à prisão de Paulo (At 21.11), já que Paulo foi resgatado pelos romanos das mãos dos judeus que o estavam atacando. Todavia, precisamos estar alertas para interpretar o cumprimento da profecia de forma rígida. Na verdade, quando Paulo foi aprisionado em Roma e relatou aos judeus de lá sobre a sua prisão em Jerusalém, ele utiliza a mesma palavra que Ágabo usou ao relatar o que aconteceu com ele. Ágabo previu em Atos 21.22 que os judeus "entregariam" (*paradōsousin*) Paulo "para os gentios". Quando Paulo informa os judeus em Roma mais tarde sobre o que aconteceu naquela ocasião, ele diz: "Três dias depois, ele convocou os líderes dos judeus. Quando estes se reuniram, Paulo lhes disse: 'Meus irmãos, embora eu não tenha feito nada contra o nosso povo nem contra os costumes dos nossos antepassados, fui entregue (*paredothēn*) como prisioneiro de Jerusalém nas mãos dos

romanos'" (At 28.17). Aparentemente, Paulo não achou que Ágabo estava enganado, porque ele declara que foi "entregue" ou "liberado" pelos judeus aos romanos. Podemos pensar que teria sido mais exato Paulo dizer que ele não foi entregue, mas resgatado. Vemos, entretanto, que as palavras de Paulo indicam que ele acreditava no cumprimento da profecia de Ágabo.[6]

O cumprimento da profecia de Ágabo levanta outra questão que devemos abordar brevemente, importante para aqueles de nós que acreditam na inerrância das Escrituras. Os conceitos ocidentais modernos de exatidão não devem ser aplicados às Escrituras quando falamos de exatidão. A Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica introduz o tipo de ressalva necessário para definirmos o termo.[7] O trabalho cuidadoso de Craig Blomberg também demonstra que a inerrância deve ter uma graduação adequada, que não podemos impor às Escrituras o tipo de exatidão informatizada que temos na nossa cultura hoje.[8] O que estou dizendo aqui é que, se julgamos que Ágabo cometeu um engano, o mesmo tipo de juízo deveria ser usado para avaliar outros textos que, segundo alguns alegam, contêm erros. Para evitar enganos, não estou dizendo que quem pensa que a profecia do Novo Testamento está em meio a erros nega a inerrância, de forma alguma! O ponto é que uma definição restritiva do que constitui erro poderia também se aplicar *em princípio* à doutrina da inerrância. Quem pensa que Ágabo errou define o erro de maneira muito austera e rígida.

Outros dois argumentos apontam para a precisão de Ágabo. Ágabo utiliza o simbolismo profético (At 21.11), tal como os profetas do Antigo Testamento, ao tirar o cinto de Paulo e amarrar suas mãos e pés. Lembramos de Isaías, que andou por aí nu, simbolizando o juízo que viria sobre Egito e Cuxe (Is 20.1-6). Ou pensamos em Jeremias usando um cinto de linho, que simboliza como Judá e Jerusalém deveriam se agarrar ao Senhor (Jr 13.1-11). Em vez disso, o cinto foi escondido no Eufrates, que o danificou, indicando a distância que Israel estava do Senhor. Da mesma forma, Ezequiel construiu um cerco em miniatura contra Jerusalém, que simbolizava o cerco de

Jerusalém perpetrado por Babilônia (Ez 4). O simbolismo usado por Ágabo mostra que ele está de acordo com os profetas do Antigo Testamento, que sua profecia é tão verdadeira quando a deles. A maneira que Lucas estrutura as profecias de Ágabo mostra que Lucas o considerava na mesma linhagem dos profetas do Antigo Testamento.

Outro indicativo da autoridade de Ágabo é a fórmula usada para introduzir as suas palavras. Ágabo diz: "Isso (*tade*) é o que o Espírito Santo diz". Uma fórmula similar é usada centenas de vezes no Antigo Testamento para as palavras de autoridade do Senhor transmitidas pelos profetas. A palavra *tade*, que literalmente significa "essas coisas", é usada repetidas vezes no Antigo Testamento para denotar as palavras de autoridade do Senhor. Encontramos o mesmo fenômeno no livro do Apocalipse, onde todas as sete cartas às sete igrejas são introduzidas com as palavras de autoridade de Jesus Cristo (Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14). Em cada um destes casos, as palavras de Jesus são introduzidas com a mesma fórmula encontrada nos lábios de Ágabo: "essas coisas" (*tade*). Lucas nos fornece todos os indicativos, portanto, para acreditarmos que Ágabo falava como os profetas do Antigo Testamento e como o próprio Jesus Cristo no livro do Apocalipse. Não temos nenhum indicativo no sentido de Lucas achar que Ágabo estivesse enganado. A bem da verdade, ele comunica o oposto disso. Ágabo fala a palavra do Senhor.

Em sexto lugar, os textos mais difíceis para aqueles que acham que a profecia no Novo Testamento é infalível são Atos 21.4 e 21.12,13. As pessoas falam "pelo Espírito" para Paulo não ir para Jerusalém pois está predito que ele sofrerá lá, mas Paulo insiste em ir e alega ser levado pelo Espírito a essa decisão. Quem pensa que a profecia do Novo Testamento está em meio a erros diz que há um exemplo claro aqui de erro na profecia. Essa interpretação com certeza é possível. Nem haveria debate algum se essa questão fosse fácil de resolver! Só que outra leitura da evidência é mais atraente, e essa leitura apoia a noção de que as profecias do Novo Testamento são infalíveis.

Em Atos 21.4, a profecia está correta (Paulo sofreria), mas a dedução tirada da profecia (Paulo não deveria ir para Jerusalém) está errada. Eu sugeriria que a dedução tirada da profecia não era parte da própria profecia. Assim, a profecia de que Paulo enfrentaria sofrimento em Jerusalém era correta e inspirada pelo Espírito; a *conclusão* que as pessoas tiraram da profecia — de que Paulo não deveria viajar para Jerusalém — é que estava errada. Ela não vinha do Espírito. C. K. Barrett tem razão quando diz: "Lucas não se expressa com clareza. Levadas ao pé da letra, suas palavras significam: ou que Paulo desobedeceu deliberadamente a vontade de Deus, ou que o Espírito estava enganado no direcionamento dado. Está fora de questão que Lucas pretendesse dizer alguma dessas coisas".[9] Barrett continua o seu argumento e propõe a mesma solução acima apresentada.

E o que dizer das impressões?[10]

Temos visto que há razões decisivas para afirmarmos que a profecia do Novo Testamento, assim como a do Antigo, é inerrante e infalível. O que a maioria chama de profecia nas igrejas hoje, na minha opinião, não é o dom de profecia do Novo Testamento, pois a profecia do Novo Testamento é inerrante. Não devemos, entretanto, concluir que o que acontece nas igrejas carismáticas hoje é demoníaco. É melhor caracterizar o que acontece hoje como o compartilhar de *impressões* e não como profecia. Deus pode imprimir algo no coração ou na mente de alguém, e essa pessoa pode usar essas impressões para ajudar outras pessoas em sua caminhada espiritual. É uma questão de definição: o que alguns chamam de profecias são, na verdade, impressões, quando alguém sente que Deus o está guiando a falar para outra pessoa, ou a fazer algum tipo de declaração sobre uma situação.

A palavra *impressão* é uma descrição melhor do que a palavra *profecia* aqui, porque as impressões podem ser um entrelace entre verdade e erro. Às vezes,

O que alguns chamam de profecias são, na verdade, impressões.

de maneira bem marcante, elas podem estar completamente certas! Deus pode colocar algo no coração de alguém, e isso pode estar completamente certo e ser exatamente o que uma pessoa precisa ouvir. Às vezes a impressão pode ser bem surpreendente e claramente miraculosa, embora isso seja mais raro. Em contrapartida, às vezes as impressões estão totalmente erradas, e é evidente que as palavras compartilhadas não são úteis ou verdadeiras. E algumas impressões podem ser um misto de verdade e erro. Quem tem impressões erradas não é um falso profeta. Afinal de contas, no meu ponto de vista, impressões não são mesmo profecias! Há um perigo, é claro, de confiar demais nas impressões, e falarei mais sobre isso em breve.

A diferença entre cessacionistas[11] e continuacionistas[12] é, de certa forma, insignificante no nível prático quando se trata de profecia, pois aquilo que os continuacionistas chamam de profecia os cessacionistas chamam de impressões. Como cessacionista, afirmo que Deus pode falar ao seu povo por meio de impressões. E há situações em que as impressões têm uma precisão espantosa.

O debate sobre profecia seria, portanto, apenas uma questão de semântica? Creio que não, pois é importante definir com precisão os termos encontrados nas Escrituras. Na minha avaliação, o que os carismáticos modernos praticam não é o mesmo que o dom de profecia da Bíblia, e é importante ter clareza bíblica sobre a natureza da profecia, especialmente porque a visão carismática abre a igreja para os perigos dos falsos profetas. Além do mais, muitos carismáticos não têm as reservas e qualificações cuidadosas para definir profecia que encontramos em estudiosos de excelência como Wayne Grudem e Sam Storms, e esses carismáticos menos cuidadosos, às vezes, usam as suas chamadas profecias de formas que colocam em perigo a autoridade única e final das Escrituras. A afirmação de que a pessoa tem uma profecia para transmitir pode ser utilizada como uma forma de ameaça ou

mesmo como uma forma de abuso sobre os mais ingênuos ou imaturos. Não devemos, portanto, confundir impressões com profecia.

Deus pode usar as impressões para o nosso bem, mas elas não são o mesmo que profecia e precisam ser bem distintas dessa. Não podem ter grande importância porque a Bíblia não aborda as impressões. Não se conclui com isso que as impressões são inúteis, pois compartilhamos muitos pensamentos com outros cristãos que não são a verdadeira palavra de Deus em conversas, pequenos grupos e mesmo em reuniões maiores. Não descartamos o valor dessas percepções, mesmo não sendo palavras inspiradas. Somos lembrados, entretanto, de que não devemos superestimar as impressões, e que precisamos ter cuidado para que as pessoas não se apoiem nelas. Jonathan Edwards alerta corretamente:

> Logo, suplico ao povo de Deus que seja muito cauteloso a respeito da atenção dada a essas coisas.Tenho as visto falhar em várias ocasiões; e sei, por experiência própria, que as impressões feitas com grande poder, e na mente de verdadeiros santos, sim, santos eminentes; e logo depois, sim, no meio de exercícios extraordinários de graça e doce comunhão com Deus, bem como acompanhadas por textos bíblicos fortemente gravados na mente, não são sinais seguros de revelação dos céus: pois tenho visto tais impressões falharem, e se revelarem vãs diante do acontecimento, em algumas ocasiões acompanhadas por todas essas circunstâncias. Sei que aqueles que abandonam a firme palavra de profecia (a Bíblia), que Deus nos deu para servir de luz na escuridão, para seguirem tais impressões e impulsos, deixam a orientação da estrela polar para seguir uma lanterna de abóbora. Não nos surpreende, portanto, que, por vezes, eles sejam levados a uma dança terrível e a extravagâncias deploráveis.[13]

Edwards nos alerta com sabedoria sobre o perigo de confiar nestas impressões. Há quem, por natureza, seja muito confiante, confundindo suas próprias certezas com a orientação do Espírito. Vemos que Deus pode usar impressões, mas elas não devem ser a norma na nossa vida. Não podemos depender delas para orientação.

Conclusão

Neste capítulo, defendi que a profecia do Novo Testamento não é encontrada em meio a erros, mas é infalível e inerrante, tal como a profecia do Antigo Testamento. Vimos que a igreja está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas do Novo Testamento. Também vimos que as afirmações de que os profetas do Novo Testamento erravam não são confiáveis. A veracidade total dos profetas do Novo Testamento era uma questão vital na igreja primitiva, porque os falsos profetas eram um perigo constante. Se os profetas do Novo Testamento falavam um misto de verdade e erro, discernir quais eram os profetas falsos e verdadeiros teria sido um pesadelo. Finalmente, vimos que aquilo que muitos círculos carismáticos hoje chamam de profecia pode ser mais corretamente classificado de "impressão" divina. Deus pode conceder essas impressões, mas elas não deveriam ser recebidas com o mesmo nível de autoridade das profecias do Antigo ou Novo Testamento.

Perguntas para debate

1. Você considera que as profecias do Antigo e do Novo Testamento têm natureza diferente?
2. Por que é importante saber se a profecia do Novo Testamento contém erros?
3. Debata sobre as implicações de Efésios 2.20 sobre o tópico da profecia.
4. Qual é a diferença entre profecia e impressões?

1 Para deixar claro, o argumento é que a profecia dada por Deus é infalível, mas se torna manchada com erros na sua recepção ou transmissão.

2 W. A. Grudem, *The gift of prophecy in 1Corinthians* (Washington: University Press of America, 1982), p. 82-105.

3 Grudem, claro, não pensa que isso está acontecendo, mas estou argumentando que os textos do Novo Testamento têm implicações que apontam para uma leitura bem diferente da de Grudem.

4 Grudem apela para a regra de Granville Sharp, onde dois substantivos com um único artigo se referem à mesma entidade. O problema em apelar para essa regra é que a regra de Granville Sharp só se aplica a substantivos no singular, não no plural. Como aqui temos substantivos no plural, não há base gramatical para pensar que se referem à mesma entidade. Devemos tentar discernir por que há um artigo com os dois substantivos, e a melhor resposta é que os apóstolos e os profetas, juntos, constituem o fundamento da igreja.

5 Não devemos compreender, com base nisso, que os profetas não diziam nada de errado durante sua vida. Eles eram seres humanos normais! Todavia, quando eles falavam em nome do Senhor, as suas palavras não continham erro.

6 Também não funciona dizer que a alusão é na verdade a Atos 23, onde Paulo foi entregue pelo sistema jurídico judaico aos romanos depois de ter sido examinado pelos judeus. Essa leitura não se encaixa nos fatos, pois quando Paulo foi interrogado pelos judeus, ele já estava sob a autoridade romana. Além do mais, em Atos 23 os judeus não entregaram Paulo aos romanos. O comandante temeu que eles pudessem ferir Paulo mais uma vez, por isso ele o resgatou de novo das mãos deles.

7 International Council on Biblical Inerrancy, "The Chicago Statement on Biblical Inerrancy" , *The Journal of the Evangelical Theological Society* 21 (Dezembro de 1978): 289-96.

8 Craig Blomberg, *The historical reliability of the Gospels* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1987); idem, *The historical reliability of John's Gospel: issues and commentary* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2001); idem, *Can we still believe the Bible? An evangelical assessment with contemporary questions* (Grand Rapids: Brazos, 2014); idem, *The historical reliability of the New Testament*: *countering the challenges to evangelical Christian beliefs* (Nashville: B&H Academic, 2016).

9 C. K. Barrett, *Acts 15—28*, International Critical Commentary (Edinburgh: T&T Clark, 1998), vol 2, p. 990. O comentário de Barrett não deveria ser mal compreendido, pois não fazemos uma crítica a Lucas. Não era propósito de Lucas ser preciso aqui porque o ponto principal da sua narrativa não era revelar a natureza da profecia. Lucas considerava que seus leitores concordariam que a profecia é sempre verdadeira, nunca está errada. Barrett acerta totalmente ao dizer que está "fora de questão" que o Espírito se enganou ou que Paulo desobedeceu a vontade de Deus.

10 Nesta seção, o autor usa "impressão" não no sentido de uma "noção ou opinião" subjetiva que alguém tenha, mas de algo impresso ou comunicado de fora para dentro, como uma influência externa. No caso, algo que Deus comunica à mente ou ao coração. (N. do E.)

11 Diz-se dos que acreditam que os dons de línguas e de profecia já cessaram.

12 Diz-se dos que acreditam que esses dons continuam até o presente.

13 Jonathan Edwards, "Distinguishing marks of a work of the Spirit of God", in: C. C. Goen, org., *The works of Jonathan Edwards* (New Haven: Yale University Press, 1972), vol. 4: *The great awakening*, p. 282.

Oito



A natureza do dom de línguas

Tenho defendido que as pessoas que têm o dom de profecia comunicam palavras infalíveis de Deus, e essas mensagens divinas são dadas de maneira espontânea por Deus aos seus mensageiros. Por isso, defendi que o dom de profecia já cessou, e que aquilo que muitos consideram palavras proféticas nos dias de hoje são, na verdade, impressões: algumas dadas por Deus, outras não.

O objetivo deste capítulo é investigar a natureza do dom de línguas. O que é o dom? Como a Bíblia se refere a ele? Será que as pessoas ainda falam em línguas hoje? Muitos afirmam falar em línguas hoje, mas temos de perguntar se o que estão fazendo se equipara ao dom encontrado na Bíblia. Defenderei, com base em Atos e 1Coríntios, que o dom de línguas é o dom de falar em línguas humanas. Portanto, falar em línguas não é, como muitos hoje acreditam, emitir expressões extáticas, ou seja, falar palavras sem um código, ou padrão linguístico, detectáveis.

O falar em línguas em Atos

Começamos com o livro de Atos. Em Atos 2, o dom de línguas é claramente o de falar em idiomas existentes, porque pessoas de todo o mundo ouviram os apóstolos "falar em sua própria língua" (2.6) e "cada um" os ouviu "em [sua] própria língua materna" (2.8). Os apóstolos estavam declarando as palavras de Deus "em nossa própria língua" (2.11). Uma citação mais longa de Atos 2.8-11 esclarece que o dom aqui era falar em outros idiomas. "Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, do Ponto e da

província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua!" Pessoas de todas as diferentes partes do mundo ouviam os apóstolos falando nos seus próprios idiomas.

Alguns defendem que o dom, na verdade, não era falar, mas *ouvir*. Porém, essa não é a maneira mais natural de ler o texto. Por exemplo, Atos 2.4 diz que os 120 "ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas". Atos 2.6 diz que as pessoas os ouviam "*falar* em sua própria língua". Parece claro, então, que o dom em Atos 2 era a capacidade de falar outros idiomas.

Após esse acontecimento, há outro episódio do falar em línguas quando Cornélio e seus amigos (At 10.1-48) receberam o Espírito Santo (At 10.46). Lucas deixa claro que o dom é o mesmo dado aos 120 em Pentecostes. Em outras palavras, Cornélio e os seus amigos falaram em idiomas que não conheciam. Pedro confirma essa interpretação em Atos 11.17, quando diz: "Se, pois, Deus lhes deu o *mesmo* dom que nos tinha dado". Pedro nos diz especificamente que o dom era o mesmo recebido no Pentecostes. O falar em línguas pelos doze efésios em Atos 19.6 deveria ser interpretado da mesma forma, pois Lucas não nos deixou qualquer indício do contrário.

O falar em línguas em 1Coríntios

Parece bem claro que as línguas em Atos se referem a idiomas desconhecidos por quem fala, mas muitos comentaristas acham que o falar em línguas em 1Coríntios 12—14 se refere a expressões extáticas, e não a idiomas existentes. Lemos, por exemplo, em 1Coríntios 14.2: "Pois quem fala em uma língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; fala mistérios no Espírito". Muitos acham que Paulo deve estar se referindo às expressões extáticas, pois, diferente do que encontramos em Atos, o discurso é dirigido a

Deus, e não a seres humanos. Os "mistérios" falados, de acordo com essa interpretação, referem-se ao discurso extático, e alguns sustentam que o versículo só faz sentido se Paulo tem as expressões extáticas em mente. Muitos também veem uma referência às expressões extáticas nas "línguas de anjos" (1Co 13.1), que parecem indicar línguas faladas não restritas aos idiomas humanos.

O argumento para as expressões extáticas é possível, porém não convincente. Em primeiro lugar, as línguas não podem ser interpretadas a não ser que tenham um código que possa ser decifrado. Murmúrios extáticos sem sentido não podem ser interpretados, já que não há nada para ser comunicado na vocalização aleatória. De fato, a palavra *língua* (*glōssa*) aponta para um idioma, para algum tipo de código.[1] Como observamos, muitos veem um argumento a favor das expressões extáticas no trecho que trata das "línguas de anjos" (1Co 13.1), mas não devemos tirar conclusões sobre as expressões extáticas com base nessa fala. Antes de mais nada, até mesmo a língua dos anjos tem de ser interpretada e, portanto, deve ter algum tipo de código, mas as expressões extáticas de hoje não têm nenhum tipo de código e não são traduzíveis. Os linguistas não conseguem discernir um padrão que aponte para idiomas. É claro, sempre se pode argumentar que o código que as pessoas usam hoje não tem qualquer padrão linguístico, mas é um código decifrável apenas por Deus e por aqueles com o dom de interpretar línguas. Esse cenário é realmente impossível de comprovar, mas parece uma conclusão improvável e forçada.

Em segundo lugar, mesmo que exista uma língua de anjos distinta, não é claro que os coríntios falavam nessa língua, pois a referência a ela é, provavelmente, retórica por parte de Paulo. A ideia das línguas de anjos como um embelezamento retórico é apoiada por 1Coríntios 13.2, pois aqui Paulo certamente recorre a hipérbole quando diz que quem tem o dom de profecia entende "*todos* os mistérios" e "*todo* conhecimento". Obviamente, só Deus conhece todos os mistérios e todo o conhecimento, então a referência a eles é

uma hipérbole. O mesmo, provavelmente, é verdade com referência às línguas de anjos. O argumento de que a língua de anjos se refere a expressões extáticas, portanto, não se sustenta.

Um argumento mais contundente para as expressões extáticas é 1Coríntios 14.2, já que Paulo diz que quem fala em línguas não fala para as pessoas, mas para Deus, e fala mistérios no, ou pelo, Espírito. Afinal de contas, as pessoas em Atos compreendiam imediatamente os que falavam em línguas, mas em 1Coríntios elas não compreendiam sem um intérprete. Em Atos o dom de línguas está ligado à profecia (At 2.16-18), mas, em 1Coríntios 14.1-5, Paulo diferencia línguas de profecia. Em 1Coríntios 14.20-23, ele diz que as línguas trazem juízo, mas em Atos 2 elas provocam a salvação de pessoas! Em Atos o evangelho é proclamado de forma evangelística, mas em 1Coríntios quem fala em línguas louva ao Senhor e edifica exclusivamente aos irmãos.

Apesar da popularidade dessa interpretação, quando o versículo é lido no contexto (1Co 14.1-5), por vários motivos, não fica claro que o dom de línguas em 1Coríntios é diferente do dom em Atos. Em primeiro lugar, se em Atos 2 as pessoas compreendem as línguas faladas, isso não prova que o dom de línguas seja diferente. Elas compreendiam as línguas porque as conheciam. O problema em 1Coríntios é que não havia ninguém presente que conhecesse as línguas faladas. Não é o dom de línguas que era diferente; mas a *situação* era diferente.

Em segundo lugar, Paulo na verdade ensina em 1Coríntios 14.1-5 que as línguas, se interpretadas, são equivalentes à profecia. Como as línguas eram compreendidas em Atos 2 (pessoas que conheciam as línguas estavam lá), constituíam profecia. Se as línguas fossem interpretadas em 1Coríntios, também seriam equivalentes a profecia. Não há diferença. "Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que as interprete, para que a igreja possa ser edificada" (1Co 14.5). Se a língua é interpretada, a pessoa

que profetiza não edifica a igreja mais do que o que fala em línguas, porque, nesse caso, falar em línguas é equivalente a profetizar.

Em terceiro lugar, quando Paulo diz que as línguas levam a juízo, ele está falando de línguas não interpretadas (1Co 14.20-23). Só que, em Atos, as pessoas presentes *conheciam as línguas* faladas. O próprio argumento de Paulo em 1Coríntios 14.20-23 é que, se as pessoas compreendessem as línguas, não haveria juízo. Como já vimos, o exemplo não prova que as línguas são diferentes, apenas que a situação era diferente.

Em quarto lugar, não devemos argumentar, com base em Atos, que o *único propósito* das línguas é pregar o evangelho. Certamente, as pessoas poderiam ser edificadas por outros louvando ao Senhor quando falavam em línguas. O discurso profético tem mais do que um propósito, e assim também o dom de línguas. Na verdade, o próprio livro de Atos indica que há mais de um propósito para as línguas. Quando Cornélio e os seus amigos, e os doze efésios, falaram em línguas (At 10.44-48; 19.1-7), não estavam pregando o evangelho para Pedro e Paulo, respectivamente. O dom não estava funcionando exatamente da mesma forma que em Atos 2. No caso de Cornélio e dos doze efésios, provavelmente eles estavam louvando a Deus em línguas pela sua salvação. O fato de existirem propósitos diferentes para o dom de línguas não nos diz nada sobre a natureza desse dom.

Não há, portanto, nenhuma evidência forte de que Atos e 1Coríntios se refiram a dois tipos diferentes de dom de línguas. Nos dois lugares, tinha-se em mente as línguas com códigos discerníveis. Se não há intérpretes presentes, então ninguém entende o que está sendo dito, a não ser Deus. Entretanto, se houver um intérprete presente (seja alguém que conhece o idioma desde o nascimento, seja alguém com o dom de interpretação), então a língua (i.e., o idioma) não é mais misteriosa.

Christopher Forbes também argumentou que a palavra "língua" (*glōssa*) não se refere a expressões extáticas na literatura grega ou no Novo Testamento, mas a línguas com significado.[2] Alguns fazem objeção

perguntando: “Qual a ideia de falar em outro idioma se ninguém entende o que está sendo dito?”. Só que a mesma objeção se aplica às expressões extáticas, e, portanto, este não é um argumento real a favor das expressões extáticas.

Será que falamos em línguas hoje em dia?

Se o falar em línguas se refere a idiomas humanos e não consiste em expressões extáticas, o que devemos fazer com o falar em línguas contemporâneo que assume, claramente, a forma de expressões extáticas? Quase nenhum falar em línguas hoje se encaixa na representação bíblica de línguas, já que as pessoas não estão falando em idiomas discerníveis. O “dom” contemporâneo não corresponde ao que está na Bíblia.

Com isso não concluímos que o falar em línguas seja ruim ou demoníaco. J. I. Packer pode estar correto em sugerir que grande parte do falar em línguas contemporâneo é uma forma de relaxamento psicológico.[3] Packer o compara ao cantar no chuveiro, e não está tentando insultar ninguém ao dizer isso.

O que devemos fazer com o falar em línguas contemporâneo?

Assim, contemporâneos que dizem falar em línguas — como os que dizem ter o dom de profecia — não estão, na verdade, praticando o dom bíblico. Quem acha que está profetizando está, na verdade, compartilhando impressões. E quem afirma ter o dom bíblico de línguas não está falando em outros idiomas, mas em expressões extáticas. Não devemos concluir, com isso, que o que eles estão a fazer seja, necessariamente, maligno; todavia, também não se trata do mesmo dom encontrado nas Escrituras.

Conclusão

Muitos defendem que o que lemos em 1Coríntios 14 prova que o dom de línguas ali é diferente do encontrado em Atos. Neste capítulo tentei demonstrar que essa interpretação não é convincente. O que torna Atos e 1Coríntios diferentes não é a natureza do dom de línguas, mas a situação. Em Atos, estavam presentes pessoas que conheciam as línguas faladas, mas em 1Coríntios as línguas eram faladas em um contexto onde as pessoas não as conheciam e, assim, necessitavam de um intérprete. Não nos surpreende o fato de, em Atos e 1Coríntios, o dom ser o mesmo, pois naturalmente esperaríamos que assim fosse. O ônus da prova está sobre aqueles que defendem um dom de natureza diferente em 1Coríntios.

Também defendi neste capítulo que o falar em línguas deveria ser compreendido como o falar em outros idiomas. Assim, quem fala extaticamente não tem o dom bíblico de línguas.

Perguntas para debate

1. Qual era o significado do dom de línguas no livro de Atos?
2. Você considera que as línguas e as expressões extáticas são a mesma coisa? Por que, ou por que não?

1 Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 2014), p. 597-8 [edição em português: *1Coríntios: comentário exegético* (São Paulo:Vida Nova, 2019)]. D. A. Carson, *Showing the Spirit*: *a theological exposition of 1Corinthians 12—14* (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 77-88 [edição em português: *A manifestação do Espírito*: *a contemporaneidade dos dons à luz de* 1*Coríntios 12—14* (São Paulo: Vida Nova, 2013)].

2 Christopher Forbes, *Prophecy and inspired speech in early Christianity and its Hellenistic environment*, Wissenschaftliche Untersuchungen Zum Neuen Testament (Tübingen, Germany: J. C. B. Mohr, 1995), vol. 2, livro 75, p. 44-74.

3 J. I. Packer, *Keep in step with the Spirit: finding fullness in our walk with God*, rev. e ampl. (Grand Rapids: Baker, 2005), p. 168-70 [edição em português: *Caminhando no poder do Espírito,* 2. ed. (São Paulo: Vida Nova, 2018)].

Nove



Como compreender o significado do dom de línguas

Temos visto que, nas igrejas carismáticas dos dias de hoje, muitos consideram que o falar em línguas é diferente do dom bíblico de línguas. Não devemos supor, por causa disso, que esse falar é maligno ou demoníaco, todavia ele não se encaixa na descrição do dom advinda do Novo Testamento. Em vez dessas expressões extáticas, o dom de línguas do Novo Testamento era um dom de idiomas reais que, quando interpretados e compreendidos, tinham uma íntima ligação com a profecia (At 2.16-18). Claramente, então, era um dom importante na igreja do Novo Testamento.

Assim, agora nos voltaremos para uma explicação sobre como o dom de línguas funcionava e como deveria funcionar no Novo Testamento. Olharemos novamente para Atos e 1Coríntios 12—14, a fim de discernir a função das línguas no Novo Testamento.

A função do dom de línguas em Atos

Começaremos com o dom de línguas em Atos, e podemos ser bem breves, já que os textos sobre línguas em Atos já foram considerados sob vários aspectos. Vimos que o dom de línguas em Atos 2.1-4; 10.44-48; e 19.1-7 eram línguas humanas, mas não perguntamos por que o dom foi dado.

Consideramos primeiro o Pentecostes, em que os 120 estavam falando em línguas. No Antigo Testamento, não temos antecedente para esse falar em línguas como os 120 fizeram. Seria possível discernirmos o motivo pelo qual eles falaram em línguas?

Alguns dizem que o falar em línguas é evidência do batismo no Espírito, o que é muitas vezes considerado por essas pessoas como um acontecimento posterior na vida do cristão. Todavia, já consideramos os pontos fracos desse argumento num capítulo anterior deste livro. O batismo do Espírito em Pentecostes não significa posterioridade, mas inauguração — a inauguração da igreja cristã e da nova aliança, em que o dom do Espírito é derramado sobre todos! Falar em línguas aqui funciona como um contraponto ao relato da torre de Babel (Gn 11.1-9), onde as línguas dos seres humanos foram confundidas. Aqui encontramos entendimento e comunicação entre pessoas de várias culturas diferentes, e isso aponta para, e antecipa, a nova criação que está chegando, um mundo onde não existem barreiras. A promessa de bênção universal, que foi feita, inicialmente, a Abraão (Gn 12.3), torna-se realidade em Pentecostes. Vemos aqui o cumprimento das grandes promessas de aliança de Deus.

No caso de Cornélio e seus amigos (At 10.44-48), o dom de línguas certifica que os gentios não circuncidados e que não guardavam a lei do Antigo Testamento haviam recebido verdadeiramente o Espírito (At 11.17; 15.7-11). Os cristãos judeus não tinham certeza — como Atos 11.1-18 e Atos 15.1-29 testificam — se os gentios não circuncidados pertenciam verdadeiramente ao povo de Deus. Porém, ao dar aos gentios o mesmo dom que tinha dado aos 120 no Pentecostes, Deus não deixou dúvidas que eles também pertenciam ao seu povo. De fato, é esse o argumento de Atos 10.45,46. Os judeus ficaram impressionados por Deus ter derramado o Espírito sobre gentios, mas sabiam que Cornélio e os seus amigos haviam recebido o Espírito porque eles falavam em línguas. Assim, Pedro concluiu que eles deveriam ser batizados, já que "receberam o Espírito Santo como nós!" (At 10.47).

Na verdade, não está escrito que os samaritanos falaram em línguas (At 8.4-24), embora provavelmente o fizeram já que Simão ficou maravilhado quando "viu que o Espírito era dado com a imposição das mãos dos

apóstolos" (At 8.18). Não precisamos entrar novamente na análise anterior sobre o motivo do Espírito ter sido retido dos samaritanos até que Pedro e João impusessem as mãos sobre eles. Podemos apenas dizer que o falar em línguas entre os samaritanos era evidência irrefutável de que o antigo inimigo dos judeus havia recebido verdadeiramente o Espírito e pertencia ao povo de Deus.

É mais difícil discernir por que os doze efésios falaram em línguas (At 19.1-7). Meu argumento, anteriormente, foi no sentido de que eles não haviam entrado na nova era da história da redenção até que Paulo veio e impôs as suas mãos sobre eles, e receberam o Espírito. Antes disso eles não haviam colocado a sua fé em Jesus, recebendo apenas o batismo de João Batista; portanto, não poderiam ser contados realmente como cristãos. Na história da redenção, eles estavam, por assim dizer, vivendo no passado, como se Jesus ainda não tivesse vindo. Por que então Deus deu aos doze efésios o dom de línguas?

O motivo parece ter pouca importância para nós, porque não pensamos muito em João Batista. Os autores do Novo Testamento, entretanto, enfatizam a superioridade de Jesus diante de João. Ao contrastar Jesus e João Batista, Lucas mostra que Jesus era superior. O nascimento de Jesus foi mais maravilhoso do que o de João porque este nasceu de um casal infértil, mas Jesus nasceu de uma virgem (Lc 1.5—2.7). João preparou o caminho para Jesus (Lc 1.76,77), mas Jesus é o filho de Davi prometido e o cumprimento de todas as promessas da aliança (Lc 1.68-75). João batizava com água, mas Jesus batizará com o Espírito Santo (Lc 3.16).

Lucas não é o único autor que enfatiza a precedência de Jesus diante de João Batista. No Evangelho de João, vemos que o Batista é uma testemunha (Jo 1.6-8), mas Jesus é a Palavra de Deus, e o próprio Deus (Jo 1.1,2,18). Jesus é o noivo, mas João é o amigo do noivo (Jo 3.29), então João está feliz em "diminuir" e permitir que Jesus "cresça" (Jo 3.30).

A história dos doze efésios, portanto, mostra que Jesus, ao contrário de João, batiza com o Espírito, e o seu falar em línguas depois de receber o Espírito confirma a preeminência de Jesus diante de João. Provavelmente o Evangelho de João enfatiza que João Batista era secundário a Jesus porque alguns foram tentados a exaltá-lo no lugar de Jesus. Atos 19.1-7 cumpre a mesma função. Toda a glória pertence a Jesus como o prometido! Os doze efésios falaram em línguas para confirmar que receberam o Espírito, corroborando que Jesus é maior do que João Batista.

A função do dom de línguas em 1Coríntios

Quando chegamos em 1Coríntios 12—14, fica evidente que os coríntios exaltavam o dom de línguas acima de todos os outros dons. A experiência do Espírito vindo sobre alguém, levando-o a falar a Deus em uma língua anteriormente desconhecida, era inebriante. Parecia um indicativo especial do favor de Deus. Todavia, em resposta ao fascínio que eles tinham pelo dom de línguas, Paulo enfatiza que todos os dons são importantes. Ninguém é inferior ou superior com base no dom que tem. Nem qualquer dom em particular é abrangente! Os coríntios pensavam que quem tinha o dom de línguas era parte da elite espiritual, e Paulo os traz de volta à realidade.

A profecia era *funcionalmente* mais importante do que as línguas porque as pessoas reunidas poderiam *compreender* a palavra profética e ser edificadas pelo que era dito (1Co 14.1-19). Quando os cristãos falavam em línguas e não havia interpretação, a comunidade não era fortalecida, nem auxiliada pelo que era dito. Quem falava em línguas estava preocupado apenas com a sua própria experiência, mas deveria considerar o benefício do próximo. Paulo argumentou que a sua experiência não trazia nenhum benefício sem um intérprete, já que ninguém mais poderia entender ou compreender o que estava sendo dito.

Também devemos nos recordar do nosso estudo anterior sobre o batismo do Espírito. É evidente que falar em línguas não é sinal do batismo do Espírito (1Co 12.13), já que *todos os cristãos* são batizados com o Espírito, mas nem todos falam em línguas (1Co 12.30). Não há base alguma, portanto, para dizer que todos os cristãos *deveriam* falar em línguas. Alguns resistem a essa conclusão, já que Paulo diz: "Gostaria que todos vocês falassem em línguas" (1Co 14.5) e "Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês" (1Co 14.18). É imperativo, entretanto, que essas duas afirmações sejam lidas no contexto, para compreendermos o seu propósito retórico. Em 1Coríntios 14.1-5 a profecia é preferida em relação às línguas porque a igreja é fortalecida e auxiliada pelas profecias. Os irmãos são edificados pela profecia porque compreendem o que está sendo dito. Quando Paulo chega ao versículo 5 e diz desejar que todos falassem em línguas, acrescenta esse comentário porque não deseja que a comunidade pense que ele tinha alguma hostilidade contra o falar em línguas. Como enfatizou que a profecia é mais edificante para a comunidade, Paulo não quer que os coríntios façam uma correção demasiadamente radical, passando a achar que deveriam evitar o dom. Assim, ele diz que seria bom se todos falassem em línguas, mas na realidade ele não achava ou esperava que *todos falassem* ou *devessem* falar em línguas. O que Paulo diz é retórico, e vemos um exemplo similar a este em 1Coríntios 7.7, onde ele diz desejar que todos fossem solteiros como ele era. Sabemos, entretanto, que Paulo não achava que todas as pessoas *deveriam* ser solteiras, ou *seriam* solteiras. O mesmo princípio se aplica quando interpretamos 1Coríntios 14.5.

O comentário de Paulo de que ele falava em línguas mais do que todos (1Co 14.18) pode também ser mal interpretado. O comentário está anexado ao final de uma seção (1Co 14.6-19) onde Paulo faz uma argumentação sustentada *contra* as línguas sem interpretação. A importância do entendimento e da compreensão é enfatizada repetidas vezes nesses versículos. Mais uma vez, Paulo não quer que os coríntios entendam mal —

ele não se opõe ao dom de línguas. Ele preza pessoalmente esse dom, já que fala em línguas de maneira regular. Claramente, Paulo não acha que todos deveriam falar em línguas, pois afirma que eles deveriam buscar e desejar os melhores dons. E fica evidente no argumento de Paulo que o dom de línguas não é um dos melhores dons, porque não edifica a igreja da mesma forma que a profecia (1Co 12.31; 14.1).

Os coríntios estavam errados em superestimar e prezar indevidamente as línguas, porque todos os dons dizem respeito a essa presente era maligna, e nenhum durará para sempre (1Co 13.8). Os dons espirituais não trazem perfeição, pois "em parte conhecemos e em parte profetizamos" (1Co 13.9), e quando o que é perfeito chegar, não precisaremos mais deles (1Co 13.10). O perfeito, como defenderei mais tarde, é a segunda vinda de Cristo, quando o veremos "face a face". Desse modo, agora todos os dons, incluindo o dom de línguas, pertencem ao reino do conhecer "em parte". Paulo compara os dons da era presente à infância e ao tornar-se adulto (1Co 13.11). Os dons são maravilhosos e representam o amor de Deus por nós na era presente, mas serão colocados de lado quando alcançarmos a idade adulta (i.e., a segunda vinda). Eles parecerão "coisas de criança" comparados ao conhecimento e à experiência de Deus que nos aguardam. Paulo não está criticando o dom de línguas ou qualquer outro dom, mas nos lembra que eles não são o ápice da experiência espiritual.

Paulo não está criticando o dom de línguas ou qualquer outro dom, mas nos lembra que eles não são o ápice da experiência espiritual.

Um dos parágrafos mais difíceis sobre o dom de línguas é a análise feita em 1Coríntios 14.20-25. Ali, os leitores são exortados a "serem crianças com respeito ao mal", mas a não serem crianças em seu pensamento. Precisam considerar os assuntos com a maturidade dos adultos (1Co 14.20). Paulo bebe de Isaías 28.11,12 para formar o seu argumento. Isaías 28 contém um oráculo de juízo contra Efraim, o reino do norte de Israel. Os

sacerdotes e profetas eram culpados por falta de percepção e discernimento, mas, em vez de se arrependerem, eles ridicularizavam o juízo pronunciado contra eles e contra a nação. Zombavam dos oráculos pronunciados por Isaías como se fosse conversa de bebês (Is 28.9), como se fosse o balbuciar de crianças pequenas (Is 28.11). Isaías responde que, quando os assírios varressem Israel — o que aconteceu em 722 a.C. —, a sua língua seria tão incompreensível quanto conversa de bebês, já que os assírios falavam outro idioma (Is 28.11,12). A língua dos assírios podia soar como conversa de bebês para Israel, mas significaria o juízo de Deus sobre a nação ao ser levada para o exílio.

A pergunta que devemos fazer é: Por que Paulo usa essa ilustração em 1Coríntios. Qual é o seu argumento? Por que ele fala sobre o juízo infl pelos assírios? Lemos em 14.22 que as línguas são um "sinal para os descrentes, e não para os que creem". A pergunta fundamental é: "Como o dom de línguas funciona como um sinal para os descrentes?".

Paulo responde a essa pergunta no versículo 23: "Assim, se toda a igreja se reunir e todos falarem em línguas, e entrarem alguns não instruídos ou descrentes, não dirão que vocês estão loucos?". O dom de línguas é *um sinal de juízo* para os descrentes; ele leva ao juízo porque os de fora, quando veem os cristãos falando em línguas, não têm ideia do que está acontecendo. Em vez de serem atraídos para Deus, são afastados dele. São repelidos do evangelho porque acham os cristãos fanáticos — como se estivessem balbuciando como bebês. Paulo não quer que os descrentes sejam julgados, mas salvos, e é por isso que faz essa correção.

A profecia, por outro lado, deve ser preferida quando a comunidade se reúne, porque tem potencial de trazer os descrentes à fé (14.24,25). O descrente pode ouvir as palavras faladas, ser convencido do pecado e confessar que a presença de Deus está na comunidade. A propósito, Paulo não está se contradizendo ao dizer que a profecia não é para os descrentes, mas para quem crê (14.22). Alguns veem isso como contradição, já que ele dá uma

ilustração em que um descrente chega à fé por meio da profecia (14.24,25). Só que o argumento de Paulo é que a profecia ajuda as pessoas na sua fé, quando elas já creem ou quando ouvem o evangelho pela primeira vez. O ponto principal em relação ao dom de línguas em 1Coríntios 14.20-25 deveria ser reformulado. Paulo não é hostil ao dom de línguas, mas na assembleia ele não deveria ser praticado se não há quem interprete, pois pode levar os descrentes a rejeitar o evangelho. E a comunidade se reúne para a salvação do perdido, não para o seu juízo!

Regras sobre o dom de línguas

Em 1Coríntios 14.27,28, Paulo estabelece algumas regras básicas com relação ao falar em línguas quando a comunidade está reunida. Antes de mais nada, apenas dois ou três deveriam falar em línguas durante as reuniões, e a mesma regra se aplica aos profetas (1Co 14.29). Paulo está ciente que as reuniões podem ficar muito compridas e serem dominadas por uma única pessoa. Alguns acham que, se o Espírito está se movendo, o tempo não deveria ser uma preocupação, mas Paulo não concorda. Quem está convencido de que os seus dons espirituais devem ser expressos quando a comunidade está reunida está enganado.

Em segundo lugar, Paulo lembra aos profetas que os seus dons espirituais *podem* e *devem ser* controlados (1Co 14.32). Quem protesta dizendo que não pode limitar o Espírito quando este vem sobre si está, na verdade, sendo egoísta, em vez de considerar o que edifica toda a comunidade.

Em terceiro lugar, os dons devem ser exercitados de maneira ordenada (1Co 14.33,40). Isso significa que, quando as pessoas falam em línguas, cada uma deverá fazê-lo na sua vez (1Co 14.27). Não há lugar para sobreposição de línguas, o que poderia produzir uma cacofonia linguística sem nenhuma compreensão. Paulo descarta o caos carismático, pois os dons carismáticos não são inimigos da paz e da ordem, mas amigos. A realidade sobrenatural e

as reuniões ordenadas não são uma contradição, mas expressam a maneira que o Espírito trabalha na comunidade.

Além disso, se não há um intérprete presente, quem tem o dom de línguas deveria se abster de falar em línguas na comunidade (1Co 14.28). Aparentemente, quem falava em línguas deveria ou conseguir interpretar a sua própria língua, ou descobrir se havia alguém com o dom de interpretação presente na comunidade. Vemos aqui também que Paulo não vê problema quando alguém fala em línguas no particular. Gostaríamos de saber mais sobre por que Paulo acha que falar em línguas no particular é útil se não há intérprete, mas ele não elabora esse argumento porque não está realmente preocupado nessa carta com a questão da adoração privada. Entretanto, Paulo permite claramente que se fale em línguas no particular. Se quem tem o dom de línguas não pode falar na reunião da comunidade, pode "falar consigo mesmo e com Deus" (1Co 14.28). Ele é livre para exercer esse dom em particular na presença de Deus. Paulo reconhece que uma pessoa que fala em línguas no particular pode edificar-se a si mesma (1Co 14.4). É quase certo que Paulo falava em línguas no particular, porque afirmou falar em línguas mais do que todos eles (1Co 14.18).

Todavia, o falar em línguas no particular claramente não é necessário para o crescimento espiritual e para a santificação! Sabemos disso porque nem todos os cristãos falam em línguas, nem deveriam (1Co 12.30). Na verdade, o falar em línguas no particular surge como um aparte em 1Coríntios 12—14, e o assunto não é melhor elaborado porque, na realidade, não é importante. Mesmo assim, a experiência privada pode ser uma bênção, e Paulo não tem objeção contra isso.

Conclusão

O dom de línguas tem mais de um propósito, mas isso não diz nada sobre as diferenças entre o dom de 1Coríntios e o dom encontrado em Atos. Vemos

em Atos que o dom de línguas é dado com o significado da chegada da nova criação no Pentecostes. Gentios, samaritanos e os doze efésios receberam o dom de línguas para confirmar que eles receberam, verdadeiramente, o Espírito, o que mostra que eles faziam mesmo parte do povo de Deus. Não se conclui daí que todos os cristãos que têm o Espírito falam em línguas. Esses grupos falaram em línguas porque teria havido questionamento sobre a sua inclusão no povo de Deus, e o dom de línguas demonstrava claramente que eles pertenciam a Deus.

O falar em línguas na igreja deve ter o objetivo de edificação, de acordo com 1Coríntios, e só edifica quando é interpretado. Assim, o falar em línguas não é permitido quando a igreja está reunida, a não ser que haja um intérprete. As pessoas só são edificadas quando *entendem* o que está acontecendo. Se descrentes chegam à comunidade e há pessoas falando em línguas sem que ninguém interprete, eles acharão que os cristãos são fanáticos espirituais e rejeitarão a fé cristã. Paulo quer uma reunião estruturada para que os descrentes sejam estimulados a depositarem a sua fé em Jesus.

No mesmo sentido, não há lugar para todos falarem em línguas de uma só vez, porque as pessoas não compreendem o que está acontecendo no meio da cacofonia das vozes. O falar em línguas deveria ser limitado a uma pessoa por vez, e deve haver um intérprete. Paulo restringe quantas pessoas na comunidade podem falar em línguas, pois a reunião não deve ser toda dominada por pessoas falando em línguas (aliás,nem também por profecias).

Podemos aplicar um princípio com base nisso para todos os dons espirituais dados por Deus. A menos que sejam exercidos de forma ordenada, e a menos que edifiquem a comunidade, não deveríamos exercê-los. Dessa maneira, Paulo deixa claro que a ênfase dos dons espirituais não está no indivíduo, mas na igreja. Devemos lembrar, quando nos reunimos como igreja, que ela não diz respeito a nós, como indivíduos. Não vamos à igreja para consumir, mas para servir e adorar em conjunto.

Perguntas para debate

1. Qual é a relação entre línguas e profecia na Bíblia? Com base nessa relação, você acha que o dom de línguas ainda está ativo?
2. Paulo deixa claro que o falar em línguas não é o ápice da experiência cristã. Isso o leva a criticar o dom?
3. O que podemos aprender com a resposta de Paulo à obsessão dos coríntios com o dom de línguas?
4. Como podemos aplicar o princípio das instruções de Paulo sobre o dom de línguas a todos os demais dons espirituais?

Dez



Argumentos não convincentes a favor da cessação dos dons

Não há unanimidade entre os cristãos em relação à existência de todos os dons no tempo presente. Alguns são continuacionistas, argumentando que praticamente todos os dons ainda existem. Outros são abertos, mas cautelosos sobre a existência de certos dons hoje em dia. Outros ainda são cessacionistas, defendendo que certos dons já deixaram de existir. Analisaremos aqui, de modo deveras breve, dois argumentos diferentes para a cessação de alguns dons e defenderemos que ambos não são convincentes.

"O que é perfeito" é a Bíblia ou a maturidade espiritual

Começo com a versão mais comum, que é encontrada particularmente em círculos dispensacionalistas. A afirmação é que os dons sobrenaturais cessaram com a composição do Novo Testamento, e o argumento é construído com base em 1Coríntios 13.8-12. Vemos no versículo 8 que os dons não durarão para sempre. "Mas as profecias chegarão ao fim, as línguas cessarão, o conhecimento chegará ao fim" . Alguns defendem que o tempo verbal específico da frase em que "as línguas" é o sujeito é significativo. As línguas "cessarão" (*pausontai*), enquanto profecias e conhecimento "chegarão ao fim" (*katargēthēsetai*). O argumento é que a voz média, com o verbo *pausontai* ("cessarão"), mostra que as línguas serão extintas em si mesmas. É claro, também há a ideia de que, mesmo que os verbos sejam sinônimos, os dons chegam ao fim antes da segunda vinda.

A principal característica desse argumento é que os dons acabarão quando "vier o que é perfeito" (1Co 13.10). Nessa visão, muitos dos dons (como o de línguas) terminam quando o Novo Testamento é completado, quando o *cânon* das Escrituras é fechado. Nesse ponto, alguns dos dons espirituais não são mais necessários, já que temos no Novo Testamento a revelação perfeita de Deus. Uma variante dessa visão é que o perfeito não se refere à composição do Novo Testamento, mas à maturidade espiritual. Os dons espirituais não são mais necessários porque agora, com o Novo Testamento, temos o necessário para nossa maturidade espiritual.

"O que é perfeito" é a segunda vinda de Cristo

Os argumentos a favor do cessacionismo com base em 1Coríntios 13.8-10 não têm uma exegese convincente por vários motivos. Em primeiro lugar, quem apela para a diferença nos verbos coloca peso demais na diferença gramatical. Os dois verbos diferentes — "chegar ao fim" (*katargeō*) e "cessar" (*pauomai*) — são usados para que estilisticamente um dos verbos não seja repetido na frase, e não devemos forçar nenhuma distinção entre eles. Não estou dizendo que os verbos são sinônimos absolutos, mas que não devemos deduzir, com base neles, uma grande distinção.

A chave para resolver a interpretação de 1Coríntios 13.8-12 é o que Paulo quer dizer com a vinda do "perfeito" (*to teleion*). Vimos que alguns entendem "o perfeito" como uma referência à maturidade espiritual, mas não é muito evidente que os cristãos sejam mais maduros depois do fechamento do *cânon*. Não é claro, em outras palavras, que sejamos mais maduros do que os cristãos do primeiro século. Essa é uma afirmação bem ousada, porque poderíamos entender que somos espiritualmente ainda mais maduros que os apóstolos. Uma leitura rápida da história da igreja e do cenário evangélico atual também levanta dúvidas significativas sobre essa afirmação.

Um problema importante em ver "o perfeito" como o *cânon* completo é a localização histórica de Paulo quando escreveu 1Coríntios. Certamente ele acreditava que as suas palavras em 1Coríntios tinham autoridade e representavam a palavra de Deus aos seus leitores (1Co 14.37,38). De fato, a autoridade de Paulo permeia todas as suas cartas (cf. 1Ts 2.13; 2Ts 3.14). Ler essas cartas em voz alta na comunidade significava que elas tinham autoridade, e Paulo ordena que as suas cartas fossem lidas (Cl 4.16; 1Ts 5.27). No entanto, Deus não revelou a Paulo que ele estava escrevendo cartas que seriam reunidas em um *cânon* que formaria o Novo Testamento. Sim, Paulo sabia que suas cartas tinham autoridade, só que ele não tinha a visão de que a história duraria ainda tanto tempo e que elas seriam reunidas a outros escritos do Novo Testamento que, juntos, funcionariam como autoridade para as igrejas ao longo da história. Ao contrário, Paulo acreditava no retorno breve de Jesus, e que ali a história terminaria. Isso não diminui a autoridade ou exatidão de Paulo, pois nada do que ele escreveu foi contrariado nesses dois mil anos de história. Quero demonstrar com isso que é quase impossível Paulo estar dizendo que "o perfeito" é o *cânon* do Novo Testamento.

E não só é improvável que Paulo estivesse se referindo ao *cânon* quando fala da vinda do "perfeito"; é ainda mais improvável que os coríntios tivessem compreendido a palavra *perfeito* dessa maneira. Digamos, por uma questão de argumentação, que Paulo esteja se referindo ao *cânon* do Novo Testamento. O problema que surge, imediatamente, é que não há maneira de os coríntios terem entendido o que Paulo estava falando! Paulo precisaria explicar com muito mais detalhes do que ele o faz aqui que, por "perfeito", ele tinha em mente a formação do Novo Testamento. Com certeza, os coríntios nunca imaginaram, nem sonharam com um Novo Testamento. E por que Paulo lhes escreveria sobre tal ideia já que muitos — provavelmente a maioria — não viveriam para ver o *cânon* completo, e mesmo que vivessem tudo isso, o *cânon* não teria ainda sido compilado? De fato, se é isso que Paulo tinha em mente, os coríntios saberiam, então, que Jesus não poderia nem retornaria por vários

anos, e que ele só viria quando o Novo Testamento estivesse terminado e fosse aceito como autoridade.

Se olharmos para o contexto de 1Coríntios 13.8-12, a vinda do "perfeito" traz o que é "parcial" para um fim (13.10). Paulo diz que agora "conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma que sou plenamente conhecido" (13.12). Hoje, o nosso conhecimento é incompleto, e "vemos apenas um reflexo, como em espelho"; mas então veremos "face a face" (13.12). É claro, portanto, que "o perfeito" é outra maneira de dizer "face a face", e ver "face a face" naturalmente se refere à segunda vinda de Cristo. Compreender "o perfeito" como a segunda vinda de Jesus é algo que os coríntios entenderiam claramente, e também se encaixa com a ênfase na segunda vinda de Jesus na teologia de Paulo.

A expressão "face a face"ecoa teofanias do Antigo Testamento, ocasiões em que Deus apareceu a seres humanos para que estes pudessem encontrá-lo. Quando Jacó lutou contra um anjo do Senhor, ele viu Deus "face a face". Gideão temeu a morte já que viu o anjo do Senhor "face a face" (Jz 6.22). Moisés foi um profeta incomparável porque o Senhor o conhecia "face a face" (Dt 34.10; cf. Dt 5.4). A expressão "face a face" em 1Coríntios 13.12 não sugere algo abstrato, como o *cânon* do Novo Testamento ou a maturidade espiritual. Ao contrário, representa a linguagem do encontro com Deus, e por isso, naturalmente, refere-se à segunda vinda, em que veremos Jesus "face a face" quando "vier o que é perfeito" (1Co 13.10).

Apenas conheceremos completamente quando Jesus voltar, quando o virmos face a face.

A ideia de que "o perfeito" se refere ao *cânon* ou à maturidade espiritual também é descartada pelo que é dito sobre o conhecimento. "Quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá" (1Co 13.10). Agora Paulo vê de maneira imperfeita e conhece de maneira parcial, mas quando o que é perfeito vier, ele verá "face a face" (1Co 13.12). O conhecimento parcial abrirá caminho para o

conhecimento pleno (1Co 13.12). Se "o perfeito" se referir ao *cânon* do Novo Testamento ou à maturidade espiritual, nós não temos mais conhecimento parcial. Quem tem o *cânon* ou quem é maduro conhece plenamente. De fato, estas pessoas conheceriam mais do que Paulo, que confessa conhecer apenas em parte! Todavia qualquer noção de que o nosso conhecimento seja perfeito ou melhor do que o de Paulo é claramente falsa. O nosso conhecimento continua imperfeito. Conhecemos de verdade, mas não de maneira completa e abrangente. Apenas conheceremos completamente quando Jesus voltar, quando o virmos face a face.

Conclusão

Vimos que os argumentos para a cessação dos dons extraídos do texto de 1Coríntios 13.8-12 são falhos. "O que é perfeito" não se refere ao *cânon* do Novo Testamento nem à maturidade espiritual, mas à segunda vinda de Cristo. Na verdade, Paulo ensina que os dons espirituais persistem e duram até a segunda vinda. De fato, creio que esse é o melhor argumento para a continuidade dos dons espirituais até hoje. E entendo por que alguns leitores podem discordar de mim sobre essa questão. Como disse na introdução, posso estar enganado ao defender o cessacionismo. Todavia, ainda acho que o cessacionismo é verdade, e apresentarei os motivos para minha opinião no capítulo a seguir.

Perguntas para debate

1. O que é "o perfeito" em 1Coríntios 13?
2. Como o entendimento de que não chegaremos ao conhecimento completo até a volta de Cristo molda nossa vida?
3. Uma vez que os dons chegarão ao fim quando Cristo retornar, o que isso nos diz sobre a natureza dos dons espirituais?

Onze



Um argumento a favor do cessacionismo

Vimos em 1Coríntios 13.8-12 que alguns argumentos a favor do cessacionismo não são convincentes e que é possível elaborar um bom argumento para a continuidade dos dons até a segunda vinda. Vimos por que, com base na leitura de 1Coríntios 13.8-12, muitos consideram essa posição mais convincente. Aliás, podem achar que qualquer argumento a favor da cessação dos dons é forçado. Se o texto de 1Coríntios 13.8-12 fosse o único texto relevante sobre o assunto, eu, então, concordaria que todos os dons continuam até a volta de Jesus. Entretanto, sugiro que outros textos lançam dúvidas se 1Coríntios 13.8-12 *exige* que todos os dons continuem até a volta de Jesus, e assim sugiro que "os dons", conforme praticados hoje em grande parte das igrejas, não são a mesma coisa que os dons descritos no Novo Testamento.

Deixe-me reforçar o que eu disse no último capítulo. Paulo acreditava que Jesus voltaria logo e afirmou que os dons acabariam quando Jesus voltasse. O que não foi claramente revelado a Paulo é que a história duraria ao menos mais dois mil anos (embora nada do que ele escreveu contradiga essa noção). O próximo ponto é especulativo e pode parecer forçado, mas o Senhor não revelou claramente a Paulo que os dons terminariam porque não queria que os coríntios, ou Paulo, soubessem o dia de sua vinda! Cada geração deve viver como se fosse a última, e assim o Senhor nos mantém vigilantes. Dizemos acertadamente: "Jesus em breve voltará!". Todavia, se Paulo ensinasse que alguns dos dons cessariam aos poucos, seria porque era evidente tanto a Paulo quanto aos coríntios que Jesus não viria e não poderia vir durante a vida deles.

A questão principal para os coríntios, e para nós em 1Coríntios 13.8-12, é que os dons não persistiriam na nova criação; eles não são o ápice da revelação bíblica. Sugiro que, embora 1Coríntios 13.8-12 nos diga que os dons acabarão quando Cristo retornar, o texto não exige que todos os dons durem até a volta de Jesus.

Ao longo da história, muitos cristãos discerniram com base nas Escrituras, na dedução teológica e na experiência que ao menos alguns dos dons já cessaram. O Senhor escolheu não divulgar as particularidades a Paulo e aos coríntios em 1Coríntios 13.8-12 porque o assunto não era relevante para a vida deles. Afinal de contas, eles fizeram parte da primeira geração de cristãos. Tudo isso para dizer que a permanência dos dons precisa ser estabelecida sobre outros fundamentos, os quais podem ser defendidos bíblica e teologicamente.

O fundamento dos apóstolos

A base para o cessacionismo é a afirmação de que a igreja foi "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). Vimos antes que os profetas aqui são os profetas do Novo Testamento. A palavra *apostolado* é usada aqui no sentido técnico, e Paulo não tem em mente os missionários pioneiros. Na verdade, muitos continuacionistas são cessacionistas no que se refere ao apostolado, pois também acreditam que o dom do apostolado, no sentido técnico, já acabou.

No Novo Testamento, os Doze foram chamados de apóstolos (cf. Mt 10.2; Lc 6.13), com Matias substituindo Judas como o décimo segundo apóstolo (At 1.15-26).[1] O dom fundamental do apostolado não se limitou aos Doze. Paulo era claramente um apóstolo de Jesus Cristo (p. ex., Rm 1.1; 1Co 9.1; 2Co 1.1 etc.). Tiago, o meio-irmão de Jesus, também é identificado como apóstolo (Gl 1.19). Além disso, vemos que Barnabé, junto com Paulo, é

designado como apóstolo em Atos (At 14.4,14). Talvez alguns outros também fossem apóstolos.

A autoridade apostólica está preservada nas Escrituras.

Agora que o fundamento da igreja foi lançado, não temos mais apóstolos de autoridade como os Doze, Paulo, Tiago etc. Os católicos romanos, claro, veem no Papa a continuidade do ensino apostólico. Os evangélicos, entretanto, creem que o ofício apostólico não é transmitido por meio de seres humanos. A autoridade apostólica está preservada nas Escrituras, no *cânon*. A Bíblia constitui a nossa autoridade única e final, e o ensino dos apóstolos está preservado no testemunho bíblico (At 2.42). Quando Tiago morreu em Atos 12, ele não foi substituído como apóstolo, mostrando que o dom do apostolado não continuou nas gerações seguintes. Para se qualificar como apóstolo, a pessoa teria que ser comissionada como tal e ter visto pessoalmente o Senhor ressurreto. Jesus Cristo apareceu para Paulo no caminho de Damasco e o convocou para o serviço apostólico (At 9.1-19; 1Co 9.1,2; Gl 1.13-17). Em 1Coríntios 15.8, Paulo se vê como a *última* pessoa para quem Jesus apareceu, mostrando que não haveria outros apóstolos depois dele.

Como mencionei, até mesmo muitos continuacionistas creem que o dom do apostolado não existe mais. Estes, portanto, também são, de certa forma, cessacionistas! Aqueles grupos que acham que os apóstolos ainda estão por aí dão espaço para o perigo do autoritarismo, quando certos líderes recebem um *status* de quase divindade. Esse autoritarismo não permite questionamentos e abre as portas para o abuso. Vemos esse abuso de autoridade no caso de Diótrefes, que impõe a sua vontade sobre os seus liderados (3Jo 9,10). A maior parte dos evangélicos concorda que nenhum ser humano tem a autoridade dos apóstolos originais, e que a autoridade específica dos apóstolos está preservada no Novo Testamento.

O papel de fundamento dos profetas

Muitos, portanto, concordam que o dom do apostolado já cessou. Todavia, o que dizer dos profetas? Vimos que a igreja está "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). Os profetas, junto com os apóstolos, tiveram um papel importante na fundação e estabelecimento da igreja. Defendi anteriormente neste livro que os profetas falam a palavra de Deus de maneira infalível. As palavras dos profetas não estavam misturadas a erros, mas eram como as palavras dos profetas do Antigo Testamento — cheias de autoridade e verdade.

A definição de profecia é fundamental para o argumento aqui desenvolvido. Se as profecias dos profetas do Novo Testamento poderiam estar misturadas a erros, então eu não teria problema algum com a existência de profetas do Novo Testamento hoje em dia. Teríamos, então, a tarefa de discernir onde eles falam a verdade e onde erram. Isso representa um problema significativo, mas, se a profecia do Novo Testamento estiver em meio a erros, discernir quais profetas são verdadeiros e quais são falsos se torna muito mais difícil. O que me coloca, novamente, no caminho do cessacionismo é exatamente essa questão da profecia. Aos poucos fui me convencendo de que a ideia dos profetas do Novo Testamento terem uma natureza diferente dos profetas do Antigo Testamento era falha. Em vez disso, é muito mais convincente dizer que os profetas do Novo Testamento eram tão infalíveis quanto os do Antigo Testamento.

A autoridade única e final das Escrituras é ameaçada se os chamados profetas dos dias atuais fizerem revelações que têm a mesma autoridade da

Dizer que os profetas do Novo Testamento são infalíveis como os profetas do Antigo Testamento se encaixa exatamente na concepção de que a igreja está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas. Em outras palavras, tanto os apóstolos quanto os profetas do Novo Testamento proferiam a palavra infalível e de

Bíblia.

autoridade da parte de Deus. Agora, se esses apóstolos com autoridade não existem hoje (e muitos continuacionistas concordam nesse ponto), e se os profetas falavam palavras infalíveis como os apóstolos, e se a igreja estiver mesmo edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, então há uma boa base para concluir que o dom de profecia também já cessou. Como profecia aqui é definida como "o falar da palavra infalível de Deus" e como a igreja está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, não existem mais profetas hoje, porque o fundamento da igreja já foi lançado. A autoridade única e final das Escrituras é ameaçada se os chamados profetas dos dias atuais fizerem revelações que têm a mesma autoridade da Bíblia.

Se adotarmos essa definição de profecia, qualquer um que afirme ter o dom de profecia hoje constituiria uma ameaça e um perigo para a igreja. Essa afirmação comprometeria a autoridade única e final das Escrituras, e seria grande o potencial para o abuso espiritual e para um tipo de autoritarismo idólatra.

Talvez o dom de profecia tenha existido por algumas centenas de anos na igreja primitiva, já que levou algum tempo para a igreja chegar a um acordo sobre o *cânon* estabelecido das Escrituras. Não podemos, então, fixar uma data definitiva para a cessação da profecia. O dom foi desaparecendo aos poucos, enquanto o *cânon* do Novo Testamento estava sendo definido e, mais tarde, amplamente aceito. Poderíamos dizer, possivelmente, o mesmo de alguns outros dons também. Talvez (é difícil ter certeza) eles tenham funcionado por algum tempo enquanto a igreja fazia a transição para um estágio em que as Escrituras canônicas se arraigaram.[2]

A visão defendida aqui poderia ser chamada de cessacionismo moderado. Não estou afirmando que todos os dons *necessariamente* já cessaram. O que desejo dizer é que, como a igreja está fundamentada sobre os apóstolos e profetas, os dons não estão mais em funcionamento hoje. Talvez alguns, lendo este livro, queiram levar o meu argumento apenas até esse ponto: não

temos mais os dons de apostolado e profecia. Como a Bíblia constitui a nossa autoridade única e final, o papel dos apóstolos e profetas no período de fundação da igreja não é mais necessário. A Bíblia é a nossa autoridade única e fi

O papel dos dons de línguas, curas e milagres

Parece-me que o papel dos outros dons que são questionados não é tão importante. Estou pensando particularmente nos dons de línguas, interpretação de línguas, curas e milagres. Talvez o dom de línguas ainda exista hoje, mas tenho minhas dúvidas, já que o mais praticado hoje são as expressões extáticas, e o dom, como eu o entendo, é o falar em línguas humanas. Não me parece que os cristãos estejam recebendo este último dom hoje em dia; e, se estão, isto parece extremamente raro.

Outro argumento para a cessação das línguas é a afirmação de que as línguas interpretadas (o único tipo de línguas que deveria ser praticado na comunidade) é equivalente à profecia. Se línguas interpretadas são outra forma de profecia, e se a profecia já cessou, então há bons motivos para pensar que o dom de línguas já cessou também. A noção de que uma língua interpretada é equivalente a profecia é claramente apoiada em 1Coríntios 14.5. Encontramos também em Atos 2 essa relação próxima entre línguas compreensíveis e profecia. De fato, Lucas nos diz que as línguas interpretadas são profecia. Quando os 120 falam em línguas e são compreendidos por quem está em Jerusalém (At 2.1-13), fica claro, com base no texto de Atos 2.17,18, que essas línguas interpretadas são definidas como profecia.

As línguas interpretadas, portanto, proclamam a palavra de Deus assim como a profecia. Se as línguas interpretadas são outra forma de profecia, faria sentido não existirem mais hoje já que têm a mesma função da profecia.

Talvez esse argumento não convença algumas pessoas. De qualquer modo, minha ideia não depende dele. O papel das línguas não é tão

importante se não existe reivindicação de uma nova revelação. Se separamos o dom de línguas da profecia, então não há nova revelação por meio das línguas. Só que, então, perguntamo-nos qual a função real das línguas interpretadas na comunidade, se a palavra compartilhada não revela a verdade de Deus.

O que devemos pensar dos dons de curas e milagres?[3] Uma vez mais, o problema não é tão significativo, já que não afirmam uma nova revelação. A minha tendência é achar que esses dons não existem hoje. Se uma pessoa tem o dom de curar, parece que haveria um padrão de cura. E as curas deveriam estar no mesmo nível do que vemos no Novo Testamento: curar o cego, o paralítico, o surdo, e quem está à beira da morte. Reivindicações de cura são muitas vezes bem subjetivas: resfriados, gripe, dores de estômago e nas costas, lesões esportivas etc. Não estou negando que Deus não possa curar nessas ocasiões, e somos gratos a ele por isso! A questão é que, na maioria das vezes, é difícil verificar se o que aconteceu foi realmente um milagre. Para mim não está claro se algumas pessoas têm um *dom* de curas ou milagres.

O cessacionismo não significa que não existem milagres na era presente, nem significa que não oramos por curas e milagres.

Isso certamente não quer dizer que não existam milagres hoje! Deus continua com o poder de curar e fazer milagres de acordo com sua vontade, e ele o faz! O cessacionismo não significa que não existem milagres na era presente, nem significa que não devamos orar por curas e milagres. Oro sempre por isso. Todavia, os carismáticos devem mostrar que os milagres realmente estão ocorrendo na mesma proporção que ocorriam no Novo Testamento, e que existem pessoas com o dom de curas e milagres. Muitos de nós acreditamos que Deus é capaz de realizar milagres e de fato os realiza hoje; mas será que temos pessoas com o dom de curas e milagres? Será que essa é uma característica regular e normativa da vida das nossas igrejas? Acho que não. Se um continuacionista diz que os dons estão operando hoje, mas em um nível muito inferior do que o visto no

Novo Testamento, então ele parece estar dizendo que os dons não estão operando da mesma forma que no Novo Testamento. Contudo, como eles sabem disso? Esse argumento, na verdade, parece-me ser outra forma de cessacionismo.

Sim, Deus opera milagres, mas eles são relativamente raros. Talvez Deus se agrade, em situações missionárias pioneiras, em conceder os mesmos sinais e maravilhas que vemos no Novo Testamento. Penso que isso, certamente, é possível, e por isso chamo a minha visão de cessacionismo moderado. Ainda assim, devemos estar alertas em relação a histórias exageradas. Não é errado conferir se um milagre ocorreu de verdade. As pessoas verificaram cuidadosamente a cura do cego em João 9. Os cristãos podem ser tão crédulos e supersticiosos quanto os descrentes. Já ouvi algumas histórias bastante entusiasmadas (não limitadas ao fenômeno carismático) de cristãos durante os meus mais de quarenta anos de convertido. Conferir as histórias não significa falta de fé. As pessoas fazem todo tipo de afirmação infundada na vida, e não é errado ou falta de fé pedir evidências de uma suposta cura ou milagre. Sim, Deus cura. Sim, vamos pedir que Deus cure. Só que também precisamos reconhecer que muitas vezes Deus não cura, e não queremos levantar falsas expectativas nas pessoas em relação ao que Deus fará. As histórias de quem não foi curado podem ser esquecidas, mas Deus mostra a sua graça também ao sustentar essas pessoas. Curas dramáticas são a exceção (pelas quais somos gratos a Deus!), e não a regra.

Creio que Deus deu dons e milagres, sinais e maravilhas, de maneira impressionante em certos momentos da história da redenção, para autenticar a sua revelação. Ocorreram no Êxodo, nas pragas que afligiram o Egito e na libertação maravilhosa de Israel do Egito. E também na era de Elias e Eliseu, quando Israel foi tentado a seguir Baal em vez de Yahweh. Sinais e maravilhas impressionantes sob o ministério de Elias e Eliseu atestaram que Yahweh é Deus (1Rs 17—2Rs 9).

O ponto alto na revelação bíblica, é claro, é o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. O seu ministério e o de seus seguidores (especialmente, mas não apenas, dos apóstolos) era caracterizado por sinais e maravilhas. Penso que o seu propósito principal era atribuir a revelação divina a Cristo, apontar que Jesus é o novo Davi, o Filho do Homem, e o Filho de Deus (Hb 2.4). Existem também outros propósitos nos milagres: eles estimulam e consolam as pessoas que recebem a cura, bem como trazem grande alegria ao povo de Deus. E os milagres não se limitam a esses pontos altos na história da redenção, como mostra qualquer leitura cuidadosa do Antigo Testamento, mas se aglomeram em eras centrais nas Escrituras. Os milagres são um prenúncio da nova criação que está vindo! Deus pode curar e, de fato, cura quando deseja, mas o ponto central é que os milagres têm importância especial em momentos de virada da história da redenção.

Agora que a igreja tem a orientação de fé e prática com autoridade na Bíblia, os dons e milagres necessários para edificar a igreja primitiva não são mais necessários, e não são comuns. Isso não quer dizer, entretanto, que Deus nunca opera milagres hoje em dia.

Por fim, penso ser significativo que os grandes mestres usados por Deus para promover a Reforma Protestante eram cessacionistas. Naturalmente, eles poderiam estar errados e enganados. Eles eram tão falíveis quanto nós. Não acredito, entretanto, que eles quisessem esfriar o Espírito Santo. Eles teriam apreciado testemunhar sinais, maravilhas e milagres como os da era apostólica, mas eram cessacionistas tanto por causa da sua interpretação bíblica, quanto porque trabalhavam com definições de dons espirituais semelhantes às que defendi neste livro. Eles não eram perfeitos, mas estavam certos sobre muitas coisas, e não devemos descartar sua perspectiva sem analisá-la com cuidado.

Conclusão

Neste capítulo, postulei que os dons de apóstolos e profetas não existem mais, tendo em vista que a igreja foi "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20), e esse fundamento agora está estabelecido. Agora temos o ensino apostólico e profético no *cânon* completo das Escrituras. Os apóstolos e os profetas do Novo Testamento não estão mais em cena hoje. Os profetas do Novo Testamento falavam com autoridade e verdade, sem erro, e esses profetas não existem nos dias atuais. Se alguém acredita que esses profetas infalíveis ainda existem, estaremos diante de uma ameaça à autoridade única e definitiva das Escrituras.

É mais difícil discernir se dons como os de línguas, cura e de milagres existem hoje. Talvez Deus se agrade em concedê-los em algumas situações, especialmente em contextos missionários pioneiros. Parece, entretanto, que dons como curas e milagres não são uma característica regular e normativa da vida da igreja. Certamente creio que Deus pode realizar milagres e os realiza hoje, mas eles são relativamente raros, não é a norma. Devemos orar por cura e para Deus agir, mas não devemos criar uma falsa expectativa de que Deus sempre vai curar, ou vai fazê-lo com regularidade. Em vez disso, devemos confiar que ele é bom, quando cura e quando não cura.

Perguntas para debate

1. "A autoridade apostólica está preservada nas Escrituras" (p. 143). Como essa afirmação explica a nossa teologia de dons espirituais?
2. Qual é a autoridade única e definitiva para a vida cristã?
3. Deus ainda pode realizar milagres hoje?
4. Cite algumas das coisas mais importantes e impactantes que você aprendeu sobre dons espirituais neste livro.

1 A ideia de que foi um erro escolher o 12.º apóstolo é, ela mesma, equivocada. Para uma exposição convincente, veja Eckhard Schnabel, *Acts* (ZECNT; Grand Rapids: Zondervan, 2012), p. 90-107.

2 Vern Poythress sugere que dons como o de profecia não operam mais da mesma forma que vemos no Novo Testamento, e o que vemos, no caso da profecia (e de alguns outros dons), é algo análogo ao que vemos no Novo Testamento. Essa sugestão é útil porque Poythress reconhece que aquilo que as pessoas chamam hoje de profecia não é o mesmo dom encontrado no Novo Testamento. Poythress é um cessacionista quando diz que ao menos alguns dos dons não operam mais da mesma forma que operavam no Novo Testamento, e essa é outra maneira de dizer que alguns dons não existem hoje. Ou, ao menos, não existem à medida que não coincidem com a definição dada pelo Novo Testamento ao dom. O ponto positivo na explicação de Poythress também tem, ao mesmo tempo, um ponto negativo, já que os "dons" que ele vê operando agora não estão ancorados diretamente nas Escrituras. São apenas análogos ao que vemos na Bíblia. Por exemplo, a maneira que usamos a palavra *profecia* hoje não coincide com o que o Novo Testamento fala sobre profecia, de acordo com Poythress. Assim, seriam praticados "dons" para os quais o Novo Testamento não tem garantia ou definição, já que, de acordo com Poythress, eles não são os mesmos retratados lá. É díficil sustentar um ponto intermediário assim, já que os dons, conforme hoje são praticados, não estão ancorados no texto bíblico. Em outras palavras, podemos realmente dizer que esses dons análogos estão arraigados no testemunho bíblico se não são os mesmos que encontramos nas Escrituras? Na prática, Poythress sugeriu uma solução que reconhece alguns dos pontos fortes do movimento carismático, e em muitos pontos sua visão não é diferente do que defendemos aqui. Mesmo assim, precisamos encontrar uma garantia bíblica para a ideia de que os dons que temos hoje ainda são dons mesmo que não sejam o mesmo fenômeno visto no Novo Testamento.

3 É ainda mais difícil saber se as pessoas têm o dom da fé ou de discernir espíritos. Para mim não está claro que existam pessoas com esses dons, mas talvez existam. Estou muito inseguro em relação a esses dons.

Epílogo

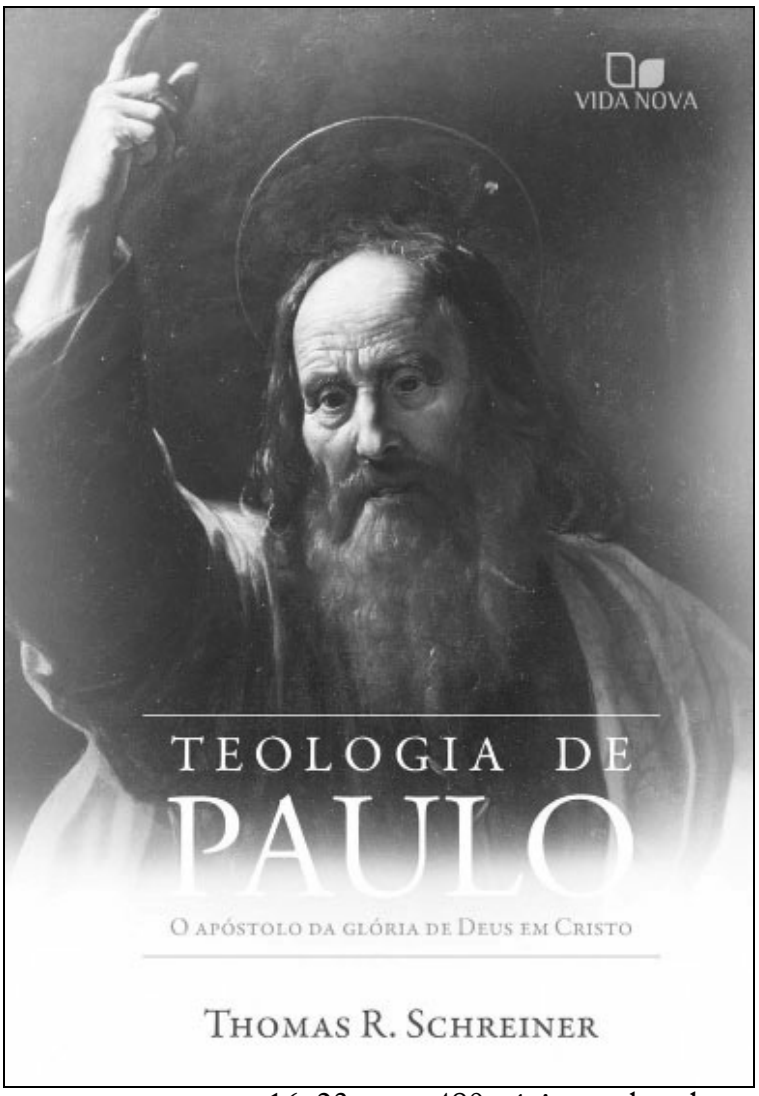
À medida que nos encaminhamos para a conclusão, é importante lembrar que os dons espirituais não são um assunto de primeira ordem. Cristãos que concordam em assuntos de primeira ordem podem discordar se dons como os de línguas, profecia e cura ainda existem hoje. Mesmo assim, concordamos sobre as questões mais importantes, como a autoridade das Escrituras, a pessoa de Jesus Cristo, a doutrina da Trindade, a justificação apenas pela fé etc. Como evangélicos, precisamos continuar a crescer na nossa capacidade de debater em amor sobre as nossas diferenças sem demonizar um ao outro e sem sugerir que os que discordam têm, de alguma forma, menos maturidade espiritual. Na cultura de hoje observamos que as discussões públicas falham neste aspecto, mas podemos nos destacar como luz do mundo ao discordarmos de um jeito amoroso e gentil.

Lembro ao leitor o que disse no início. A minha perspectiva pode estar enganada, e os continuacionistas podem ver as coisas com mais clareza do que eu. Mesmo assim, neste livro, argumentei a favor de um cessacionismo moderado. O versículo-chave para essa noção é que a igreja está "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). Como o fundamento apostólico já foi lançado, o dom de apóstolos e profetas não está mais em funcionamento hoje. Uma das bases fundamentais para essa compreensão é que a profecia do Novo Testamento não contém erros e é

totalmente verdadeira. Havia um grande perigo de falsos profetas no Novo Testamento, e se a mensagem dos profetas do Novo Testamento fosse encontrada em meio a erros, seria muito difícil discernir quem era um falso profeta e quem era um profeta verdadeiro. Também apresentei outros argumentos para apoiar a ideia de que os profetas do Novo Testamento eram tão infalíveis quanto os do Antigo Testamento. Esses profetas não operam mais hoje, e temos a Bíblia inerrante e com autoridade para nos orientar.

Neste breve livro, analisamos também muitas outras verdades e aplicações práticas em relação aos dons. Vimos que os dons não são para o nosso desfrute privado, mas para a edificação e crescimento da igreja de Jesus Cristo. Os dons não estão centrados no eu, mas nos outros. Foram dados para que a igreja se torne cada vez mais parecida com o seu Senhor, Jesus Cristo. Paulo enfatiza que o amor (1Co 13) é muito mais importante do que qualquer dom espiritual. Quando examinamos um tópico controverso, às vezes esquecemos essa verdade. Portanto, é bom encerrarmos este livro dizendo: "Ainda que eu tenha a visão correta dos dons espirituais, se não tiver amor, nada serei".

Conheça outra obra do autor



16x23 cm – 480 páginas – brochura

Todo estudante aplicado do Novo Testamento e da teologia cristã precisa conhecer a fundo o apóstolo Paulo. Nessa obra, Thomas Schreiner oferece

uma análise sólida e perspicaz da teologia paulina.

Embora seja um profundo conhecedor das questões contemporâneas em torno do pensamento paulino, Schreiner faz aqui uma análise relativamente livre de dados técnicos, indo diretamente ao âmago da questão: “A paixão da vida de Paulo, o fundamento e a pedra angular de sua visão, bem como a razão motivadora de sua missão eram a supremacia de Deus em Jesus Cristo e por meio dele”. Esse tema permeia toda a estrutura de sua obra, e o resultado é uma teologia paulina não apenas informativa, mas também espiritualmente edificante.



Liturgias Culturais
VOLUME 1

Desejando o Reino

Culto, Cosmovisão e Formação Cultural

James K. A. Smith

VIDA NOVA

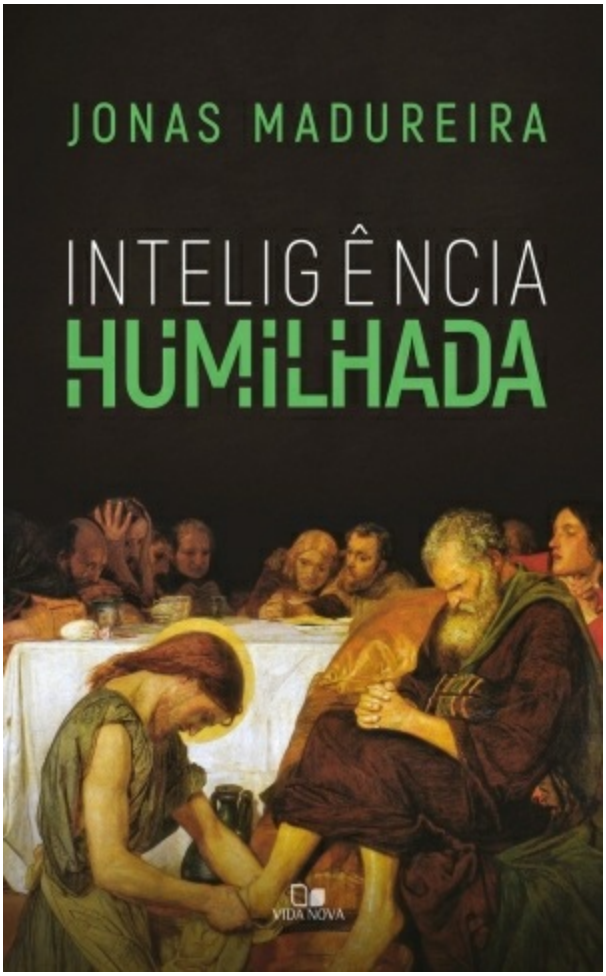
Desejando o reino

Smith, James K. A.
9788527508681
240 páginas

Compre agora e leia

Uma Teologia Filosófica da Cultura Em Desejando o reino, o filósofo James K. A. Smith reformula todo o projeto da educação cristã focando o processo de aprendizado por meio da análise de três temas principais: liturgia, formação e desejo. Neste livro — o primeiro de uma trilogia que traz uma abrangente teologia da cultura —, ao mesmo tempo que o autor repensa a educação cristã como um processo formativo que reorienta nosso desejo em direção ao reino de Deus, defende a ideia de que a adoração cristã é, na realidade, uma prática pedagógica que treina nosso amor.

Compre agora e leia


JONAS MADUREIRA
INTELIGÊNCIA
HUMILHADA
VIDA NOVA

Inteligência humilhada

Madureira, Jonas
9788527507745
336 páginas

Compre agora e leia

Inteligência humilhada é fruto de uma cuidadosa reflexão sobre como se relacionam o conhecimento de Deus e os limites da razão humana. Além disso, é o resgate de uma tradição do pensamento cristão que sempre se recusou a reduzir o debate entre fé e razão nos termos do racionalismo ou do fideísmo. A finalidade do conceito de "inteligência humilhada" é despertar o interesse por uma razão que ora e uma fé que pensa. Seguindo o conselho de João de Salisbúria, Jonas Madureira subiu nos ombros de cinco gigantes da tradição cristã: Agostinho de Hipona, Anselmo da Cantuária, João Calvino, Blaise Pascal e Herman Dooyeweerd. Todos eles serviram de ponto de partida e fundamentação do conceito. Ao longo deste livro, essas cinco vozes, sobretudo a de Agostinho, são ouvidas nos mais diversos assuntos: teologia propriamente dita, revelação natural, problema do mal, gramática da antropologia bíblica, formação de um teólogo entre outros.

Compre agora e leia


VOCÊ É
AQUILO QUE AMA
O PODER ESPIRITUAL do HÁBITO
JAMES K. A. SMITH

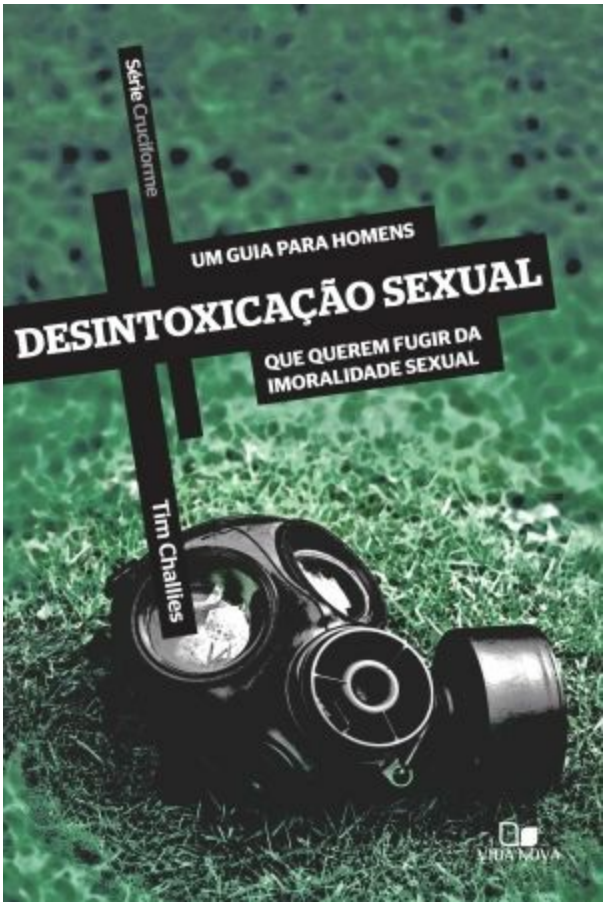
Você é aquilo que ama

Smith, James
9788527507899
256 páginas

Compre agora e leia

Você é aquilo que ama. Mas pode ser que você não ame o que pensa que ama. Nosso coração é moldado fundamentalmente por tudo o que adoramos. Talvez sem perceber, somos ensinados a amar deuses rivais em lugar do verdadeiro Deus para o qual fomos criados. Embora tenhamos a intenção de moldar a cultura, nem sempre temos consciência de quanto a cultura nos molda. Em Você é aquilo que ama, James K. A. Smith nos ajuda a reconhecer o poder formador da cultura e as possibilidades transformadoras das práticas cristãs, redirecionando nosso coração para o que de fato merece nossa adoração. Smith explica que a adoração é a "estação da imaginação", capaz de incubar nossos amores e anseios de tal modo que os nossos engajamentos culturais tenham sempre Deus e o reino como referenciais. É por essa razão que a igreja e o culto em uma comunidade local de crentes devem ser o centro da formação e do discipulado cristãos. O autor engaja o leitor fazendo um uso criativo de filmes, obras de literatura e músicas e trata de temas como casamento, família, ministério de jovens, fé e trabalho. Além de tudo, também sugere práticas individuais e comunitárias para moldar a vida cristã. Livro premiado na categoria de melhor livro de 2016 por The Word Guild Canadian Writing Awards

Compre agora e leia


Série Cruciforme
UM GUIA PARA HOMENS
DESINTOXICAÇÃO SEXUAL
QUE QUEREM FUGIR DA IMORALIDADE SEXUAL
Tim Challies
VIDA NOVA

Desintoxicação sexual

Challies, Tim
9788527505109
112 páginas

Compre agora e leia

Você não aguenta mais tanta pornografia? É hora de se desintoxicar. Este livro apresenta um retorno à saúde, um retorno à normalidade. Uma alta porcentagem de homens precisa se desintoxicar da pornografia, ou seja, recomeçar do zero do ponto de vista moral e psicológico. Seria o seu caso também? Se for, ainda que nem saiba disso, a pornografia corrompeu sua maneira de pensar, enfraqueceu sua consciência, distorceu seu senso de certo e errado e deformou seu entendimento e suas expectativas a respeito da sexualidade. Você precisa de um recomeço conduzido por Aquele que criou o sexo. "Numa época em que o sexo é venerado como um deus, um livro pequeno como este é capaz de dar uma grande contribuição, ajudando os homens a superar o vício do sexo." Pastor Mark Driscoll, Mars Hill Church

Compre agora e leia


TIMOTHY KELLER
COM KATHY KELLER
O significado do casamento
VIDA NOVA

O significado do casamento

Keller, Timothy
9788527507479
296 páginas

Compre agora e leia

Este livro se baseia na muito aplaudida série de sermões pregados por Timothy Keller, autor best-seller do New York Times. O autor mostra a todos — cristãos, céticos, solteiros, casais casados há muito tempo e aos que estão prestes a noivar — a visão do que o casamento deve ser segundo a Bíblia. Usando a Bíblia como seu guia, e com os comentários muito perspicazes de Kathy, sua esposa há 37 anos, Timothy Keller mostra que Deus criou o casamento para nos trazer para mais perto dele e para dar mais alegria à nossa vida. É um relacionamento glorioso, e é também o mais malcompreendido e misterioso dos relacionamentos. Caracterizado por uma compreensão clara e cristalina da Bíblia e por instruções significativas sobre como conduzir um casamento bem-sucedido, O significado do casamento é leitura essencial para qualquer pessoa que quer conhecer a Deus e amar mais profundamente nesta vida.

Compre agora e leia